

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO
UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Fatores Parentais que Influenciam as Atitudes do Adolescente
Face à Sexualidade

Dissertação de Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia

Elisa Maria Fernandes Salgueiro

Orientadores

Professor João Francisco de Castro

Professor Doutor Vítor Manuel Costa Pereira Rodrigues



Vila Real, 2013

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO
UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**Fatores Parentais que Influenciam as Atitudes do Adolescente
Face à Sexualidade**

Dissertação de Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia

Elisa Maria Fernandes Salgueiro

Orientadores

João Francisco de Castro,

Mestre em Bioética, Professor Adjunto da Escola Superior de Enfermagem de
Vila Real-UTAD

Vítor Manuel Costa Pereira Rodrigues

Doutor em Ciências Biomédicas, Professor Coordenador com Agregação da Escola
Superior de Enfermagem de Vila Real-UTAD



Vila Real, 2013

Salgueiro, E.M.F. (2013)

Fatores Parentais que Influenciam as Atitudes do Adolescente Face à Sexualidade.

Trabalho expressamente elaborado como dissertação original para efeito de obtenção do grau de Mestre em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia, apresentado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

Palavras-Chave: Estudantes, vivências, grupo vulnerável, parentalidade, comportamentos.

*“Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma
não é pequena”.*

(Fernando Pessoa)

Ao Luís e à Madalena,
pelo sentido da vida e pela esperança.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor João Francisco de Castro, por toda a orientação dada e pela sua disponibilidade ao longo deste tempo, ajudando-me na concretização deste trabalho.

Ao Professor Doutor Vítor Manuel Costa Pereira Rodrigues, que acompanhou este trabalho desde o início, pelo incentivo, esclarecimentos e sugestões que foi dando, permitindo o enriquecimento do mesmo.

Um agradecimento especial aos estudantes do 9º ano de escolaridade das escolas onde se realizou o estudo que, de forma voluntária, se disponibilizaram para responder ao questionário, e sem os quais este trabalho não teria sido possível.

Aos pais dos adolescentes que autorizaram os filhos a participar no estudo, por confiarem neste projeto.

Agradeço a autorização para a recolha de dados junto dos adolescentes, em contexto escolar, aos diretores das escolas onde se realizou o estudo e, em particular, a todos os professores que colaboraram na distribuição e recolha dos questionários.

Agradeço especialmente aos meus filhos pela inspiração, coragem e esperança que depositam diariamente na minha vida, permitindo-me concretizar projetos como este.

A todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho chegasse a bom porto.

ÍNDICE GERAL

PENSAMENTO	iii
DEDICATÓRIA	v
AGRADECIMENTOS	vii
ÍNDICE DE TABELAS	xi
ÍNDICE DE FIGURAS	xiii
ÍNDICE DE ANEXOS	xv
RESUMO	xvii
ABSTRACT	xix
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xxi
1. INTRODUÇÃO	23
1.1. Adolescência e desenvolvimento sexual	25
1.1.1. A educação sexual na adolescência	26
1.1.2. Atitudes dos adolescentes face à sexualidade	31
1.1.3. Importância da família na adolescência	33
1.1.4. A parentalidade	34
1.1.4.1. Parentalidade e estilos parentais	35
1.1.5. Influência das práticas parentais nas atitudes dos adolescentes face à sexualidade	37
1.2. Objetivos do estudo	39
2. METODOLOGIA	41
2.1. Problema e hipóteses	41
2.2. Tipo de estudo	42
2.3. Amostra e sua caracterização	42
2.4. Variáveis do estudo	46
2.5. Instrumentos de recolha de dados	48
2.6. Procedimentos estatísticos de análise de dados	62
2.7. Procedimentos formais e éticos inerentes à recolha de dados	62
3. RESULTADOS	65
3.1. Quanto aos contextos da sexualidade	65
3.2. Escalas de avaliação utilizadas no estudo	71
3.3. Análise inferencial	74
4. DISCUSSÃO	93

4.1. Quanto aos dados sociodemográficos	93
4.2. Quanto aos dados do contexto da sexualidade.....	98
5. CONCLUSÕES	101
6. BIBLIOGRAFIA	105
ANEXOS	111

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização da idade em função do gênero dos adolescentes inquiridos.....	43
Tabela 2. Caracterização do local de residência dos adolescentes inquiridos	44
Tabela 3. Caracterização de com quem coabitam os adolescentes inquiridos.....	44
Tabela 4. Caracterização da profissão do pai	45
Tabela 5. Caracterização da profissão da mãe.....	45
Tabela 6. Valores médios e desvios padrão dos itens pertencentes à escala da Exigência Parental .	53
Tabela 7. Valores médios e desvios padrão dos itens pertencentes à escala da Responsividade Parental	54
Tabela 8. Valores de referência KMO.....	55
Tabela 9. Análise fatorial por componentes principais das escalas da Exigência e Responsividade Parentais.....	56
Tabela 10. Valores de referência do <i>alpha de Cronbach</i>	57
Tabela 11. Consistência interna da escala da Exigência Parental	58
Tabela 12. Consistência interna da escala da Responsividade Parental	60
Tabela 13. Índices das escalas da Exigência e Responsividade Parentais.....	61
Tabela 14. Índice da correlação entre as escalas da Exigência e Responsividade Parentais	61
Tabela 15. Caracterização do Estilo Parental em função do gênero dos alunos inquiridos	62
Tabela 16. Caracterização da existência ou não de relacionamento amoroso	65
Tabela 17. Caracterização do tempo de relacionamento amoroso	66
Tabela 18. Caracterização de com quem o adolescente fala sobre sexualidade	66
Tabela 19. Caracterização do Gênero Parental de Referência em função do gênero dos adolescentes inquiridos.....	67
Tabela 20. Caracterização da educação sexual na escola	68
Tabela 21. Caracterização da existência de relações sexuais	68
Tabela 22. Caracterização da existência de relações sexuais no atual relacionamento amoroso	69
Tabela 23. Caracterização do uso de contraceção	70
Tabela 24. Caracterização da importância da utilização de preservativo nas relações sexuais.....	70
Tabela 25. Caracterização da experiência de relacionamento íntimo e sexual em função do gênero	71
Tabela 26. Inventário da cultura organizacional da família	72
Tabela 27. Classificação dos valores obtidos nas escalas do ICOF	72
Tabela 28. Conhecimentos sobre infecções de transmissão sexual.....	72
Tabela 29. Conhecimentos sobre planejamento familiar.....	72
Tabela 30. Índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes	73

Tabela 31. Motivação para fazer e não fazer sexo	73
Tabela 32. Teste de Kolmogorov-Smirnov para aferir a normalidade da distribuição do índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes	74
Tabela 33. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do género parental de referência	75
Tabela 34. Classificação da atitude do adolescente face à sexualidade em função do género parental de referência	76
Tabela 35. Correlação de <i>Spearman</i> do índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes e as variáveis das dimensões da Cultura Organizacional da Família	76
Tabela 36. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do estilo parental	77
Tabela 37. Classificação da atitude do adolescente face à sexualidade em função do estilo parental	78
Tabela 38. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da profissão do pai	79
Tabela 39. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da profissão da mãe	81
Tabela 40. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da sua faixa etária	82
Tabela 41. Classificação da atitude do adolescente face à sexualidade em função da sua faixa etária	83
Tabela 42. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função de durante as aulas terem falado de sexualidade/contraceção	84
Tabela 43. Classificação da atitude do adolescente face à sexualidade em função de durante as aulas terem falado de sexualidade/contraceção	85
Tabela 44. Índice da escala de atitudes face à sexualidade em função do género do aluno	86
Tabela 45. Teste de qui-quadrado entre os alunos do género masculino e feminino da classificação da atitude face à sexualidade em adolescentes	87
Tabela 46. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da existência ou não de relacionamento amoroso	88
Tabela 47. Classificação da atitude do adolescente face à sexualidade em função da existência ou não de relacionamento amoroso	89
Tabela 48. Índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes, estratificada pelas variáveis do género do aluno, da classe etária e da existência de um relacionamento amoroso por parte do adolescente inquirido	90

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do gênero parental de referência	75
Figura 2. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do estilo parental	78
Figura 3. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da profissão do pai	80
Figura 4. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da profissão da mãe	81
Figura 5. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da sua faixa etária	83
Figura 6. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função de durante as aulas terem falado de sexualidade/contraceção.....	85
Figura 7. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do gênero do aluno	87
Figura 8. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da existência ou não de relacionamento amoroso	89

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A - Questionário sobre Sexualidade	cxiii
Anexo B - Pedido de autorização para utilização da Escala de Exigência Parental e Escala de Responsividade Parental.....	cxxiii
Anexo C - Questionário dirigido aos pais.....	cxxvii
Anexo D - Pedido de Consentimento Informado aos pais/encarregado de educação	cxxxi
Anexo E - Pedido de autorização às instituições de ensino secundário para realização do estudo.	cxxxv
Anexo F - Resultados do questionário dirigido aos pais.....	cxxxix

RESUMO

Introdução: A adolescência constitui, por si, o momento inicial de exploração e experimentação de vivências ligadas à intimidade e sexualidade, tornando este um grupo vulnerável. Sendo no seio familiar que o adolescente experimenta os primeiros relacionamentos afetivos e com eles desenvolve capacidades para adquirir autonomia e definir a sua identidade, torna-se, importante, perceber os fatores familiares que podem estar na base das atitudes do adolescente face à sexualidade, nomeadamente os fatores parentais.

Objetivos: Identificar fatores parentais que interferem nas atitudes do adolescente face à sexualidade.

Metodologia: De acordo com os objetivos do estudo e as hipóteses elaboradas trata-se de um estudo descritivo-correlacional de natureza quantitativa, onde se procura identificar fatores parentais que possam influenciar a atitude dos jovens face à sexualidade, tendo presente que os pais são os principais intervenientes neste período crítico que é a adolescência e numa área tão sensível. A amostra é constituída por 123 adolescentes, a frequentar o 9º ano de escolaridade, provenientes de quatro escolas.

Resultados: Os resultados globais mais significativos apontam para uma atitude favorável face à sexualidade por parte de praticamente metade dos jovens (48%) e têm atitude desfavorável apenas 34,1%. Esta atitude pelo teste de hipóteses está relacionada com: *i*) o género, onde o género feminino apresenta valores médios mais elevados na escala de atitudes; *ii*) existência de relacionamento amoroso, sendo os jovens que namoram os que apresentam valores na escala de atitudes mais elevados; *iii*) género parental de referência, constituindo a mãe o membro parental que mais contribui para uma atitude favorável; *iv*) existe uma correlação altamente significativa relativamente ao conforto em falar de sexualidade com o adolescente, e a adaptabilidade e coesão familiar.

Conclusões: Verificou-se que a mãe constitui o membro parental preferido para os adolescentes falarem de sexualidade. Em dados acessórios colhidos junto dos pais, verificou-se que era a mãe que conversa mais com os filhos, está mais atenta e percebe quando têm problemas. Esta constitui também maioritariamente o encarregado de educação.

Uma orientação dirigida permite aos pais e educadores desenvolver estratégias que contribuam para que os jovens ajam com responsabilidade, tenham autoestima e não corram riscos desnecessários, tenham atitudes e comportamentos adequados e que contribuam para a vivência de uma sexualidade saudável.

Palavras-chave: Estudantes, vivências, grupo vulnerável, parentalidade, comportamentos.

ABSTRACT

Introduction: Adolescence is, by itself, the time of initial exploration and experimentation of experiences related to sexuality and intimacy, making this a vulnerable group. Thus, adults, families and educators that accompany the teenager are important actors in his development process. Since it is within the family that the teenager experiences the first affective relationships and it is with them that he develops capabilities to acquire autonomy and define his identity, it becomes important to understand the family factors that may underpin adolescent's sexual attitudes, particularly parental factors.

Purpose: Identify parental factors that may underpin adolescent's sexual attitudes.

Methods: In this context we conducted the study "parental factors that influence adolescent's attitudes regarding sexuality". It is a quantitative descriptive-correlational study, which seeks to identify parental factors that may influence teens' attitudes towards sexuality, bearing in mind that parents are the key players in this critical and sensitive period that is adolescence. The sample consists of 123 adolescents attending the 9th grade from four schools.

Results: The most significant overall results indicate a favorable attitude towards sexuality by almost half of young people (48%) and an unfavorable attitude by only 34,1 %. This attitude, by hypothesis testing, is related to: *i*) gender, with the female having the higher average values in the attitudes scale; *ii*) age group, where younger adolescents show higher rates; *iii*) existence of loving relationship; *iv*) parental reference gender and parents' profession.

Conclusions: Also, in accessory data collected from parents, was found that the mother is the parental member who talks more with the children, is more aware and realizes when they have problems. She is also more frequently the responsible for education. The family context is of great importance in young people's adoption of sexual behaviors, existing a highly significant correlation for the comfort in talking about sexuality with adolescents, family cohesion and adaptability. A guided orientation allows parents and educators to develop strategies to help young people to act responsibly, to have self confidence, to not run unnecessary risks and to have appropriate attitudes and behaviors which contribute to an healthy sexuality living.

Keywords: Students, experiences, vulnerable group, parenting, behaviors.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFE - Análise Fatorial Exploratória

cit. - citado

cols. - colaboradores

EAS - Escala de Atitudes face à Sexualidade

ICOF - Inventário da Cultura Organizacional da Família

KMO - Kaiser-Meyer-Olkin

nº - número

p. - página

SIDA - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

SPSS - Statistical Package for the Social Science

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade humana tem evoluído ao longo dos tempos e assumido diferentes formas, sendo considerados como aceitáveis e socialmente adequados, comportamentos e atitudes sexuais de acordo com os valores que regem determinada cultura em determinado momento. Assim, nos últimos anos, a sociedade ocidental assistiu a uma evolução da sexualidade que atingiu todas as sociedades, incluindo as mais tradicionais. Nesta perspectiva, e como resultado da maior liberalização dos costumes sexuais, houve um aumento de adolescentes, entre os 15 e os 18 anos, especialmente do sexo feminino, que se tornaram sexualmente ativos (Antunes, 2007).

No entanto, as transformações que se deram não inverteram o que se espera dos comportamentos sexuais de ambos os gêneros, evidenciando-se uma maior tolerância nos comportamentos sexuais do gênero masculino, continuando as raparigas a manifestar comportamentos muito condicionados por padrões culturais, sociais e parentais. Verifica-se, porém, uma valorização da sexualidade tanto nos rapazes como raparigas, tendo esta adquirido um significado mais alargado, não se restringindo às relações sexuais.

A Organização Mundial de Saúde delimita a adolescência na segunda década de vida, entre os 10 e 19 anos de idade e considera a juventude dos 15 aos 24 anos de idade. Esta fase constitui um período fundamental do desenvolvimento humano e revela-se como o momento inicial de exploração e experimentação de vivências ligadas à intimidade e sexualidade, tornando este um grupo vulnerável. Assim, os adultos, as famílias, os educadores e os profissionais de saúde que acompanham o adolescente, são atores importantes no seu processo de desenvolvimento. Na sociedade atual, onde o adolescente tem acesso a todo o tipo de informação, adquire autonomia mais cedo, onde são permitidas liberdades sexuais que antigamente nem sequer os seus pais sonhavam possíveis, este passa a confrontar-se simultaneamente com os riscos que lhes estão associados, tais como a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA), outras infeções de transmissão sexual e a gravidez na adolescência (Matos, 2007). Muitos são os intervenientes envolvidos neste processo. Os pais, os professores e os profissionais de saúde, têm um contributo importante na promoção da saúde sexual do adolescente. No nosso país, as políticas da saúde e da educação pretendem uma colaboração entre os profissionais da saúde, da educação e também das famílias. Verifica-se, no entanto, que alguns dos intervenientes

neste processo apresentam dificuldades em abordar esta temática com os adolescentes, sendo os pais os que mais diretamente lidam com os jovens e que assumem o primeiro papel na educação dos filhos, sendo também estes que apresentam muitas dificuldades (Quintal, 2012).

Neste sentido, torna-se importante perceber quais os fatores que influenciam a vivência desta fase no que concerne ao desenvolvimento de atitudes e adoção de comportamentos saudáveis, estudando conceitos relacionados com a parentalidade, a adolescência e a sexualidade.

Sabe-se que a família tem um grande impacto na vida, constituindo de facto o pilar fundamental no desenvolvimento do indivíduo como ser individual e social, sendo a ponte entre o interior e o exterior, constituindo o berço da relação social entre “o eu” e “o outro” (Bayle, 2005). A família é o primeiro grupo onde o adolescente vive e cresce e que vai ajudar a estruturar a sua personalidade. “É a primeira instituição social que vai assegurar proteção, carinho, amor e responder de forma adequada às suas necessidades fundamentais, como alimentação, o afeto, a proteção e a socialização” (Bayle, 2005, p.321). Dentro da família, os papéis maternos e paternos foram-se modificando ao longo dos tempos. No contexto social atual, a parentalidade tomou novas formas resultado das dinâmicas sociais e movimentos de opinião. Podemos encontrar parentalidades por adoção, monoparentalidades, parentalidades plurais, famílias reconstituídas, parentalidades homossexuais e parentalidades medicamente assistidas (Bayle, 2005).

Neste âmbito, consideramos que as atitudes do adolescente face à sexualidade podem estar ligadas a fatores familiares relacionados com a parentalidade. Conscientes da complexidade deste fenómeno e das diversas variáveis em jogo, quisemos perceber quais são esses fatores.

Este estudo decorreu durante o ano de 2012, abrangendo os alunos do 9º ano de escolaridade da Escola E.B.2,3/S Miguel Torga, da Escola S/3 S. Pedro, da Escola Camilo Castelo Branco e da Escola E.B.2,3 D. Sancho I.

O estudo será constituído por cinco partes fundamentais, o enquadramento teórico, a metodologia do estudo, a apresentação dos resultados, a discussão dos resultados e, por último, as conclusões.

1.1. Adolescência e desenvolvimento sexual

A adolescência constitui uma fase marcada por características físicas e psicológicas próprias, comuns a todos os jovens, existindo referência à juventude desde a antiguidade (Braconnier & Marcelli, 2000) e em todos os quadrantes geográficos (Beato, 2008). Braconnier e Marcelli (2000) referem ainda que a adolescência como grupo social autónomo, com uma especificidade própria e caracterizando um período de vários anos de existência, apareceu por volta dos séculos XVIII e XIX. Outros referem que só mais recentemente, depois da segunda guerra mundial, se detetou este grupo autónomo e contestatário em relação ao mundo adulto.

Não existe dúvida de que este período constitui uma fase de grandes transformações e grandes aquisições, tanto na esfera física como social, cognitiva e particularmente na definição da identidade e aquisição de autonomia (Reichert, 2006), sendo por isso de extrema importância o acompanhamento do desenvolvimento da sexualidade nesta etapa.

A transformação do corpo que corresponde à puberdade é a característica principal da adolescência. Esta fase, que leva em média dezoito meses a dois anos (Braconnier & Marcelli, 2000), realiza-se por etapas cheias de dúvidas, incertezas, avanços, recuos e inibições que ilustram bem a dificuldade de adaptação e estruturação desta fase na vida de cada indivíduo.

Com as transformações físicas rápidas, o adolescente tem dificuldade em se relacionar com o seu próprio corpo, vivendo uma ambiguidade de emoções e sentimentos, alternando entre um otimismo e entusiasmo inabalável e a depressão e aborrecimento. A sua sexualidade desperta com características novas e surgem interesses que, muitas vezes, parecem exagerados e despropositados. Com estas dúvidas e incertezas, os jovens vão avançando e recuando no caminho da autonomia, procurando estabelecer relações amorosas extrafamiliares, desenvolvendo relações de suporte, de solidariedade e competição com os pares e iguais e com o grupo de amigos (Relvas, 2000).

A sexualidade assume uma importância fundamental no desenvolvimento da personalidade e da identidade, bem como do processo educativo, que caracteriza o homem e a mulher no plano físico e psicológico, influenciando toda a sua expressão que tem como objetivo a complementaridade dos sexos (Vaz, 2011). Engloba as emoções, as atitudes e os comportamentos, associados não só à função reprodutiva mas também aos padrões sociais e individuais. Se nos séculos passados a sexualidade era encarada única e exclusivamente com

o objetivo da reprodução, atualmente, vivemos uma época de grande permissividade e liberalização no que se refere a esta área, que levou os jovens a mudarem as suas atitudes e comportamentos, tornando-se sexualmente ativos cada vez mais cedo e adotando estilos de vida de risco e pouco saudáveis (Neves, 2011). Hoje, a sexualidade é vista como uma fonte de prazer, de equilíbrio e bem-estar, onde o indivíduo procura amor, carinho e afeto numa relação que pode ser duradoura e estável, ou simplesmente numa situação casual, sem compromisso. Na sexualidade humana estão subjacentes os desejos, os sentimentos e as fantasias, elementos importantes da psicologia sexual, que se especificam e consolidam na puberdade, permanecendo durante toda a vida. Contudo, cada sociedade e cada cultura regulam os seus comportamentos sexuais através dos costumes, da moral e das leis civis, sendo necessário compreender a psicologia sexual e a cultura em que cada um vive, para entender a sexualidade. O grupo sexual de pertença, as atitudes face aos meios contraceptivos, os comportamentos e as práticas sexuais, o número de parceiros e o modo de prevenir as doenças de transmissão sexual são conceitos aprendidos e transmitidos dentro de cada sociedade, tendo um papel decisivo a família, a cultura e as características do próprio indivíduo (Martins, Nunes, Silva & Garcia, 2008; Ramiro, Reis, Matos, Diniz & Simões, 2011).

1.1.1. A educação sexual na adolescência

A educação para a sexualidade é um processo que faz parte da formação contínua do indivíduo, desde a infância, e deve começar o mais cedo possível, sendo os pais os primeiros responsáveis (Costa, Lopes, Souza & Patel, 2001).

A adolescência constitui uma fase do desenvolvimento em que se dão grandes transformações orgânicas, cognitivas, socioculturais e afetivas que interferem de forma significativa nos relacionamentos familiares, escolares e sociais (Martini & Bandeira, 2003), sendo considerada por Beato (2008) “como uma fase com dificuldades, mais-valias e desafios, mas acima de tudo, como um período de crescimento e evolução importante para a formação do futuro adulto” (p.1).

Ao longo dos últimos anos, a sociedade tem evoluído muito no sentido de existir uma maior permissividade relativamente aos comportamentos sexuais dos adolescentes, o que tornou estes comportamentos mais liberais (Pereira, 2002; Vaz, 2011).

Assim, a problemática da educação sexual dos adolescentes constitui uma grande preocupação de pais e educadores pois, nos dias de hoje, observa-se que os jovens iniciam cada vez mais cedo a atividade sexual, adotando muitas vezes práticas e comportamentos que os expõem a vários riscos. A educação sexual dos jovens constitui a mais importante forma de prevenção de problemas ligados à saúde sexual e reprodutiva, podendo contribuir para ajudar os adolescentes a tomar decisões mais adequadas nesta área, pois o facto de terem atualmente muita facilidade em obter informação, não garante que as suas escolhas sejam as mais adequadas (Matos, 2008; Ramiro et al., 2011). Estudos desenvolvidos ao nível nacional e internacional, relativos à saúde e bem-estar dos adolescentes, comportamentos e estilos de vida, têm dado importantes contributos para se conhecer as necessidades dos adolescentes e se definir políticas e estratégias de saúde e educação ajudando a prever riscos e desafios neste âmbito (Matos, 2012).

Poderemos então perguntar: a quem cabe este papel?

É um facto que os adultos que cercam o adolescente, pais e professores, têm dificuldade para abordar esta temática no dia-a-dia, não permitindo com isso que os jovens tenham uma fonte segura, principalmente nos dias atuais, para esclarecer as suas dúvidas. A família, a escola e os pares são os intervenientes mais diretamente envolvidos neste papel, demonstrado pela maioria dos estudos existentes nesta área.

De um modo geral, embora atualmente a vida sexual se inicie cada vez mais cedo, os jovens não têm informações consistentes e que possam incorporar, sobre o desenvolvimento e a saúde sexual. Apesar de receberem muitas informações sobre sexualidade, têm pouco acesso a orientação e a serviços de planeamento familiar, sendo a fonte dos seus conhecimentos, transmissora, muitas vezes, de conceitos errados, carregados de tabus, vindos de colegas e amigos que também não tiveram acesso a educação sobre sexualidade (Romero, Medeiros, Vitalle & Wehba, 2007).

Papel dos pais

A influência da família parece ser mediada pela transmissão de valores dos pais aos filhos, e os pais podem exercer tal influência por meio de atitudes de aprovação ou reprovação de algum tipo de comportamento ou por meio do seu próprio comportamento, tido como exemplo do que parece ser aceitável ou inaceitável. (Borges, Latorre & Schor, 2007, p.1584)

É durante a adolescência que o relacionamento erótico e afetivo se torna mais explícito, sendo a atuação dos pais um contributo decisivo para a formação de valores e atitudes do indivíduo em relação à sua vida sexual. Apesar de o adolescente viver um período em que a pertença a um grupo se torna de extrema importância, os filhos sentem que os seus pais podem ser uma grande ajuda, pois funcionam como recursos sempre disponíveis nos momentos mais difíceis (Antunes, 2007). A família funciona como uma base segura, a partir da qual os adolescentes podem explorar as relações com os colegas e para onde poderão voltar sempre que necessitem de apoio e proteção. As relações com os pais podem de facto afetar as relações que estabelecem com os amigos, sendo mais fácil para os adolescentes que têm relacionamentos democráticos com os pais, ou aqueles provenientes de famílias em que a comunicação é aberta e onde é encorajado o respeito mútuo e a intimidade, estabelecerem amizades e relacionamentos íntimos com os amigos do que para aqueles que não vêem os pais dessa forma (Antunes, 2007; Vaz, 2011). Nesta perspetiva, a qualidade das relações familiares é fundamental, para ultrapassar com êxito as transformações que se produzem nesta etapa, resultantes de todas as transições por que passa o adolescente até atingir a autonomia e identidade.

Neste sentido, vários estudos nesta área revelam que os pais são um pilar importante na formação e preparação para a vida sexual do jovem, sendo que na maioria dos casos, a mãe é o membro familiar que desempenha o papel mais ativo enquanto fonte de informação sobre sexualidade (Martins et al., 2008; Nodin, 2000).

Papel da escola

A escola constitui um local privilegiado para a educação sexual dos adolescentes por ser um espaço onde estes passam um longo período do seu tempo e também por conter todos os recursos, quer humanos quer materiais para a informação e orientação dos jovens. Sendo o papel da escola formar e informar, esta torna-se, assim, um dos grupos de referência na educação para a sexualidade.

No contexto do programa de saúde escolar surgiu a Lei nº 60/2009, de 6 de agosto, estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar nos estabelecimentos do ensino básico e secundário, estando integrada no âmbito da educação para a saúde. Cada agrupamento de escolas e escolas não agrupadas devem designar um professor coordenador para a educação para a saúde e educação sexual, deverão ter uma equipa interdisciplinar para

desempenhar as competências no âmbito da temática, com uma dimensão adequada ao número de turmas existentes. Também cada turma tem um professor responsável pela educação para a saúde e saúde sexual, sendo facultado a todos os envolvidos a formação necessária para o desempenho das funções. Este projeto reconhece, no artigo 2º, a importância da participação de toda a comunidade escolar, no processo educativo (encarregados de educação, alunos), assim como o acompanhamento pelas unidades de saúde locais. No âmbito da educação sexual em meio escolar, as instituições de ensino devem, ainda, disponibilizar um gabinete de informação e apoio ao estudante, sendo o funcionamento deste assegurado por profissionais com formação nas áreas da educação para a saúde e educação sexual, organizado com a participação dos alunos e que garanta a confidencialidade aos seus utilizadores.

Deste modo, para cumprir esta função, a escola depende dos seus professores e da sua capacidade de orientação nesta área, que revelam por vezes alguma insegurança e falta de preparação para a abordagem de alguns assuntos, como tem sido demonstrado por alguns estudos realizados (Jardim, 2006; Reis & Vilar, 2004).

Apesar da renitência de alguns professores e educadores e mesmo dos próprios pais, em se abordar esta temática em meio escolar, a literatura mostra que adolescentes que receberam aulas de educação sexual, utilizaram o preservativo em maior número na primeira relação e, ainda, apontam a escola como fonte de informação sobre sexualidade, valorizando a informação recebida e o local onde foi adquirida (Saito & Leal, 2000). Segundo Ramiro e Matos (2008), a avaliação efetuada aos vários programas de educação sexual nas escolas indica que esta tem atrasado a entrada na vida sexual ativa ou aumentado a frequência de utilização do preservativo dos que já tinham iniciado a sua vida sexual. Estes referem ainda que a escola é o local de formação privilegiado e fornece educação sexual formal e articulada, enquanto outros meios, como a internet e meios de comunicação, fornecem informação não estruturada.

Papel dos amigos

Na nossa sociedade, o tema da sexualidade ainda se encontra muito cercado de mistérios e tabus, o que se traduz na dificuldade dos pais em abordar esta temática em casa com os seus filhos adolescentes. Perante esta falta de diálogo em casa, os filhos acabam por procurar a informação em grupos de outros adolescentes também imaturos, levando a uma conduta de risco e prática de sexo de forma insegura (Sousa, Fernandes & Barroso, 2006).

Na adolescência, é esperado que os jovens enfrentem um processo de aquisição de autonomia e independência emocional dos pais e, ao mesmo tempo, estabeleçam relações mais fortes e amadurecidas com o grupo de amigos (Caissy, 1994 e Zimmer-Gembeck, 2002, cit. por Dias, Matos & Gonçalves, 2007). Durante este processo de emancipação da tutela familiar, opera-se ao mesmo tempo uma intensificação nas relações com o grupo de pares, há um grande investimento nas atividades sociais entre os amigos da mesma idade, assumindo um grande significado no desenvolvimento psicossocial do adolescente (Dias et al., 2007).

A influência do grupo de amigos nos comportamentos do adolescente é muito marcada pela pressão e pela adoção dos comportamentos considerados como norma. No campo da sexualidade, um dos fatores de risco mais importante, é a pressão que muitos jovens sentem para ter relações sexuais por parte do grupo de pares (Dias et al., 2007). A maioria dos adolescentes procura informações sobre sexualidade e quando tem dúvidas, uma parte significativa procura os amigos como fonte de informação (Brêtas et al., 2003). Um estudo realizado por Borges, Nichiata e Schor (2006), mostra esse facto, que é com os amigos que os adolescentes falam com maior frequência sobre sexo (perfazendo 57,2% no grupo masculino e 45,3% no grupo feminino).

Papel dos profissionais de saúde

As ações educativas para adolescentes que contemplam a saúde sexual e reprodutiva devem ser abordadas por profissionais capazes de sensibilizar para uma maior qualidade de vida, tendo em conta as especificidades da adolescência. Deste modo, os enfermeiros, como profissionais estreitamente ligados ao ser humano, têm um papel de destaque na prevenção de comportamentos de risco e na promoção de hábitos de vida saudáveis (Beserra, Pinheiro & Barroso, 2008). Destes profissionais, salientamos o contributo que os enfermeiros especialistas em saúde materna e obstetrícia podem dar, pelas suas competências específicas na área saúde sexual e reprodutiva, podendo ajudar os adolescentes a vivenciar experiências positivas neste campo. Ao nível dos cuidados de saúde primários, pela sua proximidade, estes profissionais podem identificar situações de grande dificuldade na abordagem nesta área, podendo a sua intervenção minimizar os problemas que possam afetar os jovens, assim como colaborar com outras instituições para que os adolescentes sintam confiança e procurem informação segura e consistente para dar resposta às suas dúvidas.

1.1.2. Atitudes dos adolescentes face à sexualidade

As atitudes que temos perante situações, pessoas ou coisas, influenciam a forma como nos comportamos, principalmente se estão sujeitas a polémica ou se estamos pessoalmente implicados. Se achamos algo negativo ou perigoso, tentamos evitá-lo, pelo contrário, se alguma coisa nos surge como positiva e nos traz sentimentos de agrado, tendemos a procurá-lo. Podemos, assim, dizer que as atitudes se vão formando ao longo da vida, resultando de experiências e comportamentos observados e apreendidos com os outros (Lopez & Fuertes, 1999).

Para Neves (2011), “cada atitude tem três componentes: um cognitivo (crença ou ideia), valores afetivos (sentimentos e emoções), e tendências comportamentais (predisposições) que dirigem o modo como o indivíduo atua” (p.40). Deste modo, as atitudes refletem as posições do indivíduo face a determinadas experiências, influenciam o comportamento, e resultam da integração de normas no meio social onde se está inserido. No que concerne à sexualidade, as atitudes tem uma relevância especial, pois envolvem outras pessoas, determinando muitas vezes a forma como se vivencia este processo.

Apesar de a sexualidade ser definida como um conjunto de fenómenos que permeiam todos os aspetos da nossa existência, ela é vista inicialmente como um fenómeno biológico. No entanto, constitui também um fenómeno social e psicológico e só pode ser compreendida quando inserida no âmbito e nas regras da cultura em que se vive. Os comportamentos sexuais são também comportamentos sociais, pois implicam quase sempre outras pessoas, existindo, em cada sociedade, diferentes proibições e permissividades em relação à sexualidade e, no processo de adaptação cultural do ser humano, o controlo da sexualidade é um dos aspetos centrais (Lopez & Fuertes, 1999). Praticamente todas as culturas impõem alguma forma de restrição ao comportamento sexual. É por isso que, dentro da sua própria cultura, o adolescente recebe as mensagens, muitas vezes ambíguas, quer dos familiares quer do grupo de amigos ou mesmo dos meios de comunicação social, relativamente aos comportamentos tidos como corretos no campo da sexualidade.

Atualmente, os adolescentes iniciam cada vez mais cedo a sua vida sexual, constituindo um grupo vulnerável a situações de risco, como a aquisição de infeções sexualmente transmissíveis e gravidez precoce, pois existe, hoje, uma maior liberdade e facilidade de contactos íntimos precoces, estímulos dos meios de comunicação social e falta de acesso a

informação e discussão sobre temas de sexualidade e contraceção (Brêtas, Ohara, Jardim & Muroya, 2009). O desenvolvimento sociocultural provocou grandes alterações na nossa sociedade, modificando os padrões de vida e evidenciando a necessidade cada vez maior da educação para a sexualidade. A televisão constitui um meio de comunicação social com grande influência na vida dos adolescentes, que utiliza o sexo como um modo de entretenimento e marketing. A forma como omite e deturpa aspetos relacionados com a sexualidade, transmite uma ideia irreal, banalizando os comportamentos e levando os jovens a pensar que é um assunto sem importância e sem consequências reais. Existe, diariamente, uma pressão sobre os jovens para o ser sexual, através dos anúncios televisivos. Os produtos e os modelos que servem de estereótipo exibem algum erotismo implícito, influenciando deste modo os adolescentes, levando a uma banalização da sexualidade.

A adolescência constitui, por isso, a faixa etária que apresenta uma maior incidência de infeções de transmissão sexual (Martins et al., 2006), representando, deste modo, um sério impacto na sua saúde sexual e reprodutiva. Estudos destacam que os jovens possuem um maior conhecimento sobre prevenção das infeções de transmissão sexual que os adultos, mas a sua compreensão não é suficiente para adotar comportamentos sexuais seguros. Marques, Mendes, Tornis, Lopes e Barbosa (2006), referem que:

...desenvolver ações de prevenção voltadas para os jovens é uma prioridade para o controle das doenças, e a compreensão do contexto é fundamental no planeamento de intervenções educacionais para o alcance dessas práticas e ... percebe-se que, mesmo sendo a informação parte importante na educação sobre sexualidade e prevenção das doenças de transmissão sexual, a disseminação do conhecimento para promover o sexo seguro e sadio continua a ser ignorada e não tem conseguido provocar a mudança de comportamento desejada entre os jovens. (p.59)

Ainda relativamente aos conhecimentos sobre sexualidade, estudos demonstram que os adolescentes estão informados de que o preservativo é o único método contracetivo que previne as infeções de transmissão sexual (Ribeiro & Fernandes, 2009), mas mesmo assim uma grande percentagem não o utiliza (Taquette, Vilhena & Paula, 2004). No entanto, a pílula constitui o método de que os adolescentes têm maior conhecimento como contracetivo (Schor, França, Siqueira, Pirotta & Alvarenga, 1998). Estes referem, ainda, que mais de 90% dos adolescentes conhece algum tipo de método anticoncecional. Sabe-se que a prática de contraceção entre as adolescentes é mínima, embora a proporção de conhecimento de meios de contraceção seja alta, concluindo que existe uma lacuna entre conhecer e usar a contraceção.

1.1.3. Importância da família na adolescência

A família constitui um lugar privilegiado de aprendizagem e elaboração de formas significativas de interação, constituindo, por isso, um enquadramento relacional para o desenvolvimento do ser humano (Alarcão & Gaspar, 2007). As configurações familiares têm sofrido ao longo do tempo profundas alterações na sua estrutura, forma e funcionamento, cada vez mais notórias. Entre outras definições de família, Alarcão e Gaspar (2007) remetem a definição sistémica de família para duas componentes fundamentais: *i*) função interna, responsável pela proteção e autonomia dos diferentes elementos; *ii*) e função externa, responsável pela boa integração social e cultural. Ainda segundo a mesma autora, o subsistema parental possui funções executivas no sentido da educação e proteção das gerações mais jovens. É no contexto familiar que os jovens aprendem o sentido da autoridade, a forma de lidar com os conflitos, o sentido de pertença familiar e a definição de papéis. É também neste contexto que aprendem a ultrapassar as crises relacionadas com possíveis alterações no equilíbrio e funcionalidade familiar. De acordo com Matos (2007), a família:

...é um espaço privilegiado para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interação: os contactos corporais, a linguagem, a comunicação, as relações interpessoais. É ainda o espaço de vivências de relações afetivas profundas, numa trama de emoções e afetos positivos e negativos que vão dando corpo ao sentimento de sermos quem somos. (p.47).

Neste sentido, Relvas (2000) realça a necessidade de se estabelecer um novo equilíbrio entre o indivíduo, a família e o meio social nesta etapa do ciclo vital familiar, assinalada pelo adolecer dos elementos mais jovens. Refere ainda que este reajustamento não tem a ver apenas com o adolescente mas diz respeito a todos os membros da família e, logicamente, ao sistema como um todo. O contexto social envolvente tem um peso importante na forma como as famílias vivem, trabalham e ultrapassam esta etapa do seu desenvolvimento, sendo esta adaptação estrutural da família e do sistema na sua globalidade, que permite a continuidade funcional e organizacional.

As várias perspetivas e conceitos que têm sido construídos sobre a família já não se ajustam no panorama de organização familiar atual, no entanto, ajudam-nos a perceber a evolução e dinâmica da família, os fatores que ainda perduram, que características apareceram e que aspetos foram desaparecendo (Nave, 2006). Apesar das transformações que sofreram as configurações familiares nas últimas décadas, os estudos convergem na ideia de que esta

instituição mantém um papel central no desenvolvimento dos seus membros, onde o indivíduo encontra segurança e bem-estar. Constata-se que estas alterações na configuração da família não estão associadas ao bem-estar psicológico dos seus membros, mas a qualidade do relacionamento familiar, revela-se um fator determinante (Wagner, Ribeiro, Arteché & Bornholdt, 1999). De acordo com Hutz (2002), características familiares como coesão, afetividade e ausência de discórdia e de negligência, constituem fatores de proteção para o desenvolvimento dos adolescentes.

1.1.4. A parentalidade

Canavarro e Pedrosa (2005), referem-se à parentalidade como a construção de uma relação, evidenciando a questão da segurança e da prestação de cuidados como fatores importantes de vinculação. É no contexto desta relação que a criança, mais tarde o jovem, procura segurança oferecida pela proteção parental e que o ajudará a gerir as suas emoções e regular os seus estados emocionais. As mesmas autoras, baseando-se na teoria de vinculação de John Bowlby, referem que é uma necessidade humana universal, as pessoas constituírem ligações afetivas de proximidade durante a vida de forma a sentirem segurança na exploração do meio e dos outros.

A teoria da vinculação foi desenvolvida por John Bowlby e Mary Ainsworth, a partir de um estudo realizado com crianças hospitalizadas ou institucionalizadas que tinham sido separadas dos seus pais. Nesta pesquisa identificaram três fases de resposta à separação nestas crianças: *i*) protesto, relacionado com a ansiedade da separação; *ii*) desespero, relacionado com o luto e com a dor; *iii*) e desvinculação, relacionado com processos defensivos (Beato, 2008). Nesta teoria, Bowlby (1988) salienta a importância da influência da qualidade da comunicação emocional entre mãe e filho e como esta influencia o resto da vida do indivíduo. É essencial para a saúde mental da criança ter um relacionamento afetivo, íntimo e contínuo com a sua mãe no qual ambos sintam satisfação e prazer. Nesta relação, mãe e criança devem sentir-se identificados um com o outro. Este tipo de relação vai modificar tanto a personalidade da mãe como a do filho.

A função paterna varia com a cultura, as épocas, a idade e o sexo da criança. Hoje, com os métodos de acompanhamento da gravidez, os homens preparam de forma diferente a paternidade, envolvendo-se desde cedo nos cuidados aos filhos, tornando-se mais

participativos, mesmo se a maioria das famílias continua a enquadrar-se no modelo tradicional (Bayle, 2005).

1.1.4.1. Parentalidade e estilos parentais

Os pais constituem uma das influências mais importantes na vida dos filhos, pois são as pessoas que mais de perto interagem e influenciam o seu desenvolvimento. O jovem, para ingressar na vida adulta, deve adquirir uma série de competências, e o desenvolvimento destas competências estará relacionado com os estilos educativos adotados pelos pais, podendo contribuir para ajudar ou dificultar o seu desenvolvimento (Reichert, 2006). Este refere ainda que é nesta etapa que alguns jovens conseguem ter alguma autonomia relativamente aos seus pais, podendo agir e tomar decisões por si mesmos, enquanto outros manifestam muita dificuldade em se tornarem independentes. Neste contexto, vários estudos têm sido feitos no sentido de perceber qual o efeito dos estilos educativos parentais no desenvolvimento comportamental das crianças. Ainda para Reichert (2006), “o estilo educativo parental pode ser entendido como o clima emocional que perpassa as atitudes dos pais. É o contexto dentro do qual os pais operam os esforços para socializar os seus filhos de acordo com suas crenças e valores” (p.24). A maioria dos estudos diferencia práticas educativas parentais e estilos parentais (Costa, Gomes & Teixeira, 2000). Pacheco, Silveira e Shneider (2008), referem que práticas educativas são estratégias que os pais utilizam para lidar com o comportamento dos filhos com o objetivo de os socializar, e o estilo parental caracteriza a forma como os pais lidam com as questões de poder e hierarquia, posições que adotam quanto aos problemas disciplinares e de comportamento, relativamente aos filhos.

As relações entre pais e filhos, a forma como os primeiros educam os filhos e a influência que estes processos exercem no desenvolvimento socio emocional dos adolescentes, tem sido objeto de interesse em vários estudos (Benetti & Balbinotti, 2003). Aliás, como demonstra o estudo de Costa e cols. (2000), em que se verificou que o estilo parental influencia de forma significativa diversas áreas do desenvolvimento psicossocial de adolescentes, tais como o ajustamento social e o desempenho escolar.

Nesta linha de pensamento, e apesar da variedade de fatores associados às atitudes dos adolescentes face à sexualidade, o interesse pela influência da família na adoção e manutenção de comportamentos sexuais nos adolescentes, tem crescido (Dias et al., 2007).

Existem vários estudos para avaliar os estilos parentais. Dentro destes, há os que são aplicados aos pais e outros que revelam a percepção dos filhos, que são quem sente a influência dos estilos educativos. Brás (2008), baseando-se em estudos pioneiros realizados por Diana Baumrind, refere inicialmente três tipos de estilos parentais: permissivo, autoritário e autoritativo ou autorizante. No estilo *permissivo*, os pais evitam exercer o controlo e não impõem regras à criança, são por isso pouco exigentes e dão autonomia à criança para tomar as suas próprias decisões. Os pais *autoritários*, pelo contrário, impõem regras recorrendo ao controlo, tentam modelar o comportamento dos filhos de acordo com as suas crenças. São pais muito exigentes, não fomentam a comunicação e restringem a autonomia. Já os pais com estilo *autoritativo*, valorizam tanto a obediência como a autonomia, são exigentes mas também permitem a comunicação verbal de forma a dar a entender aos filhos as razões das regras e decisões. Posteriormente, foi integrado o estilo parental *negligente*, revelando piores resultados que os outros estilos. Pais negligentes não exigem responsabilidade aos filhos mas também não encorajam a sua independência.

Macobby e Martim foram dois investigadores que propuseram a definição de *responsividade* e *exigência* como modelo teórico, em que a combinação destas duas dimensões resulta na terminologia dos estilos parentais (Mosmann, 2007). Para Macobby e Martin (1983), pais com altos níveis de responsividade e exigência são classificados como *autorizantes*, em contrapartida, pais que apresentam baixos níveis de exigência e responsividade, são tidos como *negligentes*. Já pais com altos índices de responsividade mas pouco exigentes, são classificados como *indulgentes*, enquanto os que apresentam altos níveis de exigência e pouca responsividade são tidos como *autoritários*.

Relativamente à percepção dos estilos parentais por parte dos adolescentes, existem estudos que apontam diferenças entre géneros. Hutz (2002), refere-se a vários estudos que revelam que os pais tendem a ser mais autoritários ou negligentes com os filhos meninos, e mais autoritativos ou indulgentes com as filhas. No estudo de Costa e cols. (2000), os índices mais elevados de responsividade e exigência percebidos pelo grupo feminino mostram que as meninas têm uma maior percepção das práticas parentais que os rapazes. Ainda segundo os mesmos autores, a mãe é mais marcante no ambiente familiar no que diz respeito às práticas educativas, constituindo em vários estudos o progenitor com quem o adolescente conversa mais e mantém laços mais próximos. Neste estudo, destaca-se a elevada percentagem de pais tidos como autoritativos e negligentes, mostrando que numa boa parte dos adolescentes, os

seus pais são responsáveis mas ao mesmo tempo também lhes impõem limites. De igual modo, outro grupo significativo de jovens vê os seus pais pouco envolvidos com eles e pouco preocupados em estabelecer algum tipo de controlo sobre o seu comportamento.

Estas investigações têm demonstrado que a qualidade da parentalidade desempenha um papel importante no desenvolvimento dos jovens (Dias et al., 2007). A tonalidade do diálogo entre pais e adolescentes é importante, sendo que a sua componente afetiva não se desenvolve num momento preciso, mas constrói-se ao longo da vida do jovem e também dos seus pais, sendo muito influenciada pelas vivências destes com os seus próprios pais (Braconnier & Marcelli, 2000). Quanto ao estilo parental, aquele que os estudos referem como o que produz melhores efeitos na formação dos filhos, é o estilo autoritativo (Costa et al., 2000; Dias et al., 2007).

1.1.5. Influência das práticas parentais nas atitudes dos adolescentes face à sexualidade

Na área da sexualidade, a adolescência constitui o período mais crítico no desenvolvimento do indivíduo, pois o jovem tem que aprender a lidar com energias sexuais e emoções, de forma a que estas sejam compensatórias e também socialmente aceites (Vaz, 2011). Assim, os adolescentes desenvolvem e vivenciam as suas experiências sexuais sob os constrangimentos impostos pelos pais, pelo grupo de pares e pela sociedade em que vivem. Deste modo, a sexualidade na adolescência é vivida de diferentes formas, dependendo, em grande parte, do contexto psicológico, social e familiar em que o adolescente está inserido (Matos, 2007).

Borges e cols. (2007), referem que a iniciação sexual não ocorre de forma homogénea entre homens e mulheres, entre grupos sociais ou gerações, sugerindo que um conjunto de fatores pode levar à tomada de decisão de iniciar a vida sexual, neste ou naquele momento. Entre estes fatores, apontam como interferir na iniciação sexual dos adolescentes, a comunicação e o relacionamento entre pais e filhos, a supervisão parental e a funcionalidade familiar. De acordo com um estudo realizado por Dias e cols. (2007), os fatores familiares que podem funcionar como fatores de risco ou de proteção para os comportamentos sexuais são o ambiente familiar e as relações familiares, a comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos, o estilo parental e a supervisão/monitorização parental. O mau ambiente e os conflitos familiares são apontados como fatores de risco e as boas relações familiares são consideradas um dos fatores que mais protege os adolescentes. Outro fator, segundo o mesmo estudo, é o

estilo parental, sendo o estilo democrático o que mais promove a confiança dos adolescentes, em que os pais não proíbem, mas estão vigilantes e alertam para os perigos. A supervisão/monitorização parental é também um fator considerado pelos mesmos, como sendo importante, na adoção de comportamentos de risco ou de proteção, pelos adolescentes.

O adolescente é um ser vulnerável, pois não tem consciência dos seus próprios limites, podendo isso levá-lo a situações extremas e perigosas, sendo aqui o papel dos pais fundamental para vigiar o meio em que se desenvolve, de modo a que tenha o menor número possível de experiências traumatizantes (Braconnier & Marcelli, 2000). Ainda, na opinião dos mesmos, os pais, mas fundamentalmente a mãe, são o refúgio privilegiado, principalmente no início da adolescência, levando a ausência destes a um sentimento de desespero e perda irremediáveis. Assim, ao mesmo tempo que o jovem proclama a sua autonomia, tem também a necessidade de permanecer perto da proteção dos pais, principalmente da mãe. Estes autores afirmam também que:

...a função parental é, também ela, paradoxal, pois trata-se de ser um refúgio, de conter e limitar, mas também de permitir experiências, de levar as bofetadas e sobreviver a isso. Em todas as situações, o diálogo entre progenitor e adolescente continua a ser o instrumento privilegiado desta relação à volta da qual se organizam estas diversas linhas de tensão. (p.73)

O vínculo com os pais na adolescência sofre algumas alterações, podendo outros adultos assumir esse papel, também a atração sexual por amigos da mesma idade pode tomar lugar na vida deles, levando o jovem a ampliar a sua rede afetiva (Bowlby, 2002).

Alguns pais julgam que a educação sexual que os filhos recebem na escola é suficiente, mas esquecem-se de que a emotividade e carinho que os pais transmitem quando falam com os filhos estão ausentes na informação que é dada na escola, sendo esta mais formal e centrada na informação sobre métodos contraceptivos e nas doenças transmitidas sexualmente. É, por isso, desejável que estes mantenham um diálogo com os filhos, mesmo que esse diálogo se manifeste insatisfatório, no sentido do entendimento entre ambos. Os filhos necessitam conhecer as ideias, as opiniões e as teorias que os pais defendem, para assim poderem construir as suas próprias ideias.

Os adolescentes são muito sensíveis aos comentários e juízos de valor dos adultos, o que torna extremamente relevante a relação estabelecida e a comunicação dentro da família. É importante que os adultos respeitem os sentimentos, os valores, as atitudes e os

comportamentos dos adolescentes, com verdade e coerência, de forma a permitir, da parte destes, a aquisição da sua autonomia e identidade num ambiente seguro e tranquilo (Alarcão, 2000).

1.2. Objetivos do estudo

Este estudo integra uma investigação mais ampla, no âmbito da monitorização de indicadores de saúde infanto-juvenil “Impacto na Educação para a Saúde” e centra-se essencialmente no Estudo de Indicadores de Educação Sexual e Reprodutiva em Adolescentes.

O interesse por este tema vem da recorrência de informações/posições díspares relativamente à educação para a sexualidade, quer em meio escolar quer no seio familiar, que observamos na nossa experiência profissional durante o atendimento aos adolescentes. Identificam-se várias situações problemáticas nesta área, em que os comportamentos de risco no campo da sexualidade na adolescência são muito evidentes, e em que se nota, por vezes, uma grande incapacidade dos pais em lidar com o acompanhamento das situações. Embora o tema seja muito atual, a sua abordagem continua a ser um desafio difícil, tanto para pais como outros educadores (Anastácio, 2010). Os pais apresentam dificuldades em adquirir capacidades e meios expressivos para orientar os adolescentes (Dias & Gomes, 1999) sendo, por isso, relevante a procura de fatores parentais que influenciam a forma como os adolescentes vivem a sexualidade, e que podem condicionar a sua atitude face à vivência desta fase, levando-nos à questão central deste trabalho: “Que fatores parentais influenciam as atitudes dos adolescentes face à sexualidade”.

A educação sexual não se resume ao contexto familiar, no entanto, os outros intervenientes neste processo, como por exemplo a escola, por vezes também apresentam alguma dificuldade em tratar este assunto com os jovens. Apesar da Lei nº 60/2009, de 6 de agosto, que institui a obrigatoriedade da educação sexual em meio escolar, e que no artigo 11º defende mesmo a articulação entre a família e a escola no que respeita à educação sexual e à sua estreita colaboração, o que se verifica, não raras vezes, é uma falta de preparação destes dois intervenientes na abordagem desta temática, tendo repercussões por vezes graves na vivência da sexualidade adolescente, pelo que o nosso instrumento de recolha de dados contempla uma parte dirigida aos pais, no sentido de identificar a abertura e/ou constrangimentos na abordagem desta temática com os seus filhos.

O objetivo geral deste estudo passa por identificar os fatores parentais que interferem nas atitudes do adolescente face à sexualidade.

Os objetivos específicos têm a ver com:

- Compreender fatores parentais que influenciam a atitude dos adolescentes face à sexualidade;
- Perceber de que modo estes fatores parentais influenciam a adoção de comportamentos sexuais de risco nos adolescentes;
- Entender qual o papel das figuras parentais no ajuste do adolescente a esta nova fase da sua vida;
- Identificar os conhecimentos dos adolescentes sobre infeções de transmissão sexual;
- Identificar os conhecimentos dos adolescentes sobre planeamento familiar;
- Perceber qual a motivação dos adolescentes para fazer e não fazer sexo.

2. METODOLOGIA

A metodologia permite elaborar o perfil científico de um trabalho de investigação. Para Quivy e Campenhoudt (1998), a metodologia é o prolongamento da problemática e do modelo de análise, articulando de forma operacional os marcos e as pistas que serão finalmente retirados para orientar o trabalho de observação e análise.

Alves, referido por Domingos (2005), descreve metodologia como um corpo misto de conhecimentos, onde se interligam, para além das técnicas de uma disciplina científica, elementos teóricos e epistemológicos subjacentes quer às técnicas, quer à prática no seu conjunto da investigação disciplinar, de modo a traçar a lógica de aproximação à realidade.

Face a estes pressupostos, neste capítulo pretendemos abordar os conceitos teóricos relativos à metodologia utilizada, mostrando os métodos utilizados para a realização da pesquisa exploratória e descritiva, da elaboração do instrumento de recolha de dados e da escolha da amostra.

2.1. Problema e hipóteses

Fortin, Côté e Vissandjée (2003), referem que “as hipóteses são enunciados formais das relações presumidas entre duas ou mais variáveis, enunciados de predição dos efeitos esperados do estudo” (p. 40). De acordo com os objetivos do estudo, a revisão bibliográfica e o modelo de análise escolhido, achamos pertinente conhecer quais os fatores que influenciam as atitudes do adolescente face à sexualidade, de forma a podermos intervir na realização de projetos de educação para a saúde e prevenção dos riscos associados à sexualidade. Surgiram, assim, as seguintes hipóteses de investigação:

H₁ - O género parental de referência influencia as atitudes do adolescente face à sexualidade.

H₂ - A cultura organizacional da família tem influência nas atitudes do adolescente relativamente à sexualidade

H₃ - O estilo parental tem influência nas atitudes do adolescente relativamente à sexualidade.

H₄ - A profissão dos pais tem influência nas atitudes dos adolescentes face à vivência da sexualidade.

H₅ - A idade dos jovens influencia as atitudes do adolescente face à sexualidade.

H₆ - A educação sexual na escola tem influência na atitude do adolescente face à sexualidade.

H₇ - O género do jovem tem influência nas atitudes do adolescente face à sexualidade.

H₈ - A existência de relacionamento amoroso tem influência nas atitudes do adolescente face à sexualidade.

2.2. Tipo de estudo

De acordo com os objetivos do estudo e as hipóteses elaboradas, trata-se de um estudo descritivo-correlacional, transversal e de natureza quantitativa. Fortin e cols. (2003), referem que estudos deste tipo têm por objetivo examinar as relações entre variáveis e pressupõem que o fenómeno já foi identificado e descrito. É um estudo transversal, porque tal como refere Fortin, Côté e Filion (2009), estudos deste género consistem em examinar um ou vários grupos de indivíduos num determinado tempo em relação a um fenómeno presente no momento da investigação.

2.3. Amostra e sua caracterização

Segundo Fortin (2003), “uma população é uma coleção de elementos ou de sujeitos que partilham características comuns, definidas por um conjunto de critérios” (p.202). Para a prossecução do estudo, houve necessidade de se constituir uma amostra. A este respeito, Polit e Hungler (1995) referem que o termo amostragem tem a ver com o processo de escolha de parte de uma população, de forma a representar o todo. Fortin (2003), refere ainda que “amostra é um subconjunto de uma população ou de um grupo de sujeitos que pertencem a uma mesma população” (p.202).

Deste modo, para o nosso estudo optamos por uma amostra por conveniência, não probabilística, e ficou constituída por 123 adolescentes, alunos do 9º ano de escolaridade que

frequentam a Escola E.B.2,3/S - Miguel Torga de Sabrosa, a Escola São Pedro e a Escola Camilo Castelo Branco da cidade de Vila Real e a Escola E.B.2,3 de Alijó. Como complemento ao estudo, foi utilizado um grupo de pais de adolescentes que se disponibilizaram para colaborar. A escolha deste grupo teve em conta a proximidade e acessibilidade para a recolha dos dados.

Género dos adolescentes

A amostra dos adolescentes em estudo tem uma representatividade de 57,7% de elementos do género feminino e apenas 42,3% de elementos do género masculino.

Idade dos adolescentes

No que se refere à idade dos jovens, iremos caracterizá-la em termos da idade efetiva dos adolescentes que oscila entre os 14 e os 17 anos, e em termos de classe etárias agrupando os adolescentes em duas classes etárias (“14-15 anos” e “16-17 anos”). Na Tabela 1, é possível constatar que sensivelmente metade dos adolescentes da amostra tem 14 anos (49,6%), e 35,0% tem 15 anos. Assim, a classe etária dos 14-15 anos perfaz um total de 84,6%. Já a classe etária dos 16-17 anos constitui apenas 15,4% do total da amostra com 13,0% com 16 anos e apenas 2,4% com 17 anos. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas a 5% em termos de representatividade do género masculino e feminino nas várias idades ($\chi^2=5,080$; $p=0,168$), no entanto, há uma ligeira representatividade superior do género masculino na classe etária dos 16-17 anos (23,1% vs. 9,9%) e consequente menor representatividade na classe etária dos 14-15 anos (76,9% vs. 90,1%), apesar de esta diferença só ser estatisticamente significativa se considerarmos um nível de significância a 10% ($\chi^2=4,015$; $p=0,075$).

Tabela 1.

Caracterização da idade em função do género dos adolescentes inquiridos

Idade	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
14 anos	26	50,0	35	49,3	61	49,6
15 anos	14	26,9	29	40,8	43	35,0
16 anos	10	19,2	6	8,5	16	13,0
17 anos	2	3,8	1	1,4	3	2,4
Grupos Etários						
14-15 anos	40	76,9	64	90,1	104	84,6
16-17 anos	12	23,1	7	9,9	19	15,4

Local de residência

No que se refere ao local onde residem os jovens, é possível constatar, a partir da Tabela 2, que estes residem maioritariamente em aldeias (55,3%), tendo 26,8% indicado que vivia numa vila e apenas 17,9% referiu viver na cidade. Estes dados são similares para os alunos do género feminino e masculino.

Tabela 2.
Caracterização do local de residência dos adolescentes inquiridos

Residência	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Aldeia	27	51,9	41	57,7	68	55,3
Vila	15	28,8	18	25,4	33	26,8
Cidade	10	19,2	12	16,9	22	17,9

Coabitação

Quando questionados sobre com quem coabitam, 96,7% dos adolescentes referiu coabitar com a mãe, 81,3% com o pai e 62,6% com irmãos, como se pode verificar na Tabela 3. Uma pequena parte destes adolescentes (13%) refere coabitar com os avós e 6,5% refere coabitar com outros sendo estes tios ou padrastos.

Tabela 3.
Caracterização de com quem coabitam os adolescentes inquiridos

Coabitação	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Mãe	49	94,2	70	98,6	119	96,7
Pai	46	88,5	54	76,1	100	81,3
Avós	8	15,4	8	11,3	16	13,0
Irmãos	32	61,5	45	63,4	77	62,6
Outros	2	3,8	6	8,4	8	6,5

Profissão dos pais

A profissão do pai e mãe de cada adolescente foi agrupada num de cinco grupos: “Desempregados, domésticas e reformados”, “Agricultores, operários e operadores de instalações”, “Pessoal administrativo e dos serviços”, “Técnicos e profissionais de nível

intermédio” e “Quadros superiores, empresários e especialistas”. Não se verificaram existirem diferenças estatisticamente significativas na representatividade da profissão do pai entre rapazes e raparigas ($\chi^2=6,116$; $p=0,195$). A categoria mais representada relativamente ao pai (Tabela 4) é a dos “Agricultores, operários e operadores de instalações” com 42,5%, seguida do “Pessoal administrativo e dos serviços” (23,9%) e “Quadros superiores, empresários e especialistas” (19,5%). As categorias menos representadas para o pai são a dos “Técnicos e profissionais de nível intermédio” (5,3%) e a dos “Desempregados, domésticas e reformados” com 8,8%.

Tabela 4.
Caracterização da profissão do pai

Profissão do pai	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Desempregados, domésticas e reformados	5	10,6	5	7,6	10	8,8
Agricultores, operários e operadores de instalações	18	38,3	30	45,5	48	42,5
Pessoal administrativo e dos serviços	16	34,0	11	16,7	27	23,9
Técnicos e profissionais de nível intermédio	2	4,3	4	6,1	6	5,3
Quadros superiores, empresários e especialistas	6	12,8	16	24,2	22	19,5

No que diz respeito à profissão da mãe (conforme Tabela 5), a categoria mais representada é a do “Pessoal administrativo e dos serviços” (42,1%), seguida da categoria “Desempregados, domésticas e reformados” (35,5%), dos “Quadros superiores, empresários e especialistas” (14,9%) e, menos representados, a categoria de “Técnicos e profissionais de nível intermédio” (4,1%) e “Agricultores, operários e operadores de instalações” com 3,3%.

Tabela 5.
Caracterização da profissão da mãe

Profissão da mãe	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Desempregados, domésticas e reformados	16	31,4	27	38,6	43	35,5
Agricultores, operários e operadores de instalações	1	2,0	3	4,3	4	3,3
Pessoal administrativo e dos serviços	27	52,9	24	34,3	51	42,1
Técnicos e profissionais de nível intermédio	3	5,9	2	2,9	5	4,1
Quadros superiores, empresários e especialistas	4	7,8	14	20,0	18	14,9

2.4. Variáveis do estudo

Para Huot (2002), “em investigação, a variável deve ser mensurável. Diz-se que se torna operacional quando passa do estado de conceito puro ao estado de fenómeno mensurável” (p. 58). Tendo em conta os objetivos do nosso estudo, tivemos necessidade de elaborar algumas variáveis. Para Fortin e cols. (2003), “...as variáveis são qualidades, propriedades ou características de objectos, de pessoas ou de situações que são estudadas numa investigação” (p.36). Estes autores referem ainda que as variáveis podem ser classificadas de diferentes maneiras, segundo a sua utilização num trabalho de investigação.

Dentro dessa classificação, consideramos, neste estudo, as seguintes variáveis:

Variável dependente

- Atitudes do adolescente face à sexualidade

Esta variável é avaliada e mensurada através da *Escala de Atitudes face à Sexualidade em Adolescentes* (Nelas, Silva, Ferreira, Duarte & Chaves, 2010).

Variáveis independentes

- Género parental de referência
- Cultura organizacional da família
- Estilo parental
- Profissão dos pais
- Idade dos adolescentes
- Existência de educação sexual na escola
- Género do adolescente
- Existência de relacionamento amoroso

Quanto às variáveis independentes:

O género parental de referência designa o progenitor com o qual os adolescentes falam mais sobre sexualidade. Trata-se de uma variável qualitativa nominal e é avaliada através da pergunta 10 do questionário, que admite como categorias de resposta 1-pai; 2-mãe; 3-igual

para ambos e 4-nenhum dos dois. Esta última foi acrescentada posteriormente, pois alguns jovens não se posicionaram em nenhuma das categorias anteriores, o que foi interpretado como não havendo diálogo com nenhum dos progenitores acerca desta temática.

A cultura organizacional da família é avaliada pela *Escala do Inventário da Cultura Organizacional da Família* (Nave, 2006). Trata-se de uma variável qualitativa ordinal, sendo a escala composta por 25 itens.

O estilo parental é determinado pela aplicação das *Escalas de Exigência e Responsividade Parental* (Costa et al., 2000). Trata-se de uma variável qualitativa ordinal que resulta da combinação da alta ou baixa exigência parental com a alta ou baixa responsividade parental. Assim, são considerados os estilos: autoritário (alta exigência e baixa responsividade), negligente (baixa exigência e baixa responsividade), indulgente (alta responsividade e baixa exigência) e autoritativo (alta exigência e alta responsividade)

A profissão dos pais, trata-se de uma variável qualitativa nominal e é avaliada através da pergunta 6 do questionário, sendo para efeitos de teste de hipóteses agregada em cinco categorias de acordo com a Classificação Nacional de Profissões: 1- desempregados, domésticas e reformados; 2- agricultores, operários e operadores de instalações; 3- pessoal administrativo e dos serviços; 4- técnicos e profissionais de nível intermédio; 5- quadros superiores, empresários e especialistas.

A idade dos adolescentes, trata-se de uma variável escalar, avaliada através da pergunta 2 do questionário, sendo para efeito do teste de hipóteses considerados dois grupos etários: 1- dos 14 aos 15 anos e 2 -dos 16 aos 17 anos.

Existência de educação sexual na escola, trata-se de uma variável qualitativa nominal, avaliada através da pergunta 11 do questionário, variável dicotómica tendo como categorias de resposta 1- não; 2- sim.

O género do adolescente é uma variável qualitativa nominal, avaliada através da pergunta 1 do questionário, variável dicotómica, tendo como categorias de resposta 1 - masculino e 2 – feminino.

A existência de relacionamento amoroso, trata-se de uma variável qualitativa nominal, avaliada através da pergunta 7 do questionário, variável dicotómica, tendo como categorias de resposta 1- não e 2- sim.

2.5. Instrumentos de recolha de dados

A recolha da informação é extremamente importante na realização de um trabalho de investigação. O instrumento de recolha de dados é um utensílio utilizado pelo investigador com o objetivo de obter informação necessária para a realização do seu trabalho de pesquisa (Gil, 1996).

Neste estudo, o instrumento de recolha de dados adotado (*Anexo A*) teve por base os utilizados no projeto de Monitorização de Indicadores de Saúde Infante-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde, ao qual foram acrescentadas as questões necessárias para o desenvolvimento do nosso estudo, relativamente à estrutura e dinâmica familiar, no que concerne à interação dos pais com os filhos. Este foi escolhido tendo em conta as variáveis do estudo, com vista a recolher informação junto dos participantes. A escolha dos instrumentos prendeu-se com o facto de já estarem aprovados para o projeto e para a população portuguesa, e de estarem adequados à temática.

Deste questionário fazem parte um conjunto inicial de questões para a caracterização do jovem e a sua sexualidade, em diferentes vertentes, seguindo-se uma segunda parte composta por várias escalas de avaliação, nomeadamente: i) Escala do Inventário da Cultura Organizacional da Família; ii) Escala de Conhecimentos sobre Infeções de Transmissão Sexual; iii) Escala de Conhecimentos sobre Planeamento Familiar; iv) Escala de Atitudes face à Sexualidade em Adolescentes; v) Escala de Motivação para fazer e para não fazer Sexo; vi) Escala de Exigência Parental (*Anexo A*); vii) Escala de Responsividade Parental (*Anexo A*).

A *Escala do Inventário da Cultura Organizacional da Família*, desenvolvida e validada por Nave (2006), e que tem como objetivo avaliar o conceito e modelo da cultura organizacional da família. É um instrumento composto por quatro dimensões de avaliação dos diferentes constituintes da cultura: a cultura das relações pessoais (coesão/conflito, comunicação, afetividade); a cultura da heurística, (identidade/autonomia; criatividade/adaptação; auto-regulação); a cultura da hierarquia (poder/controlo; regras/normas; papéis/limites); e a cultura dos objetivos sociais (status/imagem; pressão; integração/participação social). É constituído por 25 itens, numa escala tipo likert de 6 pontos, que varia entre: “1-nunca”, “2-quase nunca”, “3-poucas vezes”, “4-algumas vezes”, “5-quase sempre” e “6-sempre”. O *score* varia entre o mínimo de 25 até ao máximo de 150. Esta escala apresenta, ainda, os itens 11 e 14 invertidos. No estudo original, os valores estimados para o coeficiente de Alpa de Cronbach foram para

cada dimensão: cultura das relações interpessoais 0,919; cultura da heurística 0,867; cultura da hierarquia 0,803 e cultura dos objetivos sociais 0,802 (Nave, 2006). Dos valores estimados no nosso estudo, a escala apresenta os coeficientes de Alpa de Cronbach para cada dimensão: cultura das relações interpessoais 0,860; cultura da heurística 0,880; cultura da hierarquia 0,764; e cultura dos objetivos sociais 0,715.

A *Escala de Conhecimentos sobre Infecções de Transmissão Sexual*, é uma escala unidimensional, constituída por 20 itens, numa escala tipo Likert de 5 pontos, que varia entre: “1-discordo totalmente”, “2-discordo muito”, “3- nem concordo, nem discordo”, “4- concordo muito”, “5-concordo totalmente”. Os itens 2, 6, 8, 15, 16, 17 e 20 estão com sentido invertido, pelo que a sua cotação foi invertida. O *score* varia entre o mínimo de 20 até ao máximo de 100. Identificam-se três grupos de corte, tendo por base a fórmula “Média \pm 0.25 dp” com a classificação de insuficientes, moderados ou bons. No estudo de proveniência da escala, o Alpha de Cronbach foi de (0,781), tendo-se verificado no nosso estudo um Alpha total 0,759.

A *Escala de Conhecimentos sobre Planeamento Familiar* (Nelas et al., 2010), é uma escala unidimensional, constituída por 22 itens, numa escala também tipo Likert de 5 pontos, que varia entre: “1-discordo totalmente”, “2-discordo muito”, “3-nem concordo, nem discordo”, “4-concordo muito”, “5-concordo totalmente”. Foram invertidos os itens 2, 3, 4, 10, 12, 18, 19, 20 e 22 de forma a o total da escala corresponder a um único sentido de resposta. O *score* varia entre o mínimo de 22 até ao máximo de 110. Identificam-se três grupos de corte tendo por base a fórmula “Média \pm 0.25 dp” com a classificação de insuficientes, moderados ou bons. No estudo de proveniência da escala, o Alpha de Cronbach foi de 0,719. E no nosso estudo verificou-se um Alpha de 0,662.

A *Escala de Atitudes face à Sexualidade em Adolescentes* (Nelas et al., 2010), é um instrumento psicométrico, de auto-resposta que se destina a avaliar aspetos relacionados com o namoro, a relação com os pares e os pais e aspetos relacionados com a sexualidade. É constituída por 26 itens, numa escala de 5 pontos, que também varia entre: “1-discordo totalmente”, “2-discordo muito”, “3-nem concordo, nem discordo”, “4-concordo muito”, “5-concordo totalmente”. O *score* varia entre o mínimo de 26 até ao máximo de 130. Esta escala apresenta os itens 1, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 23, 24, 25 e 26 invertidos. São identificados três grupos de corte tendo por base a fórmula “Média \pm 0.25dp” com a classificação de desfavorável, indiferente ou favorável. No estudo de proveniência da escala,

o coeficiente de Alpha de Cronbach foi de 0,719, nos valores estimados para este estudo a escala apresenta um coeficiente de Alpha de Cronbach global de 0,921.

A *Escala de Motivação para fazer e para não fazer Sexo*, que foi aferida para a população portuguesa por Leal e Maroco (2010), é constituída por 18 itens, com quatro dimensões, numa escala de 5 pontos, que vai do “1-nada importante” ao “5-muito importante”. O *score* varia entre o mínimo de 18 e o máximo de 90. Na subescala *motivos para fazer sexo* fazem parte duas dimensões: hedonismo e saúde e interdependência relacional. Da subescala *motivos para não fazer sexo* fazem parte também duas dimensões: por medo e conservadorismo/desinteresse. No estudo de proveniência da escala, observou-se um Alpha de Cronbach nas várias subescalas: hedonismo e saúde 0,881; interdependência relacional 0,781; por medo 0,726 e por conservadorismo/desinteresse 0,877. Neste estudo, o Alpha de Cronbach correspondente foi: hedonismo e saúde 0,844; interdependência relacional 0,881; por medo 0,809 e por conservadorismo/desinteresse 0,847.

A *Escala de Exigência Parental*, a que correspondem 6 itens. Os primeiros 3 itens têm três opções de resposta: “não tenta”, “tenta pouco” e “tenta bastante”; os itens 4, 5 e 6 compreendem as alternativas “não sabe”, “sabe pouco” e “sabe bastante”. Para os *scores*, a pontuação dada foi 1 valor para a primeira opção, 2 valores para a segunda e 3 para a terceira opção.

A *Escala de Responsividade Parental*, composta por 10 itens. Nos itens 7 a 13, as possibilidades de resposta variam entre “quase nunca”, “às vezes” e “geralmente”. O item 14 tem as opções de resposta “não tenta”, “tenta pouco” e “tenta bastante” e os itens 15 e 16 “quase nunca”, “às vezes” e “quase sempre”. Para os *scores*, a pontuação dada foi 1 valor para a primeira opção, 2 valores para a segunda e 3 para a terceira opção.

As escalas de Costa e cols. (2000), Escala de Exigência Parental e Escala de Responsividade Parental de que partimos, foram por nós adaptadas e validadas para a população portuguesa, após pedido de permissão aos autores (*Anexo B*).

Neste estudo foi também incluído um questionário dirigido aos pais dos adolescentes envolvidos, que contempla um conjunto de questões relacionadas com a interação dos pais com os filhos (*Anexo C*).

Adaptação das duas escalas (responsividade e exigência parental) à população adolescente portuguesa

Estas escalas foram desenvolvidas e utilizadas por Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991), num estudo norte americano, com o objetivo de classificar as práticas parentais dentro das dimensões de responsividade e exigência propostas por Macobby e Martin (1983), investigando a relação entre estilos parentais e padrões de competência e ajustamento na adolescência. Foram posteriormente traduzidas para o Brasil e utilizadas num estudo realizado por Costa e cols. (2000), para avaliar as dimensões de responsividade e exigência parentais com os adolescentes, e que permitem classificar quatro estilos parentais: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente. Estas escalas são constituídas no total por 16 itens, todos avaliados num sistema de likert de três pontos. À escala de exigência correspondem 6 itens. Os primeiros 3 itens têm três opções de resposta: “não tenta”, “tenta pouco” e “tenta bastante”; os itens 4, 5 e 6 compreendem as alternativas “não sabe”, “sabe pouco” e “sabe bastante”. A escala de responsividade é composta por 10 itens. Nos itens 7 a 13, as possibilidades de resposta variam entre “quase nunca”, “às vezes” e “geralmente”. O item 14 tem as opções de resposta “não tenta”, “tenta pouco” e “tenta bastante”, e os itens 15 e 16 “quase nunca”, “às vezes” e “quase sempre”. Para os *scores*, a pontuação dada foi 1 valor para a primeira opção, 2 valores para a segunda e 3 para a terceira opção.

A exigência parental inclui todas as atitudes dos pais que procuram de alguma forma controlar o comportamento dos filhos, impondo-lhes limites e estabelecendo regras. Já a responsividade refere-se às atitudes compreensivas que os pais têm para com os filhos e que visam, através do apoio emocional e da bi-direcionalidade na comunicação, favorecer o desenvolvimento da autonomia e da autoafirmação dos adolescentes (Costa et al., 2000).

Nenhuma das escalas apresenta itens com sentido oposto ao que pretende ser avaliado. Neste estudo, foram avaliados os *scores* combinados de pais e mães, diferindo do estudo de proveniência das escalas, onde as atitudes de pais e mães foram inicialmente avaliados separadamente.

Procedimentos de tradução e adaptação

O facto das escalas em causa estarem em língua portuguesa dispensa os habituais procedimentos de tradução, sendo apenas necessário proceder à sua adaptação cultural.

Para o efeito, as escalas foram analisadas por dois professores com larga experiência e conhecimento dos termos portugueses utilizados no Brasil, tendo sido, por sugestão dos mesmos, adaptado apenas um item relacionado com as saídas noturnas, que foi ajustado à realidade e cultura da população de adolescentes, em Portugal.

Com o objetivo de verificar a compreensão e conteúdo semântico e eliminar possíveis dificuldades na compreensão de alguma das questões, foi realizado um teste numa pequena amostra de adolescentes (10) de escolas com as mesmas características das que foram envolvidas no estudo. Tendo-se verificado a inexistência de dificuldades de compreensão e preenchimento passou-se à aplicação definitiva do instrumento.

Análise de fiabilidade e consistência interna (*alpha* e correlações)

A adaptação e validação de escalas requer uma metodologia específica para que essa escala ou medida seja válida num país diferente do qual foi construída e validada. Neste sentido, procedemos a estudos de validade e fiabilidade.

Pestana e Gageiro (2003), definem “consistência interna dos fatores como a proporção da variabilidade nas respostas que resulta de diferenças nos inquiridos” (p.542). O *alpha* de *Cronbach* constitui uma das medidas mais utilizadas para verificação da consistência interna de escalas, tendo sido utilizado nesta investigação, para analisar a fidedignidade das mesmas.

Tentamos respeitar os critérios já usados pelo autor da escala, de modo a poder posteriormente proceder-se à comparação de resultados.

Feita a adaptação das escalas, foram aplicadas a 123 adolescentes que frequentavam o 9º ano de escolaridade, das quatro escolas participantes no estudo.

A escala de exigência é constituída por seis itens e a escala da responsividade é constituída por dez itens. Nestas questões, os adolescentes avaliam atitudes e práticas de seus pais para consigo relacionadas às referidas dimensões.

No estudo original de Lamborn e cols. (1991), os itens escolhidos para compor as escalas foram submetidos a uma análise fatorial exploratória com rotação oblíqua, tendo emergido 3 fatores a partir do conjunto destes itens: responsividade, exigência e autonomia psicológica. Este último fator continha 2 itens, sendo estes os que não foram considerados neste estudo.

Este instrumento possui três alternativas de resposta com uma cotação de 1 a 3. O valor do índice (*score*) varia entre o mínimo de 6 até 18 na escala da exigência e de 10 a 30 para a escala da responsividade.

A Tabela 6 mostra-nos as estatísticas (valores médios e desvios padrão) dos itens da escala da Exigência Parental, tanto na sua totalidade como para o género feminino e masculino. Como se pode verificar, os valores médios oscilam entre 2,20 no item 3 “Até que ponto os teus pais tentam saber onde estás quando não estás na escola?”, e os 2,55 no item 4 “Até que ponto os teus pais realmente sabem onde tu vais quando saís até mais tarde?”.

Tabela 6.

Valores médios e desvios padrão dos itens pertencentes à escala da Exigência Parental

Nº Item	Itens	Masculino		Feminino		Total	
		Média	dp	Média	dp	Média	dp
exigparent1	Até que ponto os teus pais tentam saber onde tu vais quando saís até mais tarde?	2,37	0,715	2,56	0,691	2,48	0,705
exigparent1.2	Até que ponto os teus pais tentam saber o que fazes com o teu tempo livre?	2,12	0,615	2,28	0,680	2,21	0,656
exigparent1.3	Até que ponto os teus pais tentam saber onde estás quando não estás na escola?	2,15	0,751	2,23	0,796	2,20	0,775
exigparent2.1	Até que ponto os teus pais realmente sabem onde tu vais quando saís até mais tarde?	2,44	0,725	2,63	0,591	2,55	0,655
exigparent2.2	Até que ponto os teus pais realmente sabem o que fazes com o teu tempo livre?	2,33	0,678	2,39	0,573	2,37	0,618
exigparent2.3	Até que ponto os teus pais realmente sabem onde estás quando não estás na escola?	2,29	0,723	2,28	0,721	2,28	0,719

Da mesma forma que para a escala de responsividade, a Tabela 7 mostra-nos as estatísticas (valores médios e desvios padrão) dos itens da escala da Responsividade Parental, tanto na sua totalidade como para o género feminino e masculino. Como se verifica, os valores médios oscilam entre 2,25 no item 4 “Quando quer que eu faça alguma coisa, explica-me porquê”, e os 2,76 no item 1 “Posso contar com a sua ajuda caso tenha algum tipo de problema”.

Tabela 7.

Valores médios e desvios padrão dos itens pertencentes à escala da Responsividade Parental

Nº Item	Itens	Masculino		Feminino		Total	
		Média	dp	Média	dp	Média	dp
resparental1.1	Posso contar com a sua ajuda caso tenha algum tipo de problema	2,63	0,627	2,86	0,424	2,76	0,529
resparental1.2	Incentiva-me a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça	2,56	0,639	2,82	0,457	2,71	0,554
resparental1.3	Incentiva-me a pensar de forma independente	2,35	0,683	2,61	0,597	2,50	0,645
resparental1.4	Ajuda-me nos trabalhos da escola quando tenho alguma dúvida	2,19	0,715	2,30	0,782	2,25	0,753
resparental1.5	Quando quer que eu faça alguma coisa, explica-me porquê	2,29	0,696	2,39	0,621	2,35	0,653
resparental1.6	Quando tu tiras uma boa nota na escola, com que frequência os teus pais te elogiam?	2,38	0,718	2,58	0,601	2,50	0,658
resparental1.7	Quando tu tiras uma nota baixa na escola, com que frequência os teus pais te encorajam a esforçar-te mais?	2,60	0,664	2,55	0,604	2,57	0,628
resparental2	Os teus pais realmente sabem quem são os teus amigos	2,69	0,506	2,75	0,438	2,72	0,467
resparental3.1	Com que frequência os teus pais passam tempo a conversar contigo	2,33	0,617	2,35	0,588	2,34	0,598
resparental3.2	Com que frequência te reúnes com os teus pais para fazerem juntos alguma coisa agradável	2,35	0,711	2,25	0,579	2,29	0,637

De seguida verificaremos dois dos pressupostos para as escalas da Exigência e Responsividade Parental. O da sua dimensionalidade e da sua fiabilidade (Hair, Black, Babin & Anderson, 2009).

Dimensionalidade

Um dos requisitos essenciais para criar uma escala (*summated scale*) é assegurar a unidimensionalidade dos itens, isto é, assegurar que estes se encontram fortemente correlacionados uns com os outros e representam um único conceito (Anderson, Gerbing & Hunter, 1987; Hattie, 1985; McDonald, 1981). A análise fatorial tem aqui um papel fulcral ao tornar possível, de uma forma empírica, a aferição do número de fatores que constituem um conjunto de itens e os respetivos pesos fatoriais de cada variável no respetivo fator. O teste da unidimensionalidade consiste em verificar que os itens constituintes de uma escala convergem fortemente num só fator.

A Análise Fatorial Exploratória (AFE) é uma técnica estatística multivariada que permite identificar variáveis latentes a partir de variáveis intercorrelacionadas, mas não diretamente observáveis (Marôco, 2007).

No caso do estudo dos itens pertencentes a estas duas escalas, o método de extração de fatores a aplicar foi o método dos componentes principais com rotação oblíqua, uma vez que antecipávamos a existência de uma relação entre os fatores. Trata-se de um método adequado para fatores correlacionados. Tendo em conta o *Scree Plot* e a percentagem de variância retida, foram retidos dois fatores (Exigência Parental e Responsividade Parental). Para avaliar a validade da análise fatorial exploratória, utilizou-se o critério Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). O KMO é uma medida da homogeneidade das variáveis, que compara as correlações simples com as correlações parciais observadas entre as variáveis (Marôco, 2007). Apesar de não existir um teste rigoroso para os valores KMO, de uma forma geral, estes têm como valores de referência os indicados na Tabela 8 (Marôco, 2007).

Tabela 8.
Valores de referência KMO

KMO	Valores referência
Excelente]0,9;1,0]
Boa]0,8;0,9]
Média]0,7;0,8]
Medíocre]0,6;0,7]
Mau, mas ainda aceitável]0,5;0,6]
Inaceitável	≤ 0,5

Na análise fatorial aos itens constituintes da escala, optou-se por manter os itens cujos pesos fatoriais eram superiores a 0,45. O item 8 “Os teus pais realmente sabem quem são os teus amigos” da escala da responsividade parental, além de convergir em ambas as escalas, apresentava um peso fatorial de 0,250 na escala da responsividade parental, pelo que foi removido da escala. A escala da exigência parental ficou assim com os 6 itens originais e a escala da responsividade parental ficou com 9 itens (menos um que a escala original).

Depois de realizada uma nova análise fatorial apenas aos 15 itens restantes obtiveram-se os dados descritos na Tabela 9.

Tabela 9.

Análise fatorial por componentes principais das escalas da Exigência e Responsividade Parentais

Nº item	Itens	Exigência Parental	Responsividade Parental
		Pesos fatoriais	Pesos fatoriais
exigparent1.2	Até que ponto os teus pais tentam saber o que fazes com o teu tempo livre?	0,747	
exigparent1	Até que ponto os teus pais tentam saber onde tu vais quando saís até mais tarde?	0,732	
exigparent1.3	Até que ponto os teus pais tentam saber onde estás quando não estás na escola?	0,726	
exigparent2.1	Até que ponto os teus pais realmente sabem onde tu vais quando saís até mais tarde?	0,633	
exigparent2.3	Até que ponto os teus pais realmente sabem onde estás quando não estás na escola?	0,623	
exigparent2.2	Até que ponto os teus pais realmente sabem o que fazes com o teu tempo livre?	0,527	
resparental1.1	Incentiva-me a pensar de forma independente		0,775
resparental1.4	Quando tu tiras uma nota baixa na escola, com que frequência os teus pais te encorajam a esforçar-te mais?		0,744
resparental1.3	Posso contar com a sua ajuda caso tenha algum tipo de problema		0,735
resparental1.2	Quando quer que eu faça alguma coisa, explica-me porquê		0,732
resparental1.7	Incentiva-me a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça		0,690
resparental1.6	Quando tu tiras uma boa nota na escola, com que frequência os teus pais te elogiam?		0,666
resparental1.5	Ajuda-me nos trabalhos da escola quando tenho alguma dúvida		0,665
resparental3.1	Com que frequência os teus pais passam tempo a conversar contigo?		0,581
resparental3.2	Com que frequência te reúnes com os teus pais para fazerem juntos alguma coisa agradável ?		0,459

KMO = 0,762 e teste de esfericidade de Bartlett = 770,071 (significância: 0,000);

Variância explicada Exigência Parental = 16,195%; Variância explicada Responsividade Parental = 32,803%

Depois de aferida a unidimensionalidade das escalas, passaremos a verificar a sua fiabilidade.

Fiabilidade da escala da Exigência Parental

Fiabilidade é a aferição do grau de consistência nas múltiplas medidas de uma variável. Uma das medidas mais comuns de fiabilidade é a consistência interna, que incide sobre a consistência entre as variáveis pertencentes a uma dada escala (*summated scale*). O princípio subjacente à consistência interna de uma dada escala é que os seus itens individuais ou indicadores meçam o mesmo constructo e portanto sejam altamente intercorrelacionados (Churchill, 1979; Nunnally, 1979).

Como não existe nenhum item que seja uma medida perfeita do conceito, temos que nos basear num conjunto de medidas de diagnóstico que permitam aferir a consistência interna.

As primeiras medidas a considerar estão relacionadas individualmente com cada item e incluem a correlação item total corrigida (coeficiente de correlação R de Pearson do item com a média dos restantes itens da escala) e a correlação item-item (correlação entre os itens). Robinson, Shaver e Wrightsman (1991), sugerem que as correlações item-to-total excedam os 0,50 e as correlações item-item excedam os 0,30. Já Field (2005), considera o valor de 0,3 como valor mínimo para as correlações item total corrigida.

O segundo tipo de medida de diagnóstico a considerar é o coeficiente de fiabilidade, que afere acerca da consistência da escala na sua globalidade. A medida mais utilizada para o efeito é o *alpha* de Cronbach (Cronbach, 1951, Nunnally, 1979; Peter, 1979). A medida de limite mínimo mais consensual é a de 0,70, podendo assumir o valor de 0,60 em estudos de cariz mais exploratório (Robinson et al., 1991), tal como representado na Tabela 10. Outra medida utilizada é o índice de fiabilidade de *split-half* ou coeficiente de bipartição que se obtêm dividindo a escala em duas metades. Este índice tende a produzir valores de fiabilidade mais baixos, uma vez que tem em consideração um número mais reduzido de itens.

Tabela 10.

Valores de referência do *alpha* de Cronbach

<i>Alpha</i> de Cronbach	Valores referência
Muito boa	>0,9
Boa]0,8;0,9]
Razoável]0,7;0,8]
Fraca]0,6;0,7]
Inadmissível	<0,6

Para aferir a fiabilidade da escala da Exigência Parental, serão verificadas as correlações item total corrigidas (*item-to-total*), onde serão considerados os itens cujas correlações excedam os 0,3 e o valor do *alpha* de Cronbach que deverá ser superior a 0,7 para ser considerado razoável (Tabela 6), apresentando-se ainda os coeficientes de *split-half*. A Tabela 11 apresenta, além das correlações *item-to-total* (R/item), o quadrado da correlação múltipla (R^2) que indica a proporção da variação nas respostas de cada item que são explicados pelos restantes, bem como o valor de *alpha* se o item não estiver na escala que permite saber o efeito de cada variável na consistência interna do fator.

Os coeficientes de correlação item total corrigido revelam que o item exigparent2.2 “Até que ponto os teus pais realmente sabem o que fazes com o teu tempo livre?” é o que menor valor correlacional apresenta ($r=0,493$) e a correlação máxima é obtida no item exigparent2.3 “Até que ponto os teus pais realmente sabem onde estás quando não estás na escola?” com um valor de “ r ” de 0,572. Verifica-se ainda que a variabilidade observada nas variáveis constituintes da escala (R^2) oscila entre os 38,7% no item exigparent2.1 “Até que ponto os teus pais realmente sabem onde tu vais quando saís até mais tarde?” e os 57,6% no item exigparent2.3 “Até que ponto os teus pais realmente sabem onde estás quando não estás na escola?”.

Na continuação do estudo de fiabilidade, verifica-se que os valores de *alpha* de Cronbach variam dentro dos intervalos considerados razoáveis pois situam-se para o *alpha* sem item entre 0,729 e 0,750. Determinamos o índice de fiabilidade de *split-half* que produziu valores de fiabilidade mais baixos do que o valor de *alpha* para a globalidade da escala (0,776) uma vez que tem em consideração um número mais reduzido de itens, já que para a primeira metade se obteve um valor de 0,749 e para a segunda de 0,768 conforme resultados expresso na Tabela 6, o que nos permite afirmar que a consistência dos itens é razoável para a primeira e segunda metades.

Dos resultados obtidos nas análises da fiabilidade da escala da Exigência Parental, apresentamos na Tabela 11 a versão final da escala uni-fatorial que será utilizada no estudo empírico.

Tabela 11.
Consistência interna da escala da Exigência Parental

Nº Item	Itens	R/item	R ²	Alpha s/item
exigparent1	Até que ponto os teus pais tentam saber onde tu vais quando saís até mais tarde?	0,499	0,417	0,748
exigparent1.2	Até que ponto os teus pais tentam saber o que fazes com o teu tempo livre?	0,552	0,443	0,736
exigparent1.3	Até que ponto os teus pais tentam saber onde estás quando não estás na escola?	0,517	0,498	0,745
exigparent2.1	Até que ponto os teus pais realmente sabem onde tu vais quando saís até mais tarde?	0,507	0,387	0,746
exigparent2.2	Até que ponto os teus pais realmente sabem o que fazes com o teu tempo livre?	0,493	0,478	0,750
exigparent2.3	Até que ponto os teus pais realmente sabem onde estás quando não estás na escola?	0,572	0,576	0,729
Coefficiente Split-half		Primeira metade		0,749
		Segunda metade		0,768
Coefficiente alpha Cronbach global				0,776

Fiabilidade da escala da Responsividade Parental

Tal como na verificação da fiabilidade para a escala da Exigência Parental, a fiabilidade da escala da Responsividade Parental passará pela verificação das correlações item total corrigidas (*item-to-total*), onde serão considerados os itens cujas correlações excedam os 0,3 e o valor do *alpha* de *Cronbach*, que deverá ser superior a 0,7 para ser considerado razoável (conforme Tabela 12), apresentando-se ainda os coeficientes de *split-half*. A Tabela 12 apresenta, além das correlações *item-to-total* (R/item), o quadrado da correlação múltipla (R^2) que indica a proporção da variação nas respostas de cada item que são explicados pelos restantes, bem como o valor de *alpha* se o item não estiver na escala que permite saber o efeito de cada variável na consistência interna do fator.

Os coeficientes de correlação item total corrigido revelam que o item resparental3.2 “Com que frequência te reúnes com os teus pais para fazerem juntos alguma coisa agradável” é o que menor valor correlacional apresenta ($r=0,385$) e a correlação máxima é obtida no item resparental1.1 “Posso contar com a sua ajuda caso tenha algum tipo de problema” com um valor de “ r ” de 0,680. Verifica-se ainda que a variabilidade observada nas variáveis constituintes da escala (R^2) oscila entre os 34,1% no item resparental3.2 “Com que frequência te reúnes com os teus pais para fazerem juntos alguma coisa agradável” e os 67,7% no item resparental1.2 “Incentiva-me a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça”.

Na continuação do estudo de fiabilidade, verifica-se que os valores de *alpha* de *Cronbach* variam dentro dos intervalos considerados bons pois situam-se para o *alpha* sem item entre 0,824 e 0,854. Determinamos o índice de fiabilidade de *split-half* ou coeficiente de bipartição que se obtêm dividindo a escala em duas metades. Este índice tende a produzir valores de fiabilidade mais baixos, uma vez que tem em consideração um número mais reduzido de itens. Pelos resultados obtidos, notamos que os valores de *alpha* de *Cronbach* se revelam mais baixos, do que o valor de *alpha* para a globalidade da escala (0,851), já que para a primeira metade se obteve um valor de (0,814) e para a segunda de (0,676), conforme resultados expressos na Tabela 12, o que nos permite afirmar que a consistência dos itens é boa para a primeira metade e fraca para a segunda metade. No entanto, como na globalidade o coeficiente *alpha* de *Cronbach* é 0,851, corresponde a um bom nível de consistência interna.

Dos resultados obtidos nas análises da fiabilidade da escala da Responsividade Parental, apresentamos na Tabela 12 a versão final da escala uni-fatorial que será utilizada no estudo empírico.

Tabela 12.
Consistência interna da escala da Responsividade Parental

Nº Item	Itens	R/item	R ²	Alpha s/item
resparental1.1	Posso contar com a sua ajuda caso tenha algum tipo de problema	0,680	0,611	0,826
resparental1.2	Incentiva-me a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça	0,624	0,677	0,831
resparental1.3	Incentiva-me a pensar de forma independente	0,670	0,600	0,824
resparental1.4	Ajuda-me nos trabalhos da escola quando tenho alguma dúvida	0,537	0,380	0,840
resparental1.5	Quando quer que eu faça alguma coisa, explica-me porquê	0,603	0,415	0,831
resparental1.6	Quando tu tiras uma boa nota na escola, com que frequência os teus pais te elogiam?	0,536	0,368	0,839
resparental1.7	Quando tu tiras uma nota baixa na escola, com que frequência os teus pais te encorajam a esforçar-te mais?	0,645	0,434	0,827
resparental3.1	Com que frequência os teus pais passam tempo a conversar contigo	0,506	0,402	0,841
resparental3.2	Com que frequência te reúnes com os teus pais para fazerem juntos alguma coisa agradável	0,385	0,341	0,854
Coefficiente Split-half		Primeira metade		0,814
		Segunda metade		0,676
Coefficiente alpha Cronbach global				0,851

Cálculo dos Índices das Escalas da Exigência e Responsividade

A escala da Exigência Parental ficou assim constituída por 6 itens. O valor do respetivo índice (*score*) varia entre o mínimo de 6 até ao máximo de 18 para a escala com as 6 questões finais. Somados os valores, determinou-se o índice de Exigência Parental.

Da mesma forma, a escala da Responsividade Parental ficou constituída por 9 itens, ou seja, menos um que a escala original. O valor do respetivo índice (*score*) varia entre o mínimo de 9 até ao máximo de 27 para a escala com as 9 questões finais. Somados os valores, determinou-se o índice de Responsividade Parental. De igual forma que na escala original, estes valores são duplicados quando se considera os escores combinados de pais e mães.

Os dados obtidos das médias e desvios padrão do índice da Exigência Parental bem como o da Responsividade Parental estão refletidos na Tabela 13.

Tabela 13.

Índices das escalas da Exigência e Responsividade Parentais

	Masculino		Feminino		Total	
	M	dp	M	dp	M	dp
Índice da Escala da Exigência Parental	13,69	2,914	14,38	2,774	14,09	2,843
Índice da Escala da Responsividade Parental	21,67	4,373	22,70	3,353	22,27	3,835

Correlações entre as escalas

Os índices das duas escalas estão positivamente correlacionadas entre si, indicando que há relação direta entre as atitudes de responsividade e exigência parentais (conforme Tabela 14).

Tabela 14.

Índice da correlação entre as escalas da Exigência e Responsividade Parentais

	1	2
1 – Exigência Parental	1	
2 – Responsividade Parental	0,288***	1

***. $p < 0,001$

Estilo Parental

A partir das escalas de Exigência e Responsividade Parental foi possível determinar um estilo parental correspondente a cada um dos adolescentes da nossa amostra (“Negligente”, “Indulgente”, “Autoritativo” ou “Autoritário”), Tabela 15. De igual forma, na escala original, o critério para determinar se o *score* de uma dada dimensão é alta ou baixa, neste estudo, foi o da mediana da amostra. Os estilos são determinados a partir das duas dimensões, responsividade e exigência. Assim, pais com elevada exigência e responsividade são classificados como autoritativos; pais com baixa responsividade e exigência são tidos como negligentes; pais muito responsivos mas pouco exigentes categorizam-se como indulgentes e pais muito exigentes e pouco responsivos são classificados como autoritários (Costa et al., 2000). Através da aplicação do teste do qui-quadrado, verificaram-se não existirem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao género parental de referência relativamente ao género dos alunos ($\chi^2=4,469$; $p=0,223$). Verificou-se que o estilo autoritativo, com 38,2%, foi o mais representativo na globalidade, com os adolescentes do género feminino a contribuírem na sua maior parte com 42,3% e os do género masculino com 32,7%. Menos representativos foram o estilo autoritário (22,8%), com os adolescentes com

praticamente a mesma percentagem (23,1% os rapazes e 22,5% as raparigas), o estilo negligente (20,3%), com os rapazes a predominarem (28,8%) relativamente às raparigas e o estilo indulgente (18,7%), tendo aqui os adolescentes do género feminino 21,1% *versus* 15,4% dos adolescentes do género masculino.

Tabela 15.

Caracterização do Estilo Parental em função do género dos alunos inquiridos

Estilo Parental	Masculino		Feminino		Total		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%		
Negligente	15	28,8	10	14,1	25	20,3	4,469	0,223
Indulgente	8	15,4	15	21,1	23	18,7		
Autoritativo	17	32,7	30	42,3	47	38,2		
Autoritário	12	23,1	16	22,5	28	22,8		

2.6. Procedimentos estatísticos de análise de dados

Para a análise dos dados, foi constituída uma base de dados, utilizando-se o IBM SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 20, e foi utilizada a estatística descritiva e a estatística analítica. Na estatística descritiva, foram determinadas frequências absolutas e percentuais e algumas medidas de tendência central. Na análise inferencial, utilizamos testes paramétricos e não paramétricos, conforme se verifique ou não a normalidade na sua distribuição, a um nível de significância de 95%.

2.7. Procedimentos formais e éticos inerentes à recolha de dados

Os estudos que envolvem seres humanos requerem procedimentos especiais de modo a proteger os direitos dos sujeitos, sendo os principais princípios éticos, na conduta da pesquisa, a beneficência, o respeito à dignidade humana e a justiça (Polit & Hungler, 1995).

Dado que este estudo integrou o projeto de investigação Monitorização de Indicadores de Saúde Infante-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde, aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/CPE-CED/103313/2008), e como já existia autorização e aprovação do inquérito (registo em 5 de setembro de 2011, com o número 0071200008, e aprovado em 22 de setembro do mesmo ano pela Direção Geral de Inovação e de

Desenvolvimento Curricular), partimos para a solicitação de autorização à direção de cada escola. Como se tratava de menores, efetuou-se também um pedido de consentimento aos pais/encarregados de educação (*Anexo D*).

Foi então formalmente solicitada autorização às instituições de ensino secundário das escolas de São Pedro de Vila Real, Miguel Torga de Sabrosa, D. Sancho I de Alijó e, posteriormente, Camilo Castelo Branco de Vila Real, tendo a mesma sido concedida (*Anexo E*).

Foram tidos em consideração os procedimentos formais e éticos relativamente à participação de indivíduos em estudos de investigação, nomeadamente esclarecimento dos sujeitos participantes, relativamente aos objetivos da investigação e à garantia da confidencialidade e do anonimato. O processo de recolha de dados decorreu no terceiro período do ano letivo 2011/2012, tendo sido os questionários aplicados pelo investigador em colaboração com os professores da escola, em contexto de sala de aula. Na recolha, os dados permaneceram confidenciais e o anonimato foi respeitado de forma a não trazer qualquer prejuízo aos inquiridos, cumprindo-se deste modo os procedimentos ético-legais.

3. RESULTADOS

3.1. Quanto aos contextos da sexualidade

Existência de relacionamento amoroso

Como se verifica na Tabela 16, a maior parte dos adolescentes admite namorar (66,4%). Não se verificaram diferenças significativas em termos de género para esta variável ($\chi^2=0,034$; $p=0,854$) com os elementos do género masculino (67,3%) e feminino (65,7%) a apresentarem percentagens de existência de relacionamento amoroso muito semelhantes.

Tabela 16.

Caracterização da existência ou não de relacionamento amoroso

Existência ou não de relacionamento amoroso	Masculino		Feminino		Total		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%		
Não	35	67,3	46	65,7	81	66,4	0,034	0,854
Sim	17	32,7	24	34,3	41	33,6		

Tempo de relacionamento amoroso

No que se refere aos adolescentes que mantêm um relacionamento amoroso, 59,5% refere mantê-lo há menos de 6 meses, sendo 26,2% há menos de 1 mês e 33,3% entre 1 a 6 meses (conforme Tabela 17). Há, no entanto, uma parte considerável de adolescentes com uma relação amorosa mais longa, como é o caso dos 19,0% que namoram entre 6 meses e 1 ano, os 11,9% que namoram entre 1 e 2 anos ou os 9,5% que mantêm o relacionamento amoroso há mais de 2 anos. De notar que existe uma maior percentagem de adolescentes do género masculino com um relacionamento inferior a 1 mês (41,2% vs. 16,0%).

Tabela 17.

Caracterização do tempo de relacionamento amoroso

Tempo de relacionamento amoroso	Masculino		Feminino		Total		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%		
Menos de 1 mês	7	41,2	4	16,0	11	26,2		
Entre 1 a 6 meses	5	29,4	9	36,0	14	33,3		
Entre 6 meses a 1 ano	1	5,9	7	28,0	8	19,0	8,029	0,088
Entre 1 ano a 2 anos	1	5,9	4	16,0	5	11,9		
Mais de 2 anos	3	17,6	1	4,0	4	9,5		

Com quem o adolescente fala sobre sexualidade

Na Tabela 18 verificamos que, de uma forma geral, 66,7% dos adolescentes recorre à mãe para falar sobre sexualidade, número apenas superado pelos 71,5% que dizem recorrer aos amigos. Em menor escala verifica-se também que 22,8% recorre ao pai, 16,3% ao namorado e 13,8% aos irmãos, verificando-se que existem 8,1% dos adolescentes a recorrer aos professores e 4,1% ao médico/enfermeiro. De notar que se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes do género masculino e feminino no que respeita a quem recorre à mãe ($\chi^2=15,060$; $p<0,001$) e ao pai ($\chi^2=15,577$; $p<0,001$), com a mãe a ser a escolha de eleição por parte das adolescentes (79,2% vs. 48,1%) e o pai a ser escolhido praticamente apenas pelos adolescentes do género masculino (40,4% vs. 9,7%).

Tabela 18.

Caracterização de com quem o adolescente fala sobre sexualidade

Com quem falas sobre sexualidade	Masculino		Feminino		Total		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%		
Mãe	25	48,1	57	79,2	82	66,7	15,060	<0,001
Pai	21	40,4	7	9,7	28	22,8	15,577	<0,001
Amigos	41	78,8	47	65,3	88	71,5	2,033	0,220
Namorado(a)	7	13,5	13	18,1	20	16,3	0,568	0,473
Professores	6	11,5	4	5,6	10	8,1	1,345	0,322
Médico/enfermeiro	2	3,8	3	4,2	5	4,1	0,015	0,904
Irmã(o)	9	17,3	8	11,1	17	13,8	0,860	0,431

Género Parental de Referência

O género parental de referência é a variável que diz respeito à questão do inquirido que questiona os alunos adolescentes pertencentes à amostra sobre com quem falam mais na área

da sexualidade no que se refere aos seus pais e está caracterizado na Tabela 19. Através da aplicação do teste do qui-quadrado, verificam-se existirem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito ao gênero parental de referência relativamente ao gênero dos alunos ($\chi^2=27,385$; $p<0,001$). Dando-lhes três possibilidades de resposta (“Mãe”, “Pai” e “Igual para ambos”), verificou-se que os adolescentes do gênero feminino têm predominantemente como gênero parental de referência a mãe (74,3%), tendo uma minoria (17,1%) não indicado nenhum dos dois ou, em menor escala, ser igual para ambos (7,1%). Apenas 1,4% destas referiu ser o pai o gênero parental de referência. No que se refere aos adolescentes do gênero masculino, verificou-se um certo equilíbrio nas suas respostas. Apesar de ainda prevalecer a mãe como gênero de referência (32,7%), 28,8% não indicou ser algum dos dois e 26,9% ser o pai o gênero de referência. Apenas 11,5% referiu ser igual para ambos. Para o conjunto dos elementos da amostra, predominou a mãe como gênero de referência (56,6%), seguido de nenhum dos dois (22,1%), do pai (12,3%) e de igual para ambos (9,0%).

Tabela 19.

Caracterização do Gênero Parental de Referência em função do gênero dos adolescentes inquiridos

	Masculino		Feminino		Total		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%		
Nenhum dos dois	15	28,8	12	17,1	27	22,1	27,385	<0,001
Mãe	17	32,7	52	74,3	69	56,6		
Pai	14	26,9	1	1,4	15	12,3		
Igual para ambos	6	11,5	5	7,1	11	9,0		

Existência de educação sexual na escola

A larga maioria dos adolescentes (92,7%) referiu já ter falado de sexualidade/contraceção durante as aulas, tendo apenas 9 (7,3%) adolescentes da nossa amostra negado que alguma vez tenham falado de sexualidade/contraceção durante as aulas, como se verifica na Tabela 20. Não se verificaram diferenças significativas em termos de gênero para esta variável ($\chi^2=0,702$; $p=0,492$).

Tabela 20.

Caracterização da educação sexual na escola

	Masculino		Feminino		Total		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%		
Durante as aulas falaram de sexualidade/contraceção?								
Não	5	9,6	4	5,6	9	7,3	0,702	0,492
Sim	47	90,4	67	94,4	114	92,7		
Se sim, aprendeu algo de novo?								
Não	9	19,6	12	17,9	21	18,6	0,049	0,824
Sim	37	80,4	55	82,1	92	81,4		
E acha que foi útil?								
Não	2	4,3	2	3,1	4	3,6	0,125	0,723
Sim	44	95,7	63	96,9	107	96,4		

Existência de relações sexuais

Apenas uma parte dos adolescentes refere já ter tido relações sexuais (17,9%), tal como se reflete na Tabela 21, tendo-se verificado diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes do género feminino e masculino ($\chi^2=5,009$; $p=0,032$), com 26,9% dos adolescentes do género masculino a referir já terem tido relações sexuais contra apenas 11,3% do género feminino. Já no que se refere à idade da 1ª relação sexual, não foram verificadas diferenças entre os elementos do género masculino e feminino. A idade da 1ª relação sexual ocorreu até aos 14 anos inclusive para cerca de metade dos adolescentes, tendo a outra metade referido ter tido a 1ª relação sexual após ter 15 anos.

Tabela 21.

Caracterização da existência de relações sexuais

	Masculino		Feminino		Total		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%		
Alguma vez tiveste relações sexuais?								
Não	38	73,1	63	88,7	101	82,1	5,009	0,032
Sim	14	26,9	8	11,3	22	17,9		
Se sim, idade da 1ª relação sexual								
12 anos	1	10,0	0	0,0	1	5,6	4,982	0,574
13 anos	0	0,0	1	12,5	1	5,6		
14 anos	3	30,0	4	50,0	7	38,9		
15 anos	3	30,0	3	37,5	6	33,3		
16 anos	2	20,0	0	0,0	2	11,1		
17 anos	1	10,0	0	0,0	1	5,6		

Existência de relações sexuais no atual relacionamento amoroso

É de salientar que dos 22 adolescentes que responderam a esta questão, do total de 41 que referiu manter um relacionamento amoroso na atualidade, cerca de 72,7% refere ter relações sexuais no atual relacionamento amoroso (conforme Tabela 22). Relativamente à questão que se refere ao tempo que o adolescente demorou a ter relações sexuais com o atual relacionamento amoroso, apenas existiram 14 respostas com 42,9% a responder ter tido relações na primeira semana do respetivo relacionamento.

Tabela 22.

Caracterização da existência de relações sexuais no atual relacionamento amoroso

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Tens relações sexuais no atual relacionamento amoroso?						
Não	6	42,9	0	0,0	6	27,3
Sim	8	57,1	8	100,0	16	72,7
Se sim, ao fim de quanto tempo tiveste relações com o atual relacionamento amoroso?						
Uma semana ou menos	3	42,9	3	42,9	6	42,9
1 mês	2	28,6	0	0,0	2	14,3
1 – 3 meses	1	14,3	1	14,3	2	14,3
3 – 6 meses	0	0,0	1	14,3	1	7,1
6 meses – 1 ano	0	0,0	1	14,3	1	7,1
1 – 2 anos	0	0,0	1	14,3	1	7,1
Mais de 2 anos	1	14,3	0	0,0	1	7,1

Uso de contraceção

No que se refere ao uso de contraceção, é de salientar o elevado número de adolescentes que refere não usar qualquer tipo de contraceção (60,5%), atingindo os 65,9% no caso dos adolescentes do género feminino (conforme Tabela 23). Dos que referem usar contraceção, destaca-se o preservativo nos dois géneros, atingindo no sexo masculino 93,8% e no género feminino 50%. Apenas 2,5% dos adolescentes referiu já terem feito contraceção de emergência.

Tabela 23.

Caracterização do uso de contraceção

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Fazes contraceção?						
Não	19	54,3	27	65,9	46	60,5
Sim	16	45,7	14	34,1	30	39,5
Se sim, qual?						
Pílula	0	0,0	2	16,7	2	7,1
Preservativo	15	93,8	6	50,0	21	75,0
Outro	0	0,0	1	8,3	1	3,6
Pílula + preservativo	1	6,3	3	25,0	4	14,3
Já fizeste contraceção de emergência?						
Não	36	97,3	41	97,6	77	97,5
Sim	1	2,7	1	2,4	2	2,5

Utilização de preservativo nas relações sexuais

A esmagadora maioria dos adolescentes inquiridos (94,4%) considera ser importante a utilização do preservativo nas relações sexuais (conforme Tabela 24). Dos 21 adolescentes que responderam à questão sobre se utilizam o preservativo em todas as relações sexuais, 85,7% referiu que o fazia, tendo 9,5% referido que o fazia às vezes.

Tabela 24.

Caracterização da importância da utilização de preservativo nas relações sexuais

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Consideras importante a utilização de preservativo nas relações sexuais?						
Não	3	7,5	2	4,0	5	5,6
Sim	37	92,5	48	96,0	85	94,4
Utilizas o preservativo em todas as relações sexuais?						
Não	1	7,7	0	0,0	1	4,8
Sim	10	76,9	8	100,0	18	85,7
Às vezes	2	15,4	0	0,0	2	9,5

Experiência de relacionamento íntimo e sexual

Foram questionados os adolescentes relativamente à sua experiência de relacionamento íntimo e sexual como é representado na Tabela 25. Verificamos que 55,3% dos adolescentes referem não ter tido experiência sexual. Através do teste do qui-quadrado, foram encontradas

diferenças significativas entre as respostas dos rapazes e raparigas ($\chi^2=6,137$; $p=0,017$), atingindo os 63,9% no género feminino e os 42,3% no género masculino.

Dos adolescentes da amostra, 75,6% admitiu ter beijado nos lábios e abraçado alguém com carícias por cima da roupa.

Também 20,3% dos adolescentes admitiu já ter tido intimidades próximas do coito, incluindo carícias diretas em qualquer parte do corpo, incluindo os genitais, atingindo os 26,9% no género masculino e 15,3% no género feminino.

Tiveram experiência de ter chegado ao coito, à introdução do pénis dentro da vagina, com apenas uma pessoa 14,6% da amostra, atingindo os 19,2% nos rapazes e os 11,1% nas raparigas.

Já 5,7% dos adolescentes referiram já ter tido relações sexuais coitais com mais que uma pessoa, sendo estes essencialmente do género masculino.

Tabela 25.

Caracterização da experiência de relacionamento íntimo e sexual em função do género

	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Nunca tive experiência sexual	22	42,3	46	63,9	68	55,3
Beijei nos lábios e abracei alguém, com carícias por cima da roupa	40	76,9	53	73,6	93	75,6
Já tive intimidades, próximas do coito, inclui carícias diretas em qualquer parte do corpo incluindo os genitais	14	26,9	11	15,3	25	20,3
Já tive experiência de ter chegado ao coito, à introdução do pénis dentro da vagina, com apenas uma pessoa	10	19,2	8	11,1	18	14,6
Já tive relações sexuais coitais com mais que uma pessoa	6	11,5	1	1,4	7	5,7

3.2. Escalas de avaliação utilizadas no estudo

Neste estudo, foram utilizadas várias escalas de avaliação que apresentamos com os dados das médias e desvio padrão em função do género do adolescente (conforme Tabelas 26, 27, 28, 29, 30 e 31).

Tabela 26.
Inventário da cultura organizacional da família

	Índices das quatro escalas do Inventário da Cultura Organizacional da Família					
	Masculino		Feminino		Total	
	M	dp	M	dp	M	dp
ICOF_CRI	38,13	6,294	37,94	7,193	38,02	6,801
ICOF_CHE	25,10	4,353	25,42	4,765	25,28	4,580
ICOF_CHI	23,96	4,168	23,59	3,970	23,75	4,042
ICOF_COS	29,63	4,899	29,42	4,634	29,51	4,729

Tabela 27.
Classificação dos valores obtidos nas escalas do ICOF

Classificação dos valores obtidos nas 4 escalas	Baixa		Frac		Moderada		Alta	
	N	%	N	%	N	%	N	%
ICOF_CRI	26	21,1	28	22,8	24	19,5	45	36,6
ICOF_CHE	24	19,5	40	32,5	33	26,8	26	21,1
ICOF_CHI	34	27,6	15	12,2	28	22,8	46	37,4
ICOF_COS	25	20,3	20	16,3	33	26,8	45	36,6

Tabela 28.
Conhecimentos sobre infeções de transmissão sexual

	Masculino		Feminino	
	Média	dp	Média	dp
Índice da escala de conhecimentos sobre infeções de transmissão sexual	77,18	11,63	80,72	7,82

Os conhecimentos sobre infeções de transmissão sexual são classificados em conhecimentos insuficientes, moderados e bons, de acordo com o critério (**Média \pm 0.25 dp**).

Tabela 29.
Conhecimentos sobre planeamento familiar

	Masculino		Feminino	
	Média	dp	Média	dp
Índice da escala de conhecimentos sobre planeamento familiar	74,46	8,95	77,77	8,52

O índice de conhecimentos sobre planeamento familiar obtém-se somando os 22 itens, e de acordo com a pontuação obtida adotou-se a seguinte classificação com base na fórmula (**Média \pm 0.25 dp**):

Insuficientes = $\leq M - 0.25dp$
 Moderados = $\geq M - 0.25dp \geq M \leq M + 0.25dp$
 Bons = $\geq M + 0.25dp$

Tabela 30.

Índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes

	Masculino		Feminino		Total	
	M	dp	M	dp	M	dp
Índice da escala de atitudes face à sexualidade	89,25	16,871	97,11	14,358	93,79	15,890

Somados os valores, determina-se o índice de atitudes face à sexualidade e de acordo com a pontuação obtida é possível identificar três grupos de corte tendo por base a fórmula apresentada por Pestana e Gageiro (2005):

Desfavorável = $\leq M - 0.25dp$
 Indiferente = $\geq M - 0.25dp \geq M \leq M + 0.25dp$
 Favorável = $\geq M + 0.25dp$

Tabela 31.

Motivação para fazer e não fazer sexo

	Masculino		Feminino	
	Média	dp	Média	dp
Motivação para fazer sexo	28,21	7,50	22,94	6,45
Motivação para não fazer sexo	25,78	7,90	24,71	7,24

3.3. Análise inferencial

Pretendemos, neste ponto, dar resposta às hipóteses por nós elaboradas. Assim:

H₁: O género parental de referência influencia as atitudes do adolescente face à sexualidade.

Para tentar aferir se o género parental de referência influencia ou não as atitudes do adolescente face à sexualidade, foi necessário verificar se os adolescentes que indicaram ter um dado género parental de referência obtiveram valores do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade semelhantes entre si ou se os valores deste índice variaram de acordo com o respetivo género parental. Para aferir qual o tipo de teste a aplicar sobre a escala de atitudes do adolescente face à sexualidade, se paramétrico através de uma Anova, se não paramétrico através do teste de Kruskal-Wallis, foi necessário verificar os pressupostos dos testes estatísticos paramétricos, nomeadamente através da aplicação do teste de Kolmogorov-Smirnov com correcção de Lilliefors, para análise da normalidade da distribuição e o teste de Levene, para a homogeneidade da variância (Marôco, 2007).

Aplicado o teste de Kolmogorov-Smirnov (conforme Tabela 32), verificou-se que esta distribuição segue uma distribuição não normal ($KS=0,157$; $p<0,001$), pelo que terão que ser utilizados testes não paramétricos sobre este índice.

Tabela 32.

Teste de Kolmogorov-Smirnov para aferir a normalidade da distribuição do índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes

	KS	gl	p
Índice da escala de atitudes face à sexualidade	0,157	123	<0,001

Aplicado o teste de Kruskal-Wallis, verificou-se existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos valores do índice consoante o género parental de referência ($\chi^2_{KW} = 12,439$; $p=0,006$), com os elementos cujo género de referência é a mãe a obterem valores mais elevados do respetivo índice, com uma média de ordens de 70,91, seguidos dos que indicaram ser igual para ambos (57,23) e nenhum dos dois (49,96) e só posteriormente o pai (42,13) tal como se verifica na Tabela 33.

Tabela 33.

Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do género parental de referência

	Nenhum dos dois		Mãe		Pai		Igual para ambos		χ^2_{KW}	p
	N	Média Ordens	N	Média Ordens	N	Média Ordens	N	Média Ordens		
Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade	27	49,96	69	70,91	15	42,13	11	57,23	12,439	0,006

A Figura 1 representa o diagrama de extremos e quartis (*Box-Plot*) onde é possível verificar graficamente a distribuição da escala em função do género parental de referência.

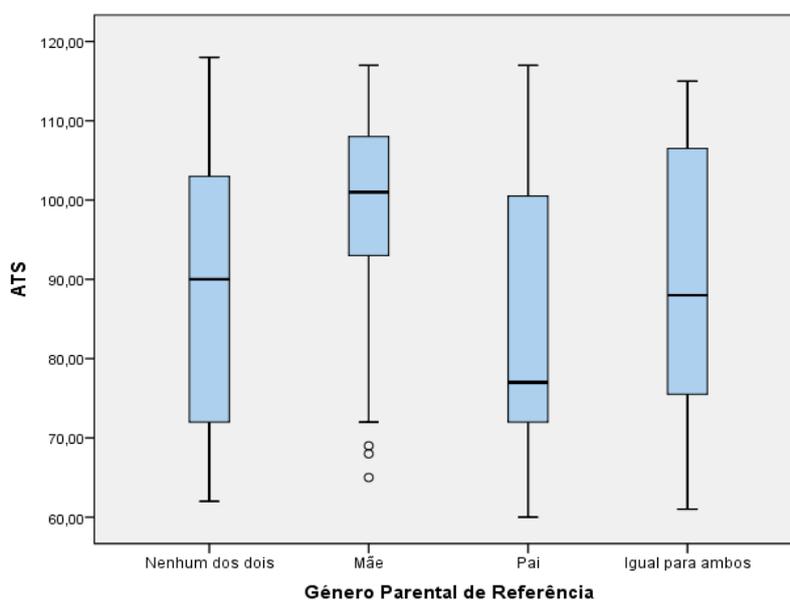


Figura 1. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do género parental de referência

Dado ter-se criado uma classificação da atitude do adolescente face à sexualidade a partir do respetivo índice, aferiu-se se existiam diferenças significativas entre os adolescentes classificados como desfavorável, indiferente ou favorável relativamente ao respetivo género parental de referência (conforme Tabela 34). Através da aplicação do teste do qui-quadrado, verificam-se existirem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à classificação da atitude do adolescente face à sexualidade relativamente ao género parental de referência ($\chi^2=22,422$; $p<0,001$). Os adolescentes cujo género parental de referência é a mãe têm predominantemente a classificação de favorável (56,5%) e os cujo género parental de referência é o pai têm predominantemente a classificação de desfavorável (66,7%). De notar

ainda existir uma maior percentagem de adolescentes classificados como indiferentes, cujo género parental de referência é a mãe (26,1%), atribuindo ao pai apenas um valor residual (6,7%).

Tabela 34.

Classificação da atitude do adolescente face à sexualidade em função do género parental de referência

Classificação da atitude face à sexualidade	Nenhum dos dois		Mãe		Pai		Igual para ambos	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Desfavorável	13	48,1	12	17,4	10	66,7	6	54,5
Indiferente	3	11,1	18	26,1	1	6,7	0	0,0
Favorável	11	40,7	39	56,5	4	26,7	5	45,5

De acordo com os resultados é possível concluir que o género parental de referência influencia as atitudes do adolescente face à sexualidade, pelo que a hipótese é suportada.

H₂: A cultura organizacional da família tem influência nas atitudes do adolescente relativamente à sexualidade.

Para testar esta hipótese, utilizamos como método estatístico o teste de correlação de *Spearman* entre as variáveis relativas ao Índice da Escala de Atitudes face à Sexualidade em Adolescentes e do Inventário da Cultura Organizacional da Família (ICOF) - Cultura das relações interpessoais (ICOF_CRI), Cultura da heurística (ICOF_CHE), Cultura da hierarquia (ICOF_CHI) e Cultura dos objetivos sociais (ICOF_COS) de acordo com a Tabela 35.

Tabela 35.

Correlação de *Spearman* do índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes e as variáveis das dimensões da Cultura Organizacional da Família

	M	dp	1	2	3	4	5
1 - Índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes	93,79	15,89	1				
2 - Cultura das relações interpessoais (ICOF_CRI)	75,06	17,00	0,268**	1			
3 - Cultura da heurística (ICOF_CHE)	81,14	18,32	0,325***	0,769***	1		
4 - Cultura da hierarquia (ICOF_CHI)	74,99	16,17	0,088 ^{ns}	0,687***	0,685***	1	
5 - Cultura dos objetivos sociais (ICOF_COS)	78,37	15,76	0,171 ^{ns}	0,638***	0,624***	0,580***	1

*** $p \leq 0,001$; ** $0,001 < p \leq 0,01$; * $0,01 < p \leq 0,05$; ^{ns} $p > 0,05$

Pela análise da Tabela 35, verifica-se existir uma correlação positiva entre o índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes e duas das dimensões do inventário da Cultura Organizacional da Família. O índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes apresentou uma correlação positiva com a dimensão da Cultura das relações interpessoais ($\rho=0,268$; $p=0,003$) e também uma correlação positiva com a dimensão da Cultura da heurística ($\rho=0,325$; $p<0,001$). Não apresentou correlação com significância estatística com a dimensão da Cultura dos objetivos sociais ($\rho=0,171$; $p=0,058$) nem com a dimensão da Cultura da hierarquia ($\rho=0,088$; $p=0,335$).

H₃: O estilo parental tem influência nas atitudes do adolescente relativamente à sexualidade

Para tentar aferir se o estilo parental influencia ou não as atitudes do adolescente face à sexualidade, foi necessário avaliar se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade para os adolescentes com diferentes estilos parentais (conforme Tabela 36). Como foi demonstrado anteriormente, a distribuição do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade segue uma distribuição não normal, pelo que foi aplicado o teste de Kruskal-Wallis. Verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos valores do índice referente ao estilo parental ($\chi^2_{KW} = 5,752$; $p=0,124$), embora os adolescentes com um estilo parental negligente tenham obtido valores do índice mais baixos que os restantes com uma média de ordens mais baixa (48,26). Já os adolescentes com um estilo parental autoritativo ou indulgente foram aqueles que apresentaram uma média de ordens mais elevada, com 67,96 e 67,70, respetivamente, seguidos dos adolescentes com um estilo parental autoritário (59,59).

Tabela 36.

Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do estilo parental

	Negligente		Indulgente		Autoritativo		Autoritário		χ^2_{KW}	P
	N	Média Ordens	N	Média Ordens	N	Média Ordens	N	Média Ordens		
Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade	25	48,26	23	67,70	47	67,96	28	59,59	5,752	0,124

A Figura 2 representa o diagrama de extremos e quartis (*Box-Plot*) onde é possível verificar graficamente a distribuição da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do estilo parental. A figura confirma graficamente as ilações estabelecidas anteriormente, com

os adolescentes com um estilo autoritativo ou indulgente a serem aqueles com valores médios do índice mais elevados.

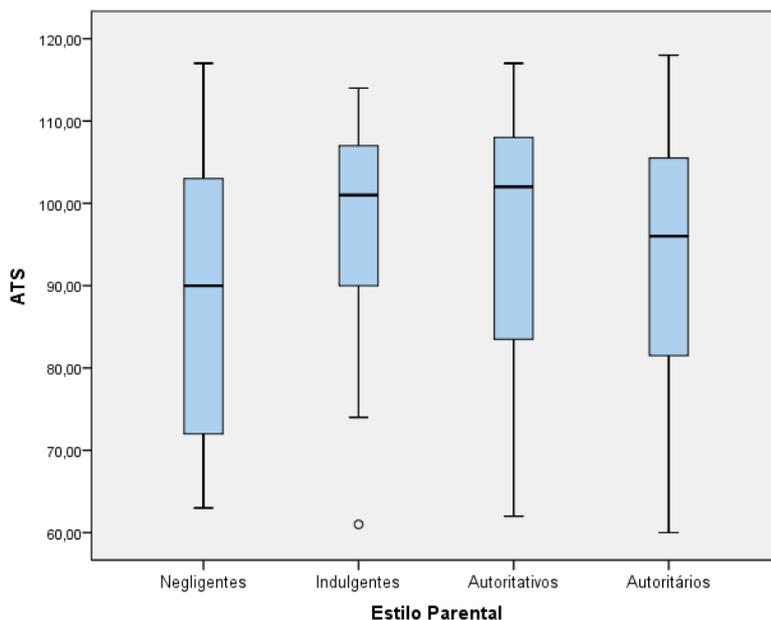


Figura 2. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do estilo parental

No que diz respeito à classificação da atitude do adolescente face à sexualidade, verificou-se, através da aplicação do teste do qui-quadrado, não existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente ao estilo parental ($\chi^2=4,983$; $p=0,557$). Tal como verificado anteriormente aquando do estudo da escala, os adolescentes com uma classificação da atitude do adolescente face à sexualidade mais elevada foram os de estilo autoritativo (55,3%) e indulgente (56,5%) e os que se salientaram com a classificação de desfavorável foram os de estilo negligente (48,0%), Tabela 37.

Tabela 37.

Classificação da atitude do adolescente face à sexualidade em função do estilo parental

Classificação da atitude face à sexualidade	Negligente		Indulgente		Autoritativo		Autoritário	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Desfavorável	12	48,0	6	26,1	14	29,8	10	35,7
Indiferente	5	20,0	4	17,4	7	14,9	6	21,4
Favorável	8	32,0	13	56,5	26	55,3	12	42,9

De acordo com os resultados é possível concluir que, apesar de se verificarem algumas diferenças nas atitudes dos adolescentes relativamente à sexualidade para os vários estilos parentais, estas não são estatisticamente significativas, pelo que a hipótese é não suportada.

H4: A profissão dos pais tem influência nas atitudes dos adolescentes face à vivência da sexualidade.

No sentido de aferir se a profissão dos pais tem influência nas atitudes do adolescente face à sexualidade, foi necessário verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade para as várias categorias de profissões. Como a profissão do pai é independente da profissão da mãe, houve necessidade de fazer esta verificação numa primeira fase para a profissão do pai e posteriormente para a profissão da mãe. Como foi demonstrado anteriormente, a distribuição do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade segue uma distribuição não normal, pelo que foi aplicado o teste de Kruskal-Wallis. Verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos valores do índice em função da profissão do pai ($\chi^2_{KW} = 5,181$; $p=0,271$), embora os adolescentes com pais cuja profissão se insere nas categorias dos “Quadros superiores, empresários, especialistas” e “Técnicos e profissionais de nível intermédio” tenham obtido valores do índice mais altos que os restantes com uma média de ordens mais alta (66,52 e 62,83, respetivamente). Já os que se inserem na categoria “Desempregados, domésticas e reformados” foram aqueles que apresentaram uma média de ordens mais baixa, com 42,55, (conforme Tabela 38).

Tabela 38.

Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da profissão do pai

	Desempregados, domésticas e reformados		Agricultores, operários e operadores instalações		Pessoal administrativo e dos serviços		Técnicos e profissionais de nível intermédio		Quadros superiores, empresários, especialistas		χ^2_{KW}	p
	N	Média Ordens	N	Média Ordens	N	Média Ordens	N	Média Ordens	N	Média Ordens		
Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade	10	42,55	48	57,14	27	53,06	6	62,83	22	66,52	5,181	0,271

A Figura 3 representa o diagrama de extremos e quartis (*Box-Plot*) onde é possível verificar graficamente a distribuição da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da profissão do pai. Como se pode constatar, as categorias de profissões que apresentam

valores médios do índice mais elevados são as categorias dos “Quadros superiores, empresários, especialistas” e “Técnicos e profissionais de nível intermédio”.

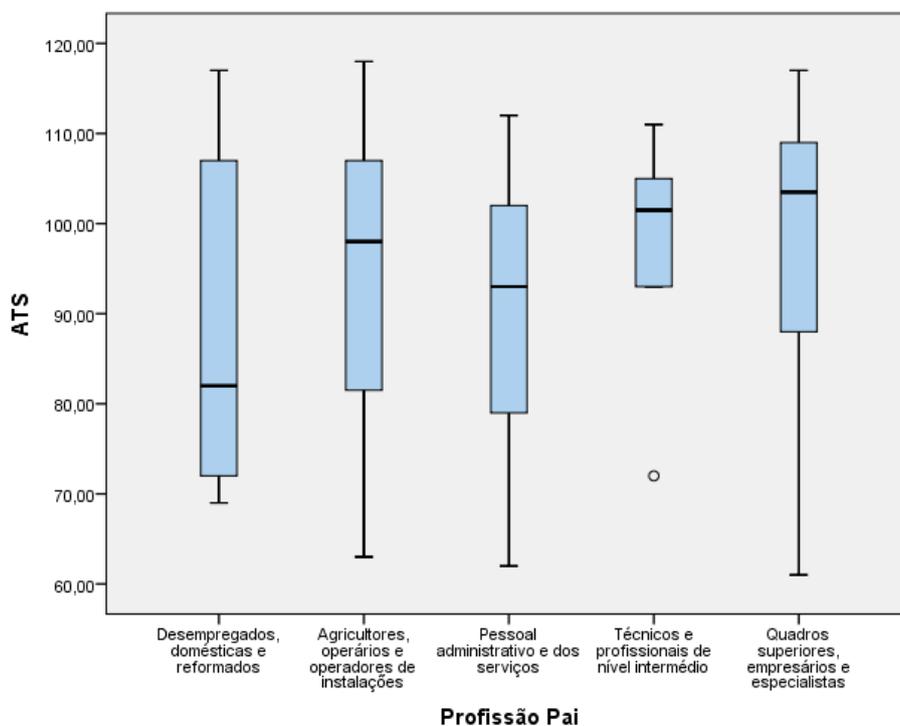


Figura 3. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da profissão do pai

No que respeita à profissão da mãe, e depois de aplicado o teste de Kruskal-Wallis, verificou-se existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos valores do índice em função da profissão da mãe ($\chi^2_{KW} = 11,080$; $p = 0,019$). Assim, os adolescentes com mães cuja profissão se insere nas categorias dos “Quadros superiores, empresários, especialistas” apresentaram uma média de ordens de 73,67 e as que se inserem na categoria “Desempregados, domésticas e reformados”, para a qual contribui em grande parte as domésticas, também obtiveram valores altos do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade com uma média de ordens de 68,65. Já os que se inserem na categoria “Pessoal administrativo e dos serviços” foram aqueles que apresentaram uma média de ordens mais baixa, com 50,30 (conforme Tabela 39).

Tabela 39.

Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da profissão da mãe

Desempregados, domésticas e reformados		Agricultores, operários e operadores instalações		Pessoal administrativo e dos serviços		Técnicos e profissionais de nível intermédio		Quadros superiores, empresários, especialistas		χ^2_{KW}	p
N	Média Ordens	N	Média Ordens	N	Média Ordens	N	Média Ordens	N	Média Ordens		

Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade

43	68,65	4	64,50	51	50,30	5	55,90	18	73,67	11,080	0,019
----	-------	---	-------	----	-------	---	-------	----	-------	--------	--------------

Na Figura 4, que representa o diagrama de extremos e quartis (*Box-Plot*), é possível verificar graficamente a distribuição da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da profissão da mãe. Como se pode constatar, as categorias de profissões que apresentam valores médios do índice mais elevados são as categorias dos “Quadros superiores, empresários, especialistas” e “Desempregados, domésticas e reformados”.

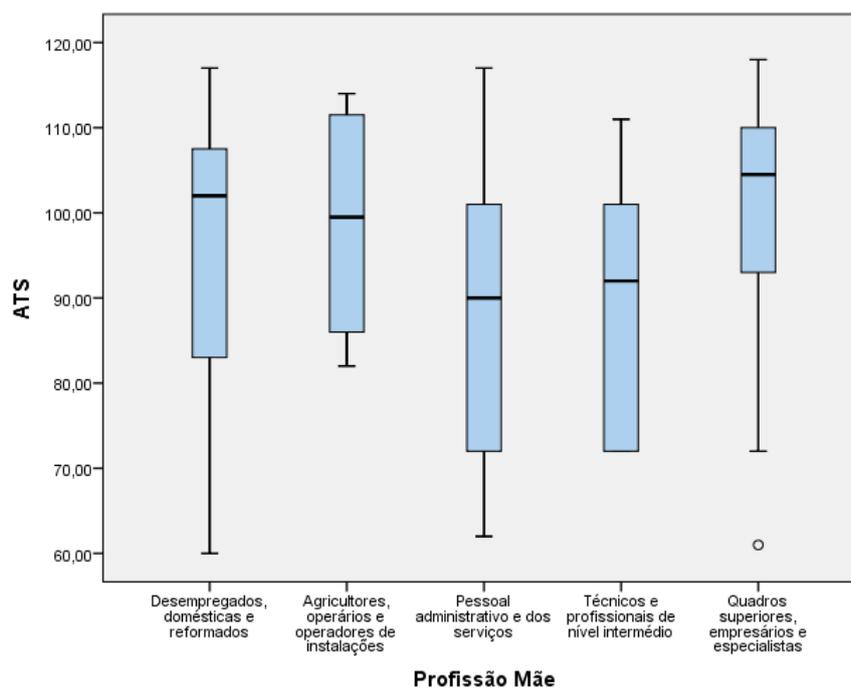


Figura 4. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da profissão da mãe

De acordo com os resultados é possível concluir que, embora a profissão do pai não permita verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas relativamente às atitudes

dos adolescentes relativamente à sexualidade para as várias categorias da profissão do pai, tal já se verifica para a profissão da mãe pelo que a hipótese é parcialmente suportada.

H₅: A idade dos jovens influencia as atitudes do adolescente face à sexualidade.

No sentido de verificar se a idade dos jovens da amostra do estudo influencia ou não as atitudes do adolescente face à sexualidade, foi necessário aferir se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente face a esta. De forma a simplificar o estudo e uma vez só existirem 3 adolescentes com 17 anos, considerou-se a classe etária e não a idade para estudo comparativo. Como foi demonstrado anteriormente, a distribuição do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade segue uma distribuição não normal, pelo que foi aplicado o teste de Mann-Whiney (Tabela 34). Verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos valores do índice relativamente à classe etária ($U=813,5$; $W=1003,5$; $p=0,224$), embora o conjunto dos 19 adolescentes pertencentes à classe etária mais alta tenha apresentado valores do índice mais baixos que o outro grupo com uma média de ordens de 52,82. Já os adolescentes pertencentes à classe etária dos 14-15 anos foram aqueles que apresentaram uma média de ordens mais elevada, com 63,68 (conforme Tabela 40).

Tabela 40.

Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da sua faixa etária

	14-15		16-17		U	W	p
	N	Média Ordens	N	Média Ordens			
Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade	104	63,68	19	52,82	813,5	1003,5	0,224

A Figura 5 representa o diagrama de extremos e quartis (*Box-Plot*) onde é possível verificar graficamente a distribuição da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da classe etária do adolescente. A figura confirma graficamente as ilações estabelecidas anteriormente, com os adolescentes pertencentes à classe etária mais baixa a serem aqueles com valores médios do índice mais elevados.

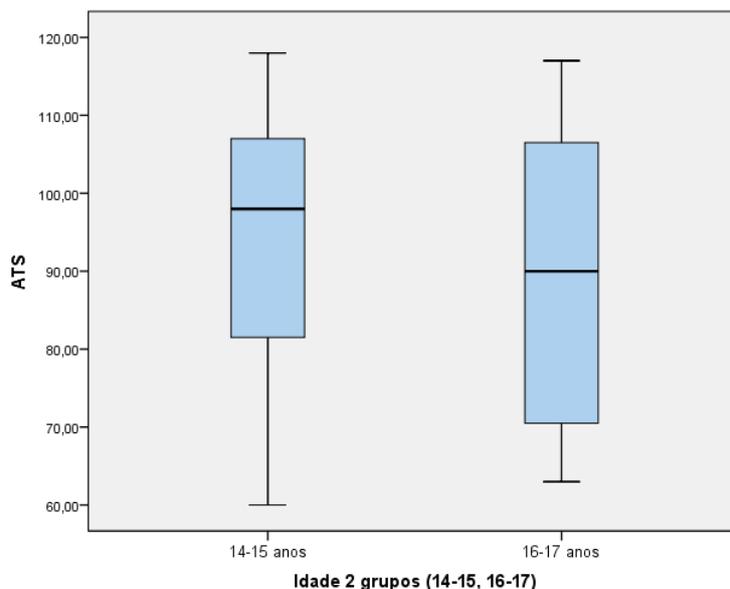


Figura 5. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da sua faixa etária

Relativamente à classificação da atitude do adolescente face à sexualidade, verificou-se, através da aplicação do teste do qui-quadrado, não existirem diferenças estatisticamente significativas entre as duas classes etárias ($\chi^2=1,992$; $p=0,405$). No entanto, foi possível verificar existir uma maior percentagem com a classificação de desfavorável na classe etária dos 16-17 anos (47,4% vs. 31,7%) e menor com a classificação de favorável (42,1% vs. 49,0%), (conforme Tabela 41).

Tabela 41.

Classificação da atitude do adolescente face à sexualidade em função da sua faixa etária

Classificação da atitude face à sexualidade	14-15 anos		16-17 anos		Total	
	N	%	N	%	N	%
Desfavorável	33	31,7	9	47,4	42	34,1
Indiferente	20	19,2	2	10,5	22	17,9
Favorável	51	49,0	8	42,1	59	48,0

De acordo com os resultados, é possível concluir que, apesar de se verificarem algumas diferenças nas atitudes dos adolescentes relativamente à sexualidade para as duas classes etárias, estas não são estatisticamente significativas, pelo que a hipótese é não suportada. Tal afirmação poderá ser comprovada, para um nível de significância a 5%, pelo modelo de regressão linear verificado no ponto seguinte.

H₆: A educação sexual na escola tem influência na atitude do adolescente face à sexualidade.

Para tentar aferir se o facto de durante as aulas os adolescentes terem abordado o tema da sexualidade/contraceção influenciou ou não as atitudes do adolescente face à sexualidade, foi necessário aferir se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente entre os que disseram ter abordado o tema e os que disseram não ter abordado o tema. Como foi demonstrado anteriormente, a distribuição do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade segue uma distribuição não normal, pelo que foi aplicado o teste de Mann-Whiney (conforme Tabela 42). Verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos valores do índice em função de durante as aulas terem falado de sexualidade/contraceção ($U=361,5$; $W=406,5$; $p=0,143$), embora o conjunto dos 9 adolescentes pertencentes aos que negaram ter tido esse contacto nas aulas tenha apresentado valores do índice mais baixos que o outro grupo com uma média de ordens de apenas 45,17 vs. 63,33.

Tabela 42.

Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função de durante as aulas terem falado de sexualidade/contraceção

	Não		Sim		U	W	p
	N	Média Ordens	N	Média Ordens			
Índice da escala de atitudes face à sexualidade	9	45,17	114	63,33	361,5	406,5	0,143

A Figura 6 representa o diagrama de extremos e quartis (*Box-Plot*) onde é possível verificar graficamente a distribuição da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função de durante as aulas terem falado de sexualidade/contraceção. A figura confirma graficamente as ilações estabelecidas anteriormente, com os adolescentes pertencentes ao grupo dos que referiram ter falado de sexualidade/contraceção nas aulas, os que apresentaram valores médios do índice mais elevados.

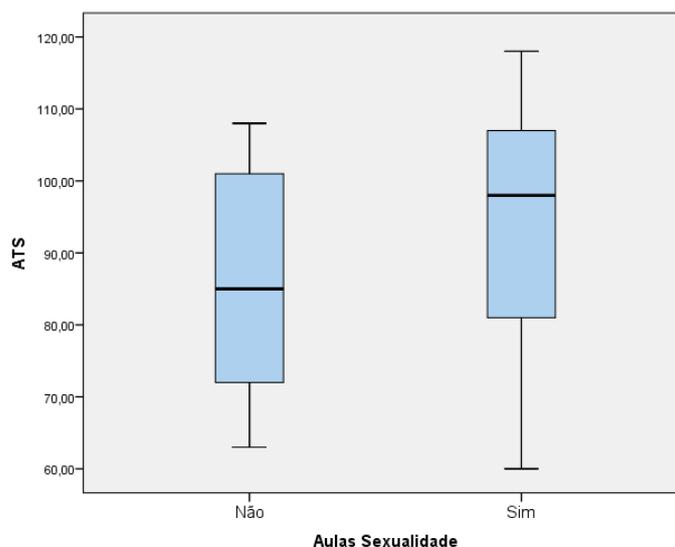


Figura 6. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função de durante as aulas terem falado de sexualidade/contraceção

Relativamente à classificação da atitude do adolescente face à sexualidade, verificou-se, através da aplicação do teste do qui-quadrado, não existirem diferenças estatisticamente significativas nos dois grupos ($\chi^2=1,986$; $p=0,405$). No entanto, foi possível verificar existir uma maior percentagem com a classificação de favorável no grupo que respondeu afirmativamente (49,1% vs. 32,5%), (conforme Tabela 43).

Tabela 43.

Classificação da atitude do adolescente face à sexualidade em função de durante as aulas terem falado de sexualidade/contraceção

Classificação da atitude face à sexualidade	Não		Sim		Total		χ^2	<i>p</i>
	N	%	N	%	N	%		
Desfavorável	5	55,6	37	32,5	42	34,1	1,986	0,433
Indiferente	1	11,1	21	18,4	22	17,9		
Favorável	3	33,3	56	49,1	59	48,0		

De acordo com os resultados, é possível concluir que, apesar de se verificarem algumas diferenças nas atitudes dos adolescentes relativamente à sexualidade entre os dois grupos em estudo, estas não são estatisticamente significativas, pelo que a hipótese é não suportada. Salientamos, no entanto, que o número de amostras pertencente ao grupo que negou ter falado de sexualidade/contraceção durante as aulas é de apenas 9 adolescentes, sendo portanto muito reduzido.

H₇: O género do jovem tem influência nas atitudes do adolescente face à sexualidade.

Para tentar aferir se o género dos adolescentes da amostra em estudo influencia ou não as atitudes do adolescente face à sexualidade, foi necessário avaliar se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente entre os dois géneros. Como foi demonstrado anteriormente, a distribuição do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade segue uma distribuição não normal, pelo que foi aplicado o teste de Mann-Whiney (conforme Tabela 44). Verificou-se existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos valores do índice relativamente ao género ($U=1315,5$; $W=2693,5$; $p=0,006$), com os adolescentes pertencentes ao género feminino a apresentarem uma média de ordens mais elevada (69,47 vs. 51,80).

Tabela 44.

Índice da escala de atitudes face à sexualidade em função do género do aluno

	Masculino		Feminino		U	W	p
	N	Média Ordens	N	Média Ordens			
Índice da escala de atitudes face à sexualidade	52	51,80	71	69,47	1315,5	2693,5	0,006

A Figura 7 representa o diagrama de extremos e quartis (*Box-Plot*) onde é possível verificar graficamente a distribuição da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do género do adolescente. A figura confirma graficamente as ilações estabelecidas anteriormente, com os adolescentes pertencentes ao género feminino a serem aqueles com valores médios do índice mais elevados.

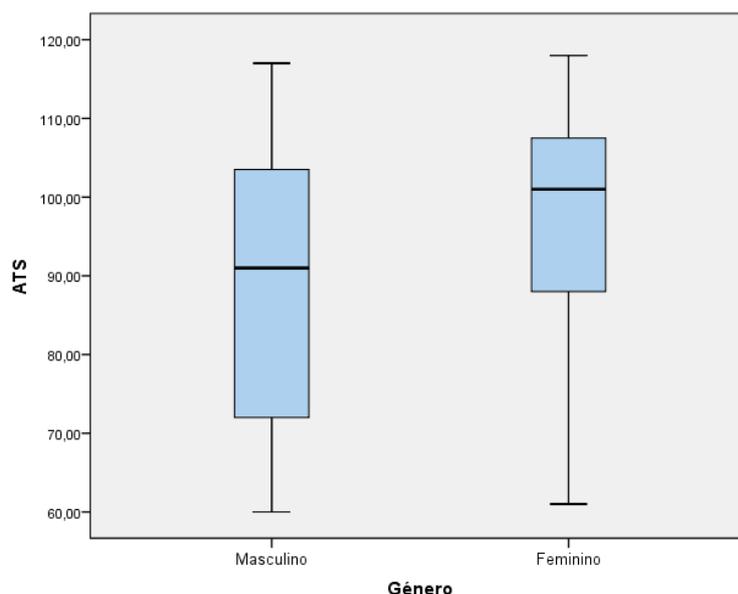


Figura 7. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função do género do aluno

Relativamente à classificação da atitude do adolescente face à sexualidade, verificou-se, através da aplicação do teste do qui-quadrado, existirem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros (conforme Tabela 45), ($\chi^2=8,422$; $p=0,015$). Foi possível verificar existir uma maior percentagem com a classificação de desfavorável para os elementos do género masculino (44,2% vs. 26,8%). Já o género feminino foi o que apresentou uma maior percentagem com a classificação de favorável (59,2% vs. 32,7%).

Tabela 45.

Teste de qui-quadrado entre os alunos do género masculino e feminino da classificação da atitude face à sexualidade em adolescentes

Classificação da atitude face à sexualidade	Masculino		Feminino		Total		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%		
Desfavorável	23	44,2	19	26,8	42	34,1	8,422	0,015
Indiferente	12	23,1	10	14,1	22	17,9		
Favorável	17	32,7	42	59,2	59	48,0		

De acordo com os resultados, é possível concluir que a hipótese é suportada pois o género do jovem tem influência nas atitudes do adolescente face à sexualidade, com os elementos do género feminino a apresentarem valores do índice da atitude face à sexualidade em adolescentes mais elevados. Poderemos, igualmente, verificar que o género influencia a

atitude do adolescente face à sexualidade no modelo de regressão linear apresentado no ponto seguinte.

H₈: A existência de relacionamento amoroso tem influência nas atitudes do adolescente face à sexualidade.

Para tentar aferir se a existência ou não de relacionamento amoroso por parte dos adolescentes da amostra em estudo influencia ou não as atitudes destes face à sexualidade, foi necessário aferir se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente entre os dois grupos (conforme Tabela 46). Como foi demonstrado anteriormente, a distribuição do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade segue uma distribuição não normal, pelo que foi aplicado o teste de Mann-Whiney (Tabela 41). Verificou-se existirem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos valores do índice referente à existência de relacionamento amoroso ($U=1258,0$; $W=4579,0$; $p=0,029$), com os adolescentes pertencentes ao grupo que namora uma média de ordens consideravelmente mais elevada (71,32 vs. 56,53).

Tabela 46.

Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da existência ou não de relacionamento amoroso

	Namora	Não		Sim		U	W	p
		N	Média Ordens	N	Média Ordens			
Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade	81	56,53	41	71,32	1258,0	4579,0	0,029	

A Figura 8 representa o diagrama de extremos e quartis (*Box-Plot*) onde é possível verificar graficamente a distribuição da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da existência ou não de relacionamento amoroso por parte do adolescente. A figura confirma graficamente as ilações estabelecidas anteriormente, com os adolescentes que namoram a serem aqueles com valores médios do índice mais elevados.

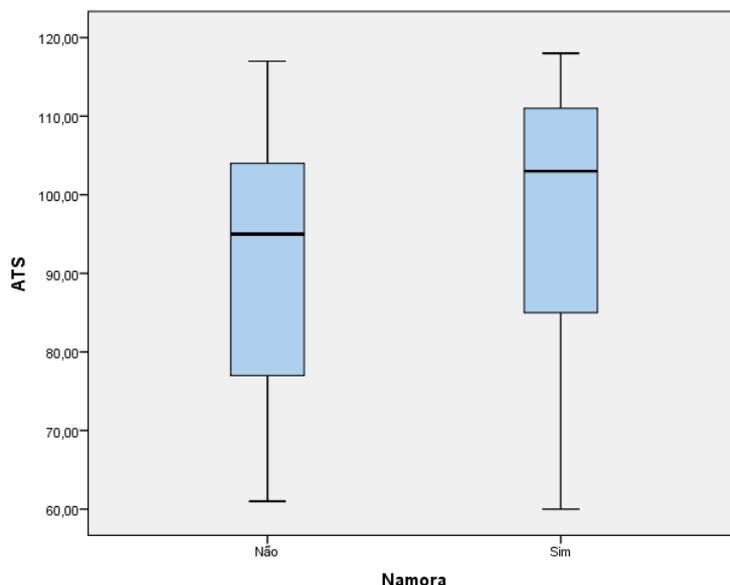


Figura 8. Índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade em função da existência ou não de relacionamento amoroso

No que se refere à classificação da atitude do adolescente face à sexualidade, verificou-se, através da aplicação do teste do qui-quadrado, existirem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ($\chi^2=6,084$; $p=0,045$). Foi possível verificar existir uma maior percentagem com a classificação de favorável para os que namoram (63,4% vs. 40,7%). De salientar também uma diferença considerável nos que obtiveram a classificação de indiferente a atingirem a percentagem de 22,2% no grupo dos que não namoram mas baixando para 9,8% no grupo que namora (conforme Tabela 47).

Tabela 47.

Classificação da atitude do adolescente face à sexualidade em função da existência ou não de relacionamento amoroso

Classificação da atitude face à sexualidade	Namora		Não		Sim		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Desfavorável	30	37,0	11	26,8	41	33,6		
Indiferente	18	22,2	4	9,8	22	18,0		
Favorável	33	40,7	26	63,4	59	48,4		

De acordo com os resultados, é possível concluir que a hipótese é suportada, pois os adolescentes que detêm um relacionamento amoroso apresentam valores do índice da atitude face à sexualidade em adolescentes mais elevados.

Ensaio sobre o índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes estratificado pelas variáveis género dos alunos, classe etária e existência de relacionamento amoroso

O modelo criado pretendeu testar de forma exploratória de que forma é que o índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes poderia ser explicado pelo género do aluno, pela sua classe etária (14-15, 16-17 anos) e pela existência de um relacionamento amoroso por parte do adolescente inquirido (conforme Tabela 48). Foi verificado se as variáveis exógenas, ou variáveis independentes, estão fortemente associadas (multicolinearidade), tendo-se verificado valores de VIF (*Variance Inflation Factor*) inferiores a 10, o que revela ausência de multicolinearidade.

Tabela 48.

Índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes, estratificada pelas variáveis do género do aluno, da classe etária e da existência de um relacionamento amoroso por parte do adolescente inquirido

Variáveis Independentes		Variável Dependente Índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes
	Género do aluno	7,158*
	Classe etária (14-15, 16-17 anos)	
	Existência de relacionamento amoroso	6,601*
	Constante	81,675
Coeficiente de determinação	R	0,332
	R ²	0,111
Significância	* 0,01 < p ≤ 0,05	
	** 0,001 < p ≤ 0,01	
	*** p ≤ 0,001	

Analisando a Tabela 48, em que apenas são apresentados os valores não estandardizados dos coeficientes de regressão que revelam significância estatística, verificamos que os resultados sugerem que a variável dependente do modelo (índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes) é explicada positivamente pelo género do aluno ($B=7,158$; $p=0,013$; $\beta=0,224$) e pela existência de um relacionamento amoroso ($B=6,601$; $p=0,031$; $\beta=0,197$). De notar que a variável correspondente à classe etária a que pertencem os alunos apesar de apresentar direccionalidade não é estatisticamente significativa a 5% ($B=-6,778$; $p=0,093$; $\beta=-0,155$), pelo que não se pode dizer que influencia o índice da escala de atitudes face à

sexualidade em adolescentes. No entanto como o seu valor estandardizado tem um valor absoluto superior a 0,05 ($\beta_{\text{ClasseEtária}}=-0,155$) esta não foi removida da análise de regressão.

Através da análise do coeficiente de determinação R^2 , constatou-se que a proporção da variância do índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes, que é explicada pelas variáveis preditoras (dependentes), é de 11,1%, verificando-se que o conjunto destas variáveis prediz de forma significativa o valor do índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes com $F(3,118)=4,888, p=0,003$.

4. DISCUSSÃO

4.1. Quanto aos dados sociodemográficos

Gênero parental de referência

Considerando os pais como intervenientes fundamentais no desenvolvimento pessoal e social do adolescente, achamos pertinente perceber os fatores parentais que, na percepção do adolescente, influenciam as suas atitudes e comportamentos sexuais.

No nosso estudo, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas em termos de gênero parental de referência em função do gênero do adolescente, observando-se que o sexo feminino (74,3%) tem predominantemente a mãe como interlocutora sobre sexualidade, e no gênero masculino (32,7%), apesar de não haver diferenças significativas, também prevalece a mãe.

Noutros estudos (Quintal, 2012; Reichert, 2006), esta evidência é confirmada. Destacamos os estudos de Vilar (2003) e Oliveira (2011), que referem ser a mãe o interlocutor preferido para conversar sobre sexualidade, respetivamente (47,9% dos rapazes e 80% das raparigas), no primeiro estudo, sendo que no segundo estudo também 40,9% escolhe a mãe e só 16,1% escolhe o pai, logo a seguir aos amigos, verificando-se assim um papel significativo das mães nestas questões.

Através da aplicação do teste do qui-quadrado, verificam-se, no nosso estudo, existirem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à classificação da atitude do adolescente face à sexualidade relativamente ao gênero parental de referência, verificando-se que adolescentes cujo gênero parental de referência é a mãe têm predominantemente a classificação de favorável (56,5%) e os cujo gênero parental de referência é o pai têm predominantemente a classificação de desfavorável (66,7%). Noutros estudos, como o de Costa e cols. (2000), percebe-se que a mãe é mais marcante no ambiente familiar no que diz respeito às práticas educativas, constituindo em vários estudos o progenitor com quem o adolescente conversa mais e mantém laços mais próximos.

Este dado poderá ser traduzido pela tradicional função de cuidadora do lar e dos filhos atribuída à mãe, exigindo desta uma maior atenção e proximidade da família. Isto foi também constatado nas questões feitas aos pais dos adolescentes do nosso estudo, relacionadas com a interação com os filhos (*Anexo F*), que são as mães o membro parental que conversa mais com os filhos (75% conversa sempre), está mais atenta e percebe mais facilmente quando têm problemas (55,2% percebe sempre). É também ela, maioritariamente, o encarregado de educação (79,6%), elogia mais os filhos (36,4% elogia quase sempre e 35,5% elogia sempre) e fala mais sobre o que se passa na escola, assim como, das questões relacionadas com a sexualidade (51,85%).

Uma relação saudável entre mãe e filho parece estar relacionada com um desenvolvimento equilibrado do indivíduo, tal como refere Bowlby (1988), o que leva a considerar a importância da existência deste vínculo.

Cultura organizacional da família

É através da comunicação em família que se transmitem opiniões, conhecimentos, crenças e mitos e também atitudes relativamente à sexualidade. Relativamente ao contexto familiar em termos de práticas educativas adotadas pelos pais no desenvolvimento dos filhos, vários estudos ligados às atitudes e comportamentos sexuais relacionam fatores familiares, como a comunicação entre os diversos membros da família e o controlo parental, como interferirem nas atitudes sexuais dos adolescentes (Neves, 2011; Quintal, 2012). Foi igualmente verificado que, quanto mais a família promove a proximidade afetiva e a autonomia em termos de responsabilização, menores serão os índices de permissividade sexual nos jovens. Destacamos um estudo realizado por Matos (2007), em que se verificou que existe uma correlação significativa relativamente ao “Conforto ao falar sobre sexualidade e métodos contraceptivos com o adolescente” e a adaptabilidade e coesão familiar. A maioria dos estudos revela serem os pais os mais influentes em termos de opiniões, crenças e atitudes sexuais.

Isto parece ir de encontro aos resultados do nosso estudo, em que se pretendeu verificar em que medida a cultura organizacional da família influencia as atitudes do adolescente face à sexualidade. Através do teste de correlação de Spearman, verificou-se uma correlação positiva, significativa com a dimensão da cultura das relações interpessoais, onde figuram características como coesão, afetividade e ausência de conflito que constituem fatores de proteção para o desenvolvimento dos adolescentes (Hutz, 2002). Verificou-se também uma

correlação positiva, significativa com a dimensão da cultura da heurística que perspetiva a auto-organização e autorregulação, onde os conceitos mais importantes são a capacidade adaptativa à mudança, a criatividade, a autonomia e a identidade.

Estilo parental

Alguns estudos revelam que as influências familiares podem estar associadas às atitudes sexuais, contudo na maioria parece não haver relação entre educação parental e comportamentos sexuais. No entanto, um estudo realizado por Dias e cols. (2007), mostra que o estilo parental influencia as atitudes do adolescente face à sexualidade, sendo o estilo democrático ou autoritativo, o que mais promove a confiança do adolescente.

No presente estudo, para tentar aferir se o estilo parental influencia ou não as atitudes do adolescente face à sexualidade, foi necessário avaliar se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade para os adolescentes com diferentes estilos parentais. Foi observado que não existem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos valores do índice referente ao estilo parental, embora os adolescentes com um estilo parental negligente tenham obtido valores do índice mais baixos que os restantes com uma média de ordens mais baixa (48,26). Já os adolescentes com um estilo parental autoritativo ou indulgente, foram aqueles que apresentaram uma média de ordens mais elevada, com 67,96 e 67,70, respetivamente, seguidos dos adolescentes com um estilo parental autoritário (59,59), o que nos permite concluir que o estilo parental não é significativo nas atitudes do adolescente face aos comportamentos sexuais. O estilo parental predominante percebido pelos adolescentes foi o autoritativo (38,2%), sendo também um dos mais representativos nos resultados do estudo de Costa e cols. (2000) e referido em vários estudos como o que produz melhores efeitos no desenvolvimento dos filhos. Isto talvez justifique que os resultados globais mais significativos apontem para uma atitude favorável face à sexualidade por parte de praticamente metade dos jovens.

Pela análise em separado das escalas podemos observar, no entanto, uma correlação positiva entre o índice da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes e a responsividade parental ($\rho=0,181$; $p=0,048$), já não se observando o mesmo para a exigência parental.

Profissão dos pais

Vários estudos têm considerado fatores sociodemográficos, como o nível cultural e a classe social dos pais, como determinantes da sexualidade (Antunes, 2007). No nosso estudo, foi considerada a hipótese de diferenças de atitudes sexuais relativamente à profissão dos pais que atualmente está relacionada com a formação. No sentido de aferir se a profissão dos pais tem influência nas atitudes do adolescente face à sexualidade, foi necessário verificar se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente face à sexualidade para as várias categorias de profissões.

De acordo com os resultados, podemos concluir que embora a profissão do pai não permita verificar a existência de diferenças estatisticamente significativas relativamente às atitudes dos adolescentes relativamente à sexualidade para as várias categorias da profissão do pai, tal já se verifica para a profissão da mãe. Constatou-se que as categorias de profissões que apresentam valores médios do índice mais elevados são as categorias dos “Quadros superiores, empresários, especialistas” e “Desempregados, domésticas e reformados”. O que corrobora a ideia de a mãe ser o membro parental de maior influência na educação dos filhos, nomeadamente como género parental de referência incluindo a sexualidade, e que estando mais disponível exerce um papel mais ativo.

Idade

Nos estudos sobre sexualidade é comum a discussão tendo em conta o sexo e a idade. A nossa amostra é constituída maioritariamente por adolescentes do género feminino (57,7%), com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos, em que o grupo de maior representatividade se situa entre os 14 e 15 anos (84,6%). De forma a verificar se a idade influencia as atitudes do adolescente relativamente à sexualidade foi necessário aferir se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente face a esta. Com os resultados foi possível concluir que, apesar de se verificarem algumas diferenças nas atitudes dos adolescentes relativamente à sexualidade para as duas classes etárias, estas não são estatisticamente significativas, existindo uma maior percentagem com a classificação de desfavorável na classe etária dos 16-17 anos (47,4% vs. 31,7%) e menor com a classificação de favorável (42,1% vs. 49,0%) na faixa etária mais baixa 14-15 anos.

Nos estudos consultados destacamos o de Antunes (2007), realizado com estudantes do ensino superior, que revela em todas as dimensões da Escala de Atitudes Face à Sexualidade (EAS), existirem diferenças significativas de acordo com a idade, exceto na dimensão comunhão e partilha. Os mais jovens apresentam valores mais altos na escala EAS, nas dimensões relativas as práticas sexuais, enquanto nas dimensões instrumentalidade e permissividade sexual eram os mais velhos que apresentavam valores mais elevados.

Género

Para tentar aferir se o género dos adolescentes da amostra em estudo influencia ou não as atitudes do adolescente face à sexualidade foi necessário avaliar se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente entre os dois géneros, tendo-se verificado que os adolescentes pertencentes ao género feminino serem aqueles com valores médios do índice mais elevados. Nesta classificação, verificou-se, através da aplicação do teste do qui-quadrado, existirem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros, existindo uma maior percentagem com a classificação de desfavorável para os elementos do género masculino (44,2% vs. 26,8%), que apresentam maior número de parceiros sexuais, adotam mais comportamentos de risco e detêm maior número de experiências de relacionamento íntimo e sexual.

Já o género feminino foi o que apresentou uma maior percentagem com a classificação de favorável (59,2% vs. 32,7%).

Diversos estudos revelam que existem diferenças entre os dois sexos no que se refere às atitudes sexuais, sendo os rapazes mais liberais e permissivos que as raparigas. Os estudos consultados sobre a temática, são consensuais no que se refere a este apeto quando comparados os dois géneros (Abreu, 2010; Antunes, 2007; Ferreira & Torgal, 2011; Saavedra, Magalhães, Soares, Ferreira & Leitão, 2007).

Destes, destacamos o estudo de Antunes (2007), realizado com um grupo de 960 estudantes do 1º ano do ensino superior de instituições de ensino de Coimbra, que evidencia diferenças de género com significado estatístico no que respeita às atitudes sexuais em todas as dimensões da EAS, demonstrando que os homens têm uma atitude mais permissiva e visando a obtenção de prazer meramente físico, enquanto as mulheres mostram atitudes de maior concordância para atitudes relativas ao planeamento familiar e educação sexual. Este dado

parece-nos traduzir uma questão cultural relativamente aos comportamentos que são esperados do género feminino, continuando as raparigas a manifestar comportamentos muito condicionados por padrões culturais, sociais e parentais, tendendo a ser mais responsivas.

Ainda relativamente às atitudes dos adolescentes face à sexualidade, pudemos constatar que quanto à utilização de métodos contraceptivos e conhecimentos de prevenção das infeções de transmissão sexual, neste estudo, se salienta o elevado número de adolescentes que refere não usar qualquer tipo de contraceção (60,5%), atingindo os 65,9% no caso dos adolescentes do género feminino, indo de encontro aos estudos de Marques e cols. (2006), revelando que apesar de terem conhecimento não adotam comportamentos sexuais seguros. No estudo de Schor e cols. (1998), a pílula constitui o método de que os adolescentes têm maior conhecimento como contraceptivo mas a sua utilização é mínima, tal como se verificou nos resultados do nosso estudo em que apenas 16,7, % das raparigas refere utilizar. Entendemos, por isso, que existe uma lacuna entre conhecer e utilizar a contraceção.

4.2. Quanto aos dados do contexto da sexualidade

Educação sexual na escola

Atualmente, as tarefas exigidas ao professor são muitas e diversificadas, constituindo a implementação da educação sexual nas escolas uma tarefa complexa. Apesar de alguns professores demonstrarem alguma renitência em abordar estas questões, estudos demonstram que a maioria tem uma atitude positiva quanto à sua implementação, demonstrando também um nível alto de conhecimento e conforto em abordar a temática (Matos, 2007; Reis & Vilar, 2004).

Para tentar aferir se o facto de durante as aulas os adolescentes terem abordado o tema da sexualidade/contraceção influenciou ou não as atitudes do adolescente face à sexualidade, foi necessário aferir se existiam diferenças estatisticamente significativas no valor do índice da escala de atitudes do adolescente entre os que disseram ter abordado o tema e os que disseram não ter abordado o tema.

Não foram encontradas diferenças significativas no que toca às atitudes e comportamentos sexuais. De acordo com os resultados é possível concluir que apesar de se verificarem algumas diferenças nas atitudes dos adolescentes relativamente à sexualidade entre os dois

grupos em estudo, estas não são estatisticamente significativas. Salientamos, no entanto, que o número da amostra pertencente ao grupo que negou ter falado de sexualidade/contraceção durante as aulas é de apenas 9 adolescentes, sendo portanto muito reduzido.

Estes resultados são apoiados num estudo realizado por Neves (2011), relativamente às atitudes e comportamentos sexuais de jovens universitários, quanto às diferenças entre os grupos que tiveram formação ou não sobre sexualidade na escola, em que os resultados indicam não haver diferença no que toca às atitudes e práticas sexuais.

No entanto, a literatura refere que a maioria dos jovens considera importante a abordagem deste tema na escola, e que o contexto escolar é o local privilegiado, pois permite elaborar e planear intervenções com a participação dos alunos relativamente à construção de atitudes positivas face a si próprio e aos outros (Matos, 2007; Ramiro & Matos, 2008; Saito & Leal, 2000).

Existência de relacionamento amoroso

A existência de uma relação amorosa modifica o funcionamento de um indivíduo, pois a construção de um link amoroso é um acelerador da maturação emocional (Antunes, 2007). Vários estudos revelam que o namoro está associado ao início da atividade sexual (Borges, 2007; Reith, 2002), embora as condições para que esta aconteça sejam diferentes para ambos os géneros, exigindo muitas mulheres um certo grau de paixão ou amor como pré requisito para o sexo (Silva, 2006).

Neste estudo, os resultados vão nesse sentido, existindo uma maior percentagem com a classificação de favorável para os que namoram, sendo possível concluir que os adolescentes que detêm um relacionamento amoroso apresentam uma atitude positiva face à sexualidade e que os indivíduos do género feminino revelam índices de atitude mais elevados. Este resultado leva-nos a considerar a abordagem às questões do namoro nos programas de sexualidade, quer nas escolas quer noutros contextos, ajudando os jovens a vivenciar relacionamentos que sejam produtores de experiências positivas.

5. CONCLUSÕES

As atitudes dos adolescentes face à sexualidade são o resultado da conjugação de vários fatores, entre eles os parentais.

Em jeito de conclusão referimos o que de mais relevante encontramos neste estudo:

- i)* A escala do inventário da cultura organizacional família permitiu-nos verificar que existem bons níveis de organização e funcionalidade familiar na amostra em estudo e que a coesão e afetividade familiar constituem fatores que favorecem as atitudes dos adolescentes;
- ii)* A escala de conhecimentos sobre infeções de transmissão sexual mostra que os adolescentes detêm conhecimentos mas não os utilizam, o que vai de encontro à maioria dos estudos;
- iii)* A escala de conhecimentos sobre planeamento familiar revelou que embora conheçam, um grande número de adolescentes refere não usar qualquer tipo de contraceção (60,5%).
- iv)* A escala de atitudes face à sexualidade mostra uma atitude favorável face à sexualidade de quase metade dos adolescentes (48%) do estudo;
- v)* A escala de motivação para fazer e não fazer sexo indica que o género masculino apresenta uma média de valores mais elevada nas motivações para fazer e não fazer sexo;
- vi)* Nos estilos parentais observados pelas escalas de exigência e responsividade parental destaca-se o estilo parental autoritativo (38,2%), estando de acordo com as conclusões do estudo de Costa e cols. (2000), onde os resultados obtidos foram similares, para uma grande parte dos adolescentes, nomeadamente os do género feminino (42,3% vs 32,7%), em que os seus pais são responsivos mas também são exigentes, impondo-lhes limites.

Relativamente ao conhecimento sobre meios contraceptivos e infeções de transmissão sexual, os adolescentes mostram que detêm conhecimentos mas não adotam comportamentos sexuais

seguros. De salientar neste estudo, o elevado número de adolescentes que refere não usar qualquer tipo de contraceção (60,5%), atingindo os 65,9% no caso dos adolescentes do género feminino, o que nos leva a considerar a importância de repensar a abordagem destas questões com os jovens. Estes resultados são refletidos também em outros estudos (Taquette et al., 2004).

Podemos verificar neste estudo uma atitude mais liberal e comportamentos mais permissivos no género masculino relativamente à sexualidade, sendo estes que detêm um maior número de experiências sexuais assim como de parceiros. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre géneros no que se refere já terem tido relações sexuais (26,9% dos adolescentes do género masculino contra apenas 11,3% do género feminino), já não se verificando diferenças quanto à idade da primeira relação sexual. Estes resultados vão de encontro ao verificado noutros estudos (Neves, 2011; Oliveira, 2011). A maioria refere como idade da primeira relação sexual os 14 anos ou mais em ambos os géneros, mantendo-se a tendência de estudos anteriores (Matos, 2012).

Quanto à educação sexual na escola, a maioria refere ter falado de sexualidade/contraceção (92,7%), referindo também ter aprendido algo novo e ter sido útil, o que nos leva a considerar a importância da continuação destes programas em meio escolar.

Resumindo, os resultados obtidos neste estudo revelam que os fatores parentais que influenciam significativamente as atitudes dos adolescentes face à sexualidade são o género parental de referência e a profissão da mãe, já o estilo parental não revelou diferenças significativas. O contexto familiar torna-se importante na adoção de comportamentos sexuais saudáveis dos jovens, existindo uma correlação altamente significativa relativamente ao conforto em falar de sexualidade com o adolescente, e a adaptabilidade e coesão familiar, indo de encontro aos resultados do estudo de Hutz (2002). Depreendemos com estes resultados que o papel da família é importante e decisivo no acompanhamento do adolescente nesta fase ajudando-o a definir o grupo sexual de pertença, as atitudes face aos meios contraceptivos, os comportamentos e as práticas sexuais e o modo de prevenir as doenças de transmissão sexual.

Existe uma grande diferença de géneros relativamente aos comportamentos sexuais adotados pelos jovens, o que nos leva a pensar que o sexo feminino continua mais condicionado pelos valores culturais e pela sociedade, tendo-se verificado esta distinção também no estudo de

Neves (2011). Percebe-se uma grande dificuldade dos pais e educadores em abordar estas questões, em que a maioria dos jovens procura informação sobre sexualidade com os amigos (71,5%), sendo este resultado evidenciado no estudo de Brêtas e cols. (2003), e quanto ao membro parental mais procurado pelos adolescentes para este tipo de informação é a mãe, tanto para rapazes como raparigas, tal como se verifica na maioria dos estudos.

Neste momento, o nosso contributo tem a ver com algumas sugestões que possam contribuir para uma vivência com o maior número de experiências positivas para os jovens e também para ajudar os pais a compreender a importância do seu contributo nesta parte da educação dos seus filhos.

Assim, esta temática deve ser um tema de discussão e debate entre pais, educadores e profissionais de saúde, tendo como objetivo encontrar formas de informar e orientar os jovens para que protejam ao máximo a sua iniciação sexual, ajam com responsabilidade, tenham autoestima e não corram riscos desnecessários. É, por isso, fundamental que os adultos, famílias e educadores que acompanham o adolescente, transmitam o que são comportamentos de risco, através de atitudes e comportamentos adequados perceptíveis pelos jovens como corretos.

Consideramos que um trabalho de orientação para pais seria uma forma de os ajudar a lidar com estas questões dos seus filhos adolescentes. Como podemos inferir das respostas do nosso estudo efetuadas aos pais, estes mostram dificuldade em abordar os filhos sobre sexualidade e em responder às suas perguntas, e a diferença de géneros, para alguns, constitui mais uma barreira. Talvez uma cooperação entre escola, profissionais de saúde e pais fosse uma estratégia para promover a saúde sexual dos jovens, possibilitando-lhes o acesso a informação válida e de qualidade, tendo não só a componente técnica e científica dos profissionais da saúde e da educação mas também a vertente afetiva transmitida pelos membros parentais.

6. BIBLIOGRAFIA

- Abreu, J.F.R. (2010). *O conhecimento e a atitude face à saúde sexual e reprodutiva: Um estudo correlacional em estudantes universitários*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Lisboa, Lisboa. Recuperado em 9 novembro, 2012, de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/1249>.
- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M., & Gaspar, M.F. (2007). *Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar*. Recuperado em 14 outubro, 2012, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2007000100009&lng=pt&nrm=iso.
- Anastácio, Z.C. (2010). *Educar para a sexualidade saudável: Quem e que contributos?* Braga: Universidade do Minho. CIFPEC. Recuperado em 10 fevereiro, 2012, de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/12205>.
- Anderson, J.C., Gerbing, D.W., & Hunter, J.E. (1987). On the assessment of unidimensional measurement: Internal and external consistency and overall consistency criteria. *Journal of Marketing Research*, 24, 432-437.
- Antunes, M.T.C. (2007). *Atitudes e comportamentos sexuais de estudantes do ensino superior*. Coimbra: Formasau.
- Bayle, F. (2005). A parentalidade. In I. Leal. (Coord.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (Cap. 12, pp. 317-346). Lisboa: Fim de Século.
- Beato, A.F.G. (2008). *Adolescer entre relações: Parentalidade, amizade e amorosidade: Que contributos na transição para a idade adulta?* Tese de mestrado não publicada, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa. Recuperado em 05 fevereiro, 2012, de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/726>.
- Benetti, S.P.C., & Balbinotti, M.A.A. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do inventário de práticas parentais. *Psico-USF*, 8 (2), pp. 103-113.
- Beserra, E.P., Pinheiro, P.N.C., & Barroso, M.G.T. (2008). Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: Uma investigação a partir de adolescentes. *Esc Anna Nery Rev Enferm.*, 12 (3), 522-528. Recuperado em 25 fevereiro, 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n3/v12n3a19.pdfem>.
- Borges, A.L.V. (2007). Relações de género e iniciação sexual em mulheres adolescentes. *Rev Esc Enferm USP*, 41 (4), 597-604.
- Borges, A.L.V., Latorre, M.R.D.O., & Schor, N. (2007). Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do Município de São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 23 (7), 1583-1594. Recuperado em 06 fevereiro, 2012, de <http://www.scielosp.org/pdf/csp/v23n7/09.pdf>.

- Borges, A.L.V., Nichiata, L.Y., & Schor, N. (2006). Conversando sobre sexo: A rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14 (3). Recuperado em 21 setembro, 2012, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692006000300017&lng=pt&nrm=iso.
- Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (2002). *Apego. A natureza do vínculo* (3a ed., vol. 1). São Paulo: Martins Fontes.
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Brás, P.M.F. (2008). *Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais atuais*. Mestrado integrado em psicologia, Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa. Recuperado em 28 outubro, 2012, http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/743/1/17380_Tese_de_Mestrado_Patricia_Bras.pdf.
- Brêtas, J.R.S., Ohara, C.V.S., Jardim, D.P., & Muroya, R.L. (2009). Conhecimentos de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis: Subsídios para prevenção. *Acta Paul. Enferm*, 22 (6) [online], 786-792. Recuperado em 06 fevereiro, 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n6/a10v22n6.pdf>.
- Brêtas, J.R.S., Silva, C.V., Rua, D.V., Querino, I.D., Aquino, P.N., Cintra, C.C., Ferreira, D., & Correa, D.S. (2003). Estudo comparativo do comportamento sexual entre adolescentes de segmentos sociais diferentes. *Acta Paul Enf*, 16 (1), 30-40. Recuperado em 06 fevereiro, 2012, de http://www.unifesp.br/denf/acta/2003/16_1/pdf/art4.pdf.
- Canavarro, M.C., & Pedrosa, A.A. (2005). Transição para a parentalidade: Compreensão segundo diferentes perspectivas teóricas. In I. Leal. (Coord.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (Cap. 9, pp. 225-255). Lisboa: Fim de Século.
- Churchill, G.A. (1979). A paradigm for developing better measures of marketing constructs. *Journal of Marketing Research*, 16, 64-73.
- Costa, M.C.O., Lopes, C.P.A., Souza, R.P., & Patel, B.N. (2001). *Sexualidade na adolescência: Desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção*. Recuperado em 25 fevereiro 2013, de <http://xa.yimg.com/kq/groups/24183809/1088503755/name/port-4.pdf>.
- Costa, F.T., Gomes, W.B., & Teixeira, M.A.P. (2000). Responsividade e exigência: Dois questionários para avaliar estilos parentais. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 13 (3), 465-473.
- Cronbach, L.J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 31, 93-96.
- Dias, A.C.G., & Gomes, W.B. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: A percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*, 4 (1), 79-106. Recuperado em 05 fevereiro, 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v4n1/a06v04n1.pdf>.
- Dias, S., Matos, M.G., & Gonçalves, A. (2007). Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. *Análise Psicológica*, 25 (4), 625-634.
- Domingos, S.M.D. (2005). Encadernar a metodologia? Problema epistemológico e ou teórico. *Nursing*, 16 (204), 22-27.

- Ferreira, M.M.S.R.S., & Torgal, M.C.L.F.P.R. (2011). Estilos de vida na adolescência: Comportamento sexual dos adolescentes portugueses. *Rev Esc Enferm USP*, 45 (3), 589-595. Recuperado em 09 novembro, 2012, de http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n3/v45_n3a06.pdf.
- Field, A.P. (2005). *Discovering statistics using SPSS for Windows*. London: Sage.
- Fortin, M., Côté, J., Filion, F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lisboa: Lusodidacta.
- Fortin, M.-F., Côté, J., & Vissandjée, B. (2003). As etapas do processo de investigação. In M.-F. Fortin, *O processo de investigação da concepção à realização* (Cap. 3, pp. 35-43). Loures: Lusociência.
- Fortin, M-F. (2003). Métodos de amostragem. In M-F. Fortin, *O processo de investigação da concepção à realização* (Cap. 15, pp. 201-214). Loures: Lusociência.
- Gil, A. C. (1996). *Como elaborar projetos de pesquisa* (3a ed.). São Paulo: Atlas.
- Hair, J.F., Black, W.C., Babin, B.J., & Anderson, R.E. (2009). *Multivariate data analysis* (7th ed.). Londres: Prentice-Hall.
- Hattie, J. (1985). Methodology review: Assessing unidimensionality of tests and items. *Applied Psychological Measurement*, 9, 139-164.
- Huot, R. (2002). *Métodos quantitativos para as ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Hutz, S.C. (2002) *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, Livraria e Editora.
- Jardim, D.P. (2006). Orientação sexual na escola: A concepção dos professores de Jandira – SP. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59 (2), 157-162. Recuperado em 12 junho, 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf>.
- Lamborn, S., Mounts, N., Steinberg, L., & Dornbusch, S. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful homes. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Leal, I., & Maroco, J. (2010). *Avaliação em sexualidade e parentalidade*. Porto: Legis.
- Lei n.º 60/2009*, de 6 de agosto. Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar. D.R. 151. Série I.
- Lopez, F. & Fuertes, A. (1999). *Para compreender a sexualidade*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E.M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com a utilização do SPSS* (3a ed.). Lisboa: Edições Silabo.
- Marques, E.S., Mendes. A.D., Tornis, N.H.M., Lopes, C.L.R., & Barbosa, M.A. (2006). O conhecimento dos escolares adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. *Revista Electrónica de Enfermagem*, 08 (01), 58-62.

- Martini, J.G., & Bandeira, A.S. (2003). Saberes e práticas dos adolescentes na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. *Rev Bras Enferm*, 56 (2), 160-163. Recuperado em 06 dezembro, 2011, de <http://www.scielo.br/pdf/reben/v562/a1>.
- Martins, L.B.M., Costa-Paiva, L.H.S., Osis, M.J.D., Sousa, M.H., Pinto-Neto, A.M., & Tadini, V. (2006). Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 22 (2), 315-323. Recuperado em 01 fevereiro, 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n2/09.pdf>.
- Martins, T.T., Nunes, C., Silva, A.M., & Garcia, M.S. (2008). Fontes de informação, conhecimentos e uso do preservativo em estudantes universitários do Algarve e de Huelva. *Psico.*, 39 (1), 7-13. Recuperado em 03 novembro, 2012, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revista-psico/article/viewFile/2820/2789>.
- Matos, I.M.F. (2007). *Família e comportamentos sexuais de risco nos adolescentes*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Aveiro. Recuperado em 02 fevereiro, 2012, de <https://ria.ua.pt/handle/10773/4744>.
- Matos, M.G. (Coord.) (2008). *Sexualidade, segurança & Sida: Estado da arte e propostas em meio escolar*. Lisboa: CMDT-LA, FMH e FCT.
- Matos, M.G. (Coord.). (2012). *A saúde dos adolescentes portugueses. Relatório do estudo HBSC 2010* (Projeto Aventura Social). Recuperado em 24 fevereiro, 2013, de http://aventasocial.com/arquivo/1303144700_Relatorio_HBSC_adolescentes.pdf.
- McDonald, R.P. (1981). The dimensionality of tests and items. *British Journal of Mathematical and Social Psychology*, 34, 100-117.
- Mosmann, C. (2007). *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Faculdade de Psicologia*. Tese de doutoramento não publicada. Porto Alegre, Junho 2007.
- Nave, F.J.G.M. (2006). *Os padrões da cultura organizacional da família. Uma abordagem da funcionalidade familiar, numa perspetiva organizacional*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Algarve.
- Nelas, P., Silva, C., Ferreira, M., Duarte, J., & Chaves, C. (2010). Construção e validação da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (AFSA). In *Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigação e práticas* [ebook] (180-184). Braga: Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho. Recuperado em 01 novembro, 2012, de http://www.fpccsida.org.pt/images/stories/Livro_I_CISES.pdf.
- Neves, M.C.S. (2011). *Atitudes e comportamentos sexuais de jovens universitários*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de ciências da Saúde.
- Nodin, N. (2000). *Os jovens portugueses e a sexualidade em finais do século XX*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família.
- Nunnally, J.L. (1979). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Oliveira, V.C.M. (2011). *Sexualidade adolescente: Motivação para fazer ou não fazer sexo*. Tese de mestrado não publicada, Escola Superior de Saúde de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, Viseu.

- Pacheco, J.T.B., Silveira, L.M.O.B., & Schneider, A.M.A. (2008). Estilos e práticas educativas parentais: Análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. *Psico*, 39 (1), 66-73. Recuperado em 02 novembro, 2012, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1480/2797>.
- Pereira, C. (2002). *A sexualidade na Adolescência: Os valores hierárquicos e igualitários na construção da identidade e das relações afectivo-sexuais dos adolescentes*. Dissertação de mestrado não publicada, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Recuperado em 20 setembro, 2012, de <http://teses.icict.fiocruz.br/pdf/paulocm.pdf>.
- Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (3a ed. rev. e aum.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Peter, J.P. (1979). Reliability: A review of psychometric basics and recent marketing practices. *Journal of Marketing Research*, 16, 6-17.
- Polit, D., & Hungler, B.P. (1995). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem* (3a ed.). São Paulo: Artes Médicas.
- Quintal, M. (2012). *A comunicação entre pais e filhos: Perspetivas parentais sobre educação sexual*. Mestrado integrado em psicologia, Universidade de Lisboa, Faculdade de psicologia. Recuperado em 09 novembro, de http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6887/1/ulfpie040134_tm.pdf.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L.V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais* (2a ed.). Lisboa: Gradiva.
- Ramiro, L. & Matos, M.G. (2008). Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. *Revista de Saúde pública*. Recuperado em 21 setembro, 2012, de <http://www.scielo.org/pdf/rsp/2008nahead/6685.pdf>.
- Ramiro, L., Reis, M., Matos, M.G., Diniz, J.A., & Simões, C. (2011). Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 29 (1). Recuperado em 03 novembro, 2012, de http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-90252011000100003&script=sci_arttext&tlng=en.
- Reichert, C.B. (2006). *Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais*. Tese de doutoramento não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-Faculdade de psicologia. Porto Alegre
- Reis, M.H., & Vilar, D. (2004). *A implementação da educação sexual na escola: Atitudes dos professores*. Recuperado em 09 novembro, 2012, de http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S087082312004000400008&script=sci_arttext.
- Reith, F. (2002). A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. Universidade Federal de Pelotas, Brasil. *Horiz. Antropol*, 8 (17), 77-91.
- Relvas, A.P. (2000). *O ciclo vital da família: Perspetiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, M.I.B., & Fernandes, A.J.G. (2009). Comportamentos sexuais de risco em estudantes do ensino superior público da cidade de Bragança. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10 (1), 99-113. Recuperado em 10 fevereiro, 2012, de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v10n1/v10n1a08.pdf>.

- Robinson, J.P., Shaver, P.R., & Wrightsman, L.S. (1991). Criteria for scale selection and evaluation. In J.P. Robinson, P.R. Shaver & L.S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes*. San Diego, CA: Academic Press.
- Romero, K.T., Medeiros, E.H.R., Vitale, M.S.S., & Wehba, J. (2007). O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. *Rev. Assoc. Med Bras*, 53 (1), 14-19. Recuperado em 12 fevereiro, 2012, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42302007000100012&script=sci_arttext.
- Saavedra, L., Magalhães, S., Soares, D., Ferreira, S., & Leitão, F. (2007). *Gênero, cultura e sexualidade em jovens portuguesas e portugueses: Um programa de educação sexual*. VI Congresso Astur-Galaico de Sociologia. Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia. Recuperado em 09 novembro, 2012, de http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7278/1/17_Saavedra%20Magalhaes%20Soares%20Ferreira%20e%20Leitao_%20Genero%20cultura%20e%20sexualidade.pdf.
- Saito, M.I., & Leal, M.M. (2000). Educação sexual na escola. *Pediatria (São Paulo)*, 22 (1), 44-48. Recuperado em 05 fevereiro, 2012, de <http://www.pediatrasiapaulo.usp.br/upload/>
- Schor, N., França, A.P., Siqueira, A.A.F., Pirotta, K.C.M., Alvarenga, A.T. (1998). *Adolescência: Vida sexual e anticoncepção*. XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Recuperado em 12 fevereiro, 2012, de <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a130.pdf>.
- Silva, A.A. (2006). O conteúdo da vida amorosa de estudantes universitários. Universidade de São Paulo. *Interação em Psicologia*, 10 (2), 301-312. Recuperado em 8 dezembro, 2012, de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/7684/5481> em 08/12/2012.
- Sousa, L.B., Fernandes, J.F.P., & Barroso, M.G.T. (2006). Sexualidade na adolescência: Análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. *Acta Paul Enferm.*, 19 (4), 408-413. Recuperado em 22 setembro, 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ape/v19n4/v19n4a07.pdf>.
- Taquette, S.R., Vilhena, M.M., & Paula, M.C. (2004). Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: Estudo de fatores de risco. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 37 (3), 210-214. Recuperado em 22 setembro, 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/rsbmt/v37n3/20296.pdf>.
- Vaz, A.M.O.D.M. (2011). Atitudes e comportamentos dos adolescentes face à sexualidade. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Badajoz, Departamento de Psicologia e Antropologia, Badajoz. Recuperado em 19 setembro, 2012, de <http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/858/1/TESIS%20DOCTORAL.pdf>.
- Vilar, D. (2003). *Falar disso. A educação sexual nas famílias dos adolescentes*. Porto: Edições Afrontamento.
- Wagner, A., Ribeiro, L.S., Arteche, A.X., & Bornholdt, E.A. (1999). Configuração familiar e o bem estar psicológico dos adolescentes. *Psicol. Reflex. Crit.*, 12 (1), 147-156.

ANEXOS

Anexo A

Questionário sobre Sexualidade



Monitorização de Indicadores de Saúde Infante-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde

Este questionário faz parte de um Projecto de investigação financiado pela FCT no domínio temático da "Sexualidade Adolescente". A sua concretização só será possível graças à sua colaboração, preenchendo o questionário. Neste sentido, pedimos-lhe que o leia e responda a todas as perguntas de uma forma espontânea e sincera, de acordo com aquilo que faz, sente ou pensa. Não existem respostas correctas ou incorrectas, o que nos interessa é a sua opinião. O questionário é anónimo e confidencial. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade. Nas afirmações onde existir uma quadricula (□), deve assinalar com uma cruz (X) a(s) alínea(s) que está(ão) de acordo com o seu caso. Nas questões com um espaço em branco (____), deve responder claramente e de forma legível. Para que seja salvaguardada a validade do questionário, pedimos, por favor, que não deixe nenhuma questão por responder.

MUITO OBRIGADA

I PARTE

Sexo: Masculino Feminino Idade: ____ anos. Frequentas o ____ ano de escolaridade:

Moras em: Aldeia Vila Cidade Vives com: mãe pai avós irmãos outros _____

Profissão dos pais: Pai _____ Mãe _____

Namoras? Sim Não Se sim, namoras há menos de 1 mês Entre 1 e 6 meses Entre 6 meses e 1 ano

Entre 1 e 2 anos Mais de 2 anos

Com quem falas sobre sexualidade? Mãe Pai Amigos Namorado/a Professores Médico/Enfermeira

Irmãos No que se refere aos teus pais, na área da sexualidade, falas mais com: pai ____ mãe ____ igual para ambos ____

Durante as aulas falaste de sexualidade/contraceção? Sim não

Se respondeste sim, Aprendeste algo novo? Sim Não E achas que te foi útil? Sim não

Se não porquê? _____

Alguma vez tiveste relações sexuais? Sim Não Se sim, idade da 1ª relação sexual ____ anos

Tens relações sexuais no actual relacionamento amoroso? Sim Não

Se sim, ao fim de quanto tempo tiveste relações com o actual relacionamento amoroso?

1 semana ou menos 1 mês 1 a 3 meses 3 a 6 meses 6 meses a 1 ano 1 a 2 anos mais de 2 anos

Fazes contraceção: Sim Não Se sim, qual: Pílula Preservativo

Já fizeste contraceção de emergência: Sim Não Se sim, quantas vezes _____ Consideras importante a utilização

de preservativo nas relações sexuais? Sim Não

Utilizas o preservativo em todas as relações sexuais: Sim Não Às vezes

Experiência de relacionamento íntimo e sexual

Sim Não

	Sim	Não
Nunca tive experiência sexual		
Beijei nos lábios e abracei alguém, com carícias por cima da roupa		
Já tive intimidades, próximas do coito, inclui carícias directas em qualquer parte do corpo incluindo os genitais		
Já tive experiência de ter chegado ao coito, à introdução do pénis dentro da vagina, com apenas uma pessoa		
Já tive relações sexuais coitais com mais que uma pessoa		

INVENTÁRIO DA CULTURA ORGANIZACIONAL DA FAMÍLIA

Da lista de afirmações que se seguem, deve responder a **todas as questões**, sinalizando com um (X) na opção que melhor corresponde à sua **opinião geral** sobre as características da sua família. A sua escolha, **deve ser feita com base na sua opinião pessoal**. As suas respostas são confidenciais e anónimas, apenas de interesse científico e usadas para análises estatísticas.

As respostas devem traduzir a frequência com que a família vive o que cada afirmação contém, e variam entre o **NUNCA (...)** e o **SEMPRE**.

NA MINHA FAMÍLIA:

1	2	3	4	5	6
Nunca	Quase nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Quase sempre	Sempre

Afirmações		1	2	3	4	5	6
1	Gostamos de fazer coisas em conjunto						
2	É claro o papel que cada um tem para desempenhar						
3	Gostamos que os outros nos reconheçam como uma "boa família"						
4	Quando as "crises" são ultrapassadas, a família fica mais forte						
5	Sentimos que pertencemos uns aos outros						
6	Cada um sabe o lugar que ocupa						
7	Basta um olhar para nos entender-mos						
8	Preocupamo-nos com as relações sociais (amigos, escola, trabalho, restante família)						
9	Cada um arruma o que é seu						
10	Sentimo-nos integrados no meio onde vivemos						
11	O ambiente é de "guerra" aberta						
12	Compreendemo-nos uns aos outros						
13	Todos sabem até onde podem ir						
14	Somos distantes uns dos outros						
15	Podemos expressar os nossos sentimentos						
16	Recebemos carinho uns dos outros						
17	Cada um sabe como comportar-se fora de casa						
18	Quando alguém tem dificuldades, todos procuram ajudar						
19	As regras são cumpridas						
20	Há espaço para que cada um faça o que gosta						
21	Encontram-se soluções para os problemas						
22	Cada um pode lidar à sua maneira com as novas situações						
23	Preocupamo-nos com a imagem que transmitimos						
24	Preocupamo-nos com o que os outros possam dizer						
25	Fazemo-nos entender						

ESCALA DE CONHECIMENTOS SOBRE INFECÇÕES DE TRANSMISSÃO SEXUAL (CITS)

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo muito	Nem concordo, nem discordo	Concordo muito	Concordo totalmente

Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a conhecimentos sobre infecções de transmissão sexual. Diga qual o seu grau de concordância para cada uma delas.					
Afirmações	1	2	3	4	5
1. Existe uma infecção de transmissão sexual chamada sífilis					
2. A pílula impede a transmissão de infecções sexuais					
3. O preservativo impede sempre a transmissão de infecções sexuais					
4. O vírus da SIDA transmite-se pelo sangue					
5. O preservativo deve ser sempre utilizado nas relações sexuais					
6. Um beijo na boca pode transmitir infecções sexuais					
7. A hepatite também se transmite sexualmente					
8. A saliva transmite o vírus da SIDA					
9. O herpes genital é uma infecção de transmissão sexual					
10. As infecções sexualmente transmissíveis podem ser transmitidas de pais para filhos					
11. Existem diferentes infecções que podem ser contraídas por contacto sexual, não existindo tratamento eficaz para algumas					
12. A prevenção contra infecções sexualmente transmissíveis depende muito de nós					
13. Evitar experiências amorosas ocasionais com desconhecidos é uma atitude sensata para prevenir as infecções					
14. Quando inicio as relações sexuais devo ir ao médico regularmente para prevenir as infecções sexualmente transmissíveis					
15. Posso ter relações sexuais ocasionais pois a probabilidade de me transmitirem infecções sexuais é rara					
16. Na primeira relação sexual não é necessário usar preservativo					
17. Não é necessário usar o preservativo quando se toma a pílula					
18. O uso de contraceptivos é tanto da responsabilidade da rapariga como do rapaz					
19. O uso de preservativo serve apenas para evitar a gravidez					
20. Pensar que posso contrair uma infecção sexualmente transmissível impede-me de ter relações sexuais					

ESCALA DE CONHECIMENTOS SOBRE PLANEAMENTO FAMILIAR (CPF)

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo muito	Nem concordo, nem discordo	Concordo muito	Concordo totalmente

Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a conhecimentos sobre planeamento familiar. Diga qual o seu grau de concordância para cada uma delas.

Afirmações	1	2	3	4	5
1. O planeamento familiar evita gestações indesejáveis					
2. O planeamento familiar evita a menstruação					
3. Os métodos contraceptivos evitam as menstruações					
4. A pilula é um método contraceptivo de barreira					
5. É muito difícil engravidar na primeira relação sexual					
6. É muito difícil engravidar na primeira relação sexual					
7. Há cuidados especiais na colocação do preservativo					
8. A pilula evita uma gravidez não desejada					
9. O preservativo é um método anticoncepcional de barreira que deve ser colocado antes da penetração					
10. O método do gráfico das temperaturas para ver quando ocorre a ovulação é aconselhado em adolescentes					
11. O período fértil na mulher ocorre por volta do 15 dia do ciclo menstrual					
12. O preservativo só se deve utilizar se não se conhecer bem o parceiro					
13. A laqueação das trompas não é aconselhada a adolescentes					
14. A duração mais frequente do ciclo é de 28 a 30 dias					
15. Se pretendo iniciar a vida sexual devo consultar um profissional de saúde					
16. Deve-se verificar a validade do preservativo					
17. As raparigas só engravidam se tiverem um orgasmo					
18. O uso de contraceptivos é da responsabilidade da rapariga pois é ela que engravida					
19. Os jovens de hoje têm fácil acesso à informação sobre métodos anticoncepcivos					
20. O uso do preservativo diminuiria o prazer sexual e por isso nunca o usaria					
21. Se tiver uma relação sexual não protegida devo tomar a pilula do dia seguinte se não quiser engravidar					
22. Não uso preservativo porque tenho sempre a(o) mesmo parceira (o)					

ESCALA DE ATITUDES FACE À SEXUALIDADE EM ADOLESCENTES
(Nelas, Silva, Ferreira, Duarte & Chaves, 2010)

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo muito	Nem concordo, nem discordo	Concordo muito	Concordo totalmente

Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a atitudes face à sexualidade em adolescentes. Diga qual o seu grau de concordância para cada uma delas.

Afirmações	1	2	3	4	5
1-Para namorar basta que alguém goste de mim					
2-Só me sinto bem se fizer tudo o que os meus amigos fazem					
3-A procura da independência faz parte da adolescência					
4-O desgosto amoroso só me acontece a mim					
5-A primeira relação sexual deveria ser sempre com alguém que eu amo					
6-Considero-me bastante tolerante com as outras pessoas					
7-Sou agradável no contacto com os outros					
8-Para mim é muito importante ter um(a) namorado(a) com quem tenha uma boa relação					
9-As raparigas que tomam a pílula são raparigas fáceis					
10-Só vou ter relações com o meu namorado/a se tiver a certeza que vou casar com ele/a					
11-As mulheres devem ser mais passivas na sexualidade do que os homens					
12-Para as raparigas a sexualidade não é tão importante como para os rapazes					
13-As relações sexuais só deveriam acontecer para ter filhos					
14-Seria incapaz de falar de assuntos sobre a sexualidade com os meus pais					
15-A masturbação nas mulheres é tão normal como nos homens					
16-Não acho mal ter relações sexuais contra a minha vontade					
17-Os jovens com um melhor entendimento sobre educação sexual sentem-se melhor consigo próprios					
18-A educação sexual é tão importante nos rapazes como nas raparigas					
19-Só os rapazes deveriam ter educação sexual					
20-A educação sexual dos rapazes e das raparigas deve ser diferente					
21-A mulher não deve ter relações sexuais antes do casamento					
22-As relações sexuais entre namorados são perfeitamente normais					
23-A masturbação é prejudicial para a saúde, por isso evito praticá-la					
24-Não consulto livros de sexualidade pois só mostram porcarias					
25-As relações sexuais antes do casamento são um pecado					
26-Antes do casamento só são aceitáveis carícias, sem relações sexuais completas					

ESCALA DE ATITUDES FACE AO PRESERVATIVO

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo muito	Nem concordo, nem discordo	Concordo muito	Concordo totalmente

Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a atitudes face ao preservativo. Diga qual o seu grau de concordância para cada uma delas.

Afirmações	1	2	3	4	5
1. Previnem a gravidez					
2. Há que saber onde os comprar					
3. Embaraçoso, incómodo, complicado de usar					
4. Tranquilizam e dão segurança à relação					
5. Podem estar defeituosos					
6. Não têm contra-indicações					
7. Rompem com o romantismo da situação					
8. Permitem ter relações sexuais com várias pessoas, sem correr riscos					
9. Interrompem o acto sexual					
10. Não é natural, é artificial					
11. São baratos					
12. Previnem doenças sexualmente transmissíveis					
13. Diminuem o prazer					
14. Sinto-me incomodado/a e culpado/a por andar com eles					
15. São fáceis de obter					
16. É inseguro, tenho dúvidas da sua eficácia					
17. Preocupa-me que os encontrem em minha casa					
18. São simples e fáceis de utilizar					
19. Rompem-se com facilidade, são frágeis					
20. A sua colocação é um jogo erótico					
21. Tenho vergonha de os comprar					
22. Se os tenho, dá a sensação que tenho relações com qualquer pessoa					
23. Tem que se saber usá-lo, pô-lo					
24. Previnem a sida					

ATITUDES FACE À PÍLULA ANTICONCEPTIVA

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo muito	Nem concordo, nem discordo	Concordo muito	Concordo totalmente

Indicam-se abaixo algumas afirmações relativas a atitudes face à pílula anticonceptiva. Diga qual o seu grau de concordância para cada uma delas.

Afirmações	1	2	3	4	5
1. Previne a gravidez					
2. Há que saber onde as comprar					
3. Embaraçosa, incômoda, complicada de usar					
4. Tranquilizam e dão segurança à relação					
5. Podem estar defeituosas					
6. Não têm contra-indicações					
7. Permitem ter relações sexuais com várias pessoas, sem correr riscos					
8. Não é natural, é artificial					
9. São baratas					
10. Previnem doenças sexualmente transmissíveis					
11. Sinto-me incomodada e culpada por andar com elas					
12. São fáceis de obter					
13. É insegura, tenho dúvidas da sua eficácia					
14. Fazem engordar					
15. Preocupa-me que as encontrem em minha casa					
16. São simples e fáceis de utilizar					
17. Tenho vergonha de as comprar					
18. Se as tenho, dá a sensação que tenho relações com qualquer pessoa					
19. Utilizam-se só no momento da relação sexual					
20. Previnem a sida					

ESCALA DE MOTIVAÇÃO PARA FAZER E PARA NÃO FAZER SEXO

(Alferes, 1997; Gouveia, Leal, Maroco & Cardoso, 2010)

As afirmações do quadro seguinte pretendem identificar algumas razões ou motivos para ter ou não ter relações sexuais. Mesmo que ainda não tenhas tido nenhuma relação sexual, diz qual a importância que atribuis a cada uma das afirmações.

Nada Importante Muito Importante

Afirmações	1	2	3	4	5
1 – Por mero prazer					
2 – Porque o meu namorado (a) quer					
3 – Para agradar ao meu namorado (a)					
4 – Para seduzir					
5 – Para aliviar a tensão sexual					
6 – Por curiosidade					
7 – Por divertimento e/ou brincadeira					
8 – Por me sentir comprometido (a)					
9 – Porque é indispensável à saúde física e mental					
10 – Por medo de doenças venéreas					
11 – Por medo da SIDA					
12 – Por medo de uma gravidez					
13 – Por não gostar de usar contraceptivos					
14 – Por desinteresse					
15 – Por falta de oportunidade ou incapacidade de encontrar um namorado (a) de quem goste suficiente					
16 – Por não gostar de sexo					
17 – Por não conhecer o namorado(a) há tempo suficiente					
18 – Porque é imoral					

ESCALA DE EXIGENCIA PARENTAL

(Fabiana T. da Costa; Marco A. P. Teixeira & William B. Gomes, 2000)

Relativamente às questões que se seguem e, pensando no relacionamento que tens com os teus pais, responde de acordo com o que parece ser mais o teu caso.

Até que ponto os teus pais tentam saber...	Não tentam	Tentam pouco	Tentam bastante
Onde tu vais quando saís até mais tarde?			
O que fazes com o teu tempo livre?			
Onde estás quando não estás na escola?			

Até que ponto os teus pais realmente sabem...	Não sabem	Sabem pouco	Sabem bastante
Onde tu vais quando saís?			
O que fazes com o teu tempo livre?			
Onde estás quando não estás na escola?			

ESCALA DE RESPONSABILIDADE PARENTAL

(Fabiana T. da Costa; Marco A. P. Teixeira & William B. Gomes, 2000)

A respeito dos teus pais considera os seguintes itens:	Quase nunca	Às vezes	Geralmente
Posso contar com a sua ajuda caso tenha algum tipo de problema			
Incentiva-me a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça			
Incentiva-me a pensar de forma independente			
Ajuda-me nos trabalhos da escola quando tenho alguma dúvida			
Quando quer que eu faça alguma coisa, explica-me porquê			
Quando tu tiras uma boa nota na escola, com que frequência os teus pais te elogiam?			
Quando tu tiras uma nota baixa na escola, com que frequência os teus pais te encorajam a esforçar-te mais?			

	Não sabe	Sabe pouco	Sabe bastante
Os teus pais realmente sabem quem são os teus amigos			

	Quase nunca	Às vezes	Quase sempre
Com que frequência os teus pais passam tempo a conversar contigo			
Com que frequência te reúnes com os teus pais para fazerem juntos alguma coisa agradável			

Muito obrigada pela sua colaboração

Entidades Financiadoras:



Anexo B

Pedido de autorização para utilização da Escala de Exigência Parental e
Escala de Responsividade Parental

Re: pedido de utilização de escalas de responsividade e exigência parental

De: **William B. Gomes** (gomesw@ufrgs.br)
Enviada: quarta-feira, 29 de Fevereiro de 2012 13:17:27
Para: Elisa Salgueiro (el.isasa@hotmail.com)

Prezada Acadêmica Elisa Salgueiro,

Com satisfação, agradecemos teu interesse em nosso trabalho e no uso das escalas de responsividade e exigência parental. Podes, assim, fazer uso dessas escalas para tua pesquisa, com votos de muito sucesso. Ficarei feliz em receber notícias da teu trabalho.

Atenciosamente,

--

William B. Gomes
Instituto de Psicologia - UFRGS
Email: gomesw@ufrgs.br
<http://www6.ufrgs.br/museupsi/>

Citando Elisa Salgueiro <el.isasa@hotmail.com>:

>
> Exmº Sr. Professor Doutor William B. Gomes
>
>
>
> Sou enfermeira, com
> especialidade em saúde materna e obstetrícia, e estou a fazer uma
> dissertação
> de mestrado nesta área, na Universidade de Três os Montes Alto
> Douro, cidade de
> Vila Real. Estou a fazer um estudo que faz parte de um projecto de
> investigação
> financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, este estudo integra
> uma
> investigação mais ampla, no âmbito da monitorização de indicadores de saúde
> Infanto-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde e centra-se
> essencialmente no
> Estudo de Indicadores de Educação Sexual e Reprodutiva em
> Adolescentes. Sendo o
> objectivo do meu estudo perceber quais os factores parentais que
> influenciam as
> atitudes dos adolescentes face à vivência da sexualidade, vinha pedir
> autorização para a utilização das escalas de responsividade e exigência
> parental, que validou e que utilizou no seu trabalho "Responsividade e
> exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais".
>
> Se autorizar, agradecia
> que me respondesse com a maior brevidade possível pela necessidade de dar
> seguimento ao meu trabalho.
>

28/12/12

Mensagem de Impressão do Hotmail

>
>
> Agradeço a
> disponibilidade e atenção
>
>
>
> Vila real, Portugal, Fevereiro de
> 2012
>
>
>
>
> Elisa Salgueiro
>
>
>
> Contacto:965604387

Anexo C

Questionário dirigido aos pais

Monitorização de Indicadores de Saúde Infanto-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde

Este questionário complementa um Projecto de investigação financiado pela FCT no domínio temático da "Sexualidade Adolescente". A sua concretização só será possível graças à sua colaboração, preenchendo o questionário. Neste sentido, pedimos-lhe que o leia e responda a todas as perguntas de uma forma espontânea e sincera, de acordo com aquilo que faz, sente ou pensa. Não existem respostas correctas ou incorrectas, o que nos interessa é a sua opinião. O questionário é anónimo e confidencial. Desde já agradecemos a sua colaboração e disponibilidade. Nas questões com um espaço em branco (____), deve responder claramente e de forma legível. Para que seja salvaguardada a validade do questionário, pedimos, por favor, que não deixe nenhuma questão por responder. Estando ambos os pais a viver na mesma habitação, gostaríamos, que o questionário fosse respondido pelos dois.

Muito obrigada

Idade do pai ___ anos Escolaridade _____ Profissão _____

Idade da mãe ___ anos Escolaridade _____ Profissão _____

Situação conjugal: Casados ___ União estável ___ Divorciados ___ Solteiros ___ Novo casamento ___ viúvo ___

Quem é o encarregado de educação do/a filho/a ? Mãe ___ Pai ___ Outro _____

Das questões que se seguem relativamente ao relacionamento que tem com o seu filho/a, responda, escolhendo a opção que mais se adequa ao seu caso. As respostas devem traduzir a frequência com que cada um faz ou sente o que as afirmações contêm, e variam entre o **nunca** e o **sempre**, conforme a seguinte escala.

1	2	3	4	5	6
Nunca	Quase nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Quase sempre	Sempre

Afirmações		1	2	3	4	5	6
1	Considera as conversas com o/a seu/a filho/a importantes	Pai					
		Mãe					
2	Costuma elogiar o/a seu/a filho/a	Pai					
		Mãe					
3	Costuma perceber quando ele/a tem algum problema	Pai					
		Mãe					
4	Quando quer que ele/a faça alguma coisa explica-lhe porquê	Pai					
		Mãe					
5	Sabe onde ele/a está quando sai	Pai					
		Mãe					
6	Participa em jogos/brincadeiras com o/a seu/a filho/a	Pai					
		Mãe					
7	Costuma ajudar o/a seu/a filho/a com os trabalhos da escola	Pai					
		Mãe					
8	Tenta saber o que o/a seu/a filho/a faz com o tempo livre	Pai					
		Mãe					
9	Sabe quem são os seus amigos	Pai					
		Mãe					
10	Fala com ele/a sobre o que acontece na escola	Pai					
		Mãe					

11	De uma forma geral, sente-se capaz de responder ao seu/a filho/a a perguntas sobre sexualidade	Pai						
		Mãe						
12	Toma a iniciativa de falar com o seu filho/a sobre sexualidade	Pai						
		Mãe						
13	Consegue falar com o seu filho se o assunto for sexualidade	Pai						
		Mãe						
14	Consegue falar com a sua filha se o assunto for sexualidade	Pai						
		Mãe						
15	Quando o seu filho/a coloca perguntas sobre sexualidade, responde	Pai						
		Mãe						
16	Sente que o seu cônjuge consegue falar melhor, com o seu filho/a, no âmbito da sexualidade.	Pai						
		Mãe						

Sente-se à vontade para falar sobre sexualidade com o/a seu/sua filho/a? Se respondeu não, diga porquê.

Mãe: sim não _____

 Pai: sim não _____

Quando o seu filho/a toma a iniciativa de falar sobre sexualidade, a sua primeira reação geralmente é (escolha a opção que mais se adequa ao seu caso):

Pai	Mãe					
		Evita a resposta				
		Desvia o assunto				
		Manda perguntar ao cônjuge				
		Manda perguntar e/ou diz que responde mais tarde				
		Manda perguntar à professora				
		Diz que não é assunto para discutir ainda				
		Responde à questão				
		Outra				
		<table border="0"> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding-right: 5px;">Pai</td> <td>_____</td> </tr> <tr> <td style="border-right: 1px solid black; padding-right: 5px;">Mãe</td> <td>_____</td> </tr> </table>	Pai	_____	Mãe	_____
Pai	_____					
Mãe	_____					

Anexo D

Pedido de Consentimento Informado aos pais/encarregado de educação



Projecto de Investigação, PTDC/CPE-CED/103313/2008 –
 “Monitorização de Indicadores de Saúde Infanto-Juvenil: Impacto
 na Educação para a Saúde”

Ex.^{mo} Senhor
 Pai / Mãe ou Encarregado de Educação

Uma equipa de investigadores do Instituto Politécnico de Viseu (Escola Superior de Saúde de Viseu), da Universidade de Évora e da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, coordenada pelo Prof. Doutor Carlos Albuquerque, está a desenvolver um Projecto de Investigação designado **Monitorização de Indicadores de Saúde Infanto-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde**, aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Tendo já autorização do Ministério da Educação e Ciência e do Director da Escola que o seu filho frequenta, vimos por este meio solicitar autorização para a participação do seu educando no referido projecto de investigação, através do preenchimento de um instrumento de colheita de dados, no âmbito da sexualidade adolescente, o qual se encontra disponível para consulta junto do Director da Escola. Será garantido, pela equipa de investigação, o anonimato dos dados recolhidos, os quais se destinam unicamente à realização da referida investigação.

Neste contexto, vimos por este meio solicitar a V. Exa, se digne autorizar o seu educando a participar no estudo. Esta autorização implica assinar o documento destacável, o qual depois de assinado deve ser entregue ao Director de Turma.

Caso autorize o seu educando a participar neste estudo, agradecemos o preenchimento do questionário dirigido aos pais que complementa o mesmo, e que acompanha o presente pedido. Agradecemos desde já, a devolução do questionário juntamente com o pedido de autorização.

Agradecendo a sua colaboração, colocamo-nos à inteira disposição para um qualquer outro esclarecimento adicional, através dos números de telefone (965604387).

Gratos pela sua preciosa colaboração, subscrevemo-nos com elevada consideração.

Maio de 2012

 (Elisa Maria Fernandes Salgueiro)

.....(cortar pelo picotado e entregar ao Director de Turma).....

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ (nome completo), Encarregado de Educação do Adolescente _____ (nome completo), declaro que **autorizo** que este participe no estudo sobre Sexualidade Adolescente integrado no projecto *Monitorização de Indicadores de Saúde Infanto-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde*.

O Encarregado de Educação

 (Assinatura Legível)

____ / ____ / 20____

Anexo E

Pedido de autorização às instituições de ensino secundário para realização do estudo



Exmo Senhor Director
Escola Secundária/3 S. Pedro de Vila Real

V. Ref.: V. Data: N. Ref.ª N. Data: Maio .2012

Assunto: Pedido de Autorização para Realização de Estudo no Âmbito da Sexualidade Adolescente

Uma equipa de investigadores, coordenada pelo Prof. Doutor Carlos Albuquerque, da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Viseu, está a desenvolver o Projecto de Investigação, PTDC/CPE-CED/103313/2008 – “*Monitorização de Indicadores de Saúde Infanto-Juvenil: Impacto na Educação para a Saúde*”, aprovado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, sendo as Universidades de Évora e Trás-os-Montes e Alto Douro membros parceiros. Um dos principais objectivos é conhecer as atitudes e os conhecimentos dos adolescentes face à sexualidade.

Este projecto, envolve a recolha de dados junto de adolescentes a frequentar Escolas Públicas, a nível nacional, utilizando para tal um instrumento de colheita de dados construído para o efeito. Este, foi aprovado pela Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGDIC), com o número de registo 0071200008, conforme se encontra em anexo.

Em cada escola, seleccionada aleatoriamente, pretendemos recolher dados de adolescentes a frequentar o 9º ano de escolaridade, até perfazer os 1500 alunos (amostra total). O preenchimento do questionário tem uma duração média de 30 minutos. Assim, vimos, por este meio, pedir autorização ao Excelentíssimo Director da Escola para a aplicação do instrumento de colheita de dados, acima mencionado, aos adolescentes a frequentar o 9º ano de escolaridade.

Para que possa tomar conhecimento do instrumento de colheita de dados, enviamos em anexo um exemplar, assim como o pedido de consentimento informado a ser remetido aos Encarregados de Educação/Pais, por forma a obtermos a autorização dos mesmos.

Solicitamos a deferência deste pedido com a urgência possível, para prosseguirmos com a investigação. Mais solicitamos que por forma a se proceder a um adequado esclarecimento dos objectivos, finalidades, desenvolvimento do estudo e definição das datas de aplicação do instrumento de colheita de dados, seria oportuno agendar reuniões prévias com V. Exa.

Esperando poder contar com o seu bom acolhimento, aproveito para lhe endereçar as mais elevadas saudações académicas.

Maio de 2012

(Elisa Salgueiro)

Contactos de Referência para Esclarecimento de Dúvidas:
Elisa Salgueiro (el.isasa@hotmail.com ou 965604387/259939209).

Anexo F

Resultados do questionário dirigido aos pais

As idades do pai variam entre 35 e 68 anos, média de idade, idade mais frequente.

As idades da mãe variam entre 32 e 57 anos, média de idade, idade mais frequente.

Considera as conversas com o seu filho importantes?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	1	1,09	1	0,92
Quase nunca	1	1,09	1	0,92
Poucas vezes	2	2,18	2	1,85
Algumas vezes	7	7,63	7	6,048
Quase Sempre	17	18,53	15	13,88
Sempre	63	68,67	82	75,93
Total	91		108	
Não respondentes	17			

Percebe quando o seu filho tem problemas?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca				
Quase nunca	1	1,15		
Poucas vezes	6	6,9	3	2,86
Algumas vezes	19	21,85	8	7,62
Quase Sempre	31	35,65	36	34,29
Sempre	30	34,5	58	55,24
Total	87		105	
Não respondentes	21		3	

Quem é encarregado de educação?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
mãe	86	79,6	81,1	81,1
pai	18	16,7	17,0	98,1
outro	2	1,9	1,9	100,0
Total	106	98,1	100,0	
Missing	2	1,9		
Total	108	100,0		

Costuma elogiar o seu filho?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca				
Quase nunca	2	2,27	2	1,87
Poucas vezes	4	4,55	2	1,87
Algumas vezes	23	26,14	26	24,3
Quase sempre	31	35,23	39	36,4
Sempre	28	31,82	38	35,5
Total	88		107	
Não respondentes	20		1	

Quando quer que ele faça alguma coisa explica-lhe porquê?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	1	1,12	1	0,95
Quase nunca	1	1,12	1	0,95
Poucas vezes	6	6,72	6	5,7
Algumas vezes	15	16,8	11	10,5
Quase sempre	19	21,3	33	31,4
Sempre	47	52,6	53	50,5
Total	89		105	
Não respondentes	19		3	

Sabe onde está quando sai?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca				
Quase nunca				
Poucas vezes	5	5,68	2	1,87
Algumas vezes	11	12,5	8	7,48
Quase sempre	25	28,4	28	26,2
Sempre	47	53,4	69	64,5
Total	88		107	
Não respondentes	20		1	

Participa em jogos/brincadeiras com o seu filho/a

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	2	2,27	2	1,87
Quase nunca	3	3,40	4	3,73
Poucas vezes	13	14,8	17	15,9
Algumas vezes	38	43,2	49	45,8
Quase sempre	21	23,9	23	21,5
Sempre	11	12,5	12	11,2
Total	88		107	
Não respondentes	20		1	

Costuma ajudar os seus filhos com os trabalhos de casa?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	12	13,5	12	11,3
Quase nunca	13	14,6	11	10,4
Poucas vezes	22	24,7	25	23,6
Algumas vezes	20	22,5	26	24,5
Quase sempre	10	11,2	16	15,1
Sempre	12	13,5	16	15,1
Total	89		106	
Não respondentes		19	2	

Tenta saber o que o seu filho faz com o tempo livre?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	1	1,12		
Quase nunca	3	3,37	1	0,93
Poucas vezes	3	3,37	2	1,87
Algumas vezes	13	14,6	9	8,41
Quase sempre	24	26,9	25	23,4
Sempre	45	50,6	70	65,4
Total	89		107	
Não respondentes	19		1	

Sabe quem são os seus amigos?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca				
Quase nunca	3	3,37		
Poucas vezes	8	8,98	5	4,72
Algumas vezes	10	11,2	12	11,3
Quase sempre	25	28,1	28	26,4
Sempre	43	48,3	61	57,5
Total	89		106	
Não respondentes	19		2	

Fala com ele sobre o que acontece na escola?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca				
Quase nunca	2	2,27	1	0,93
Poucas vezes	8	9,09	4	3,74
Algumas vezes	18	20,5	11	10,3
Quase sempre	26	29,5	25	23,4
Sempre	34	38,6	66	61,7
Total	88		107	
Não respondentes	20		1	

De uma forma geral sente-se capaz de responder ao seu filho/a a perguntas sobre sexualidade?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	7	8,14	2	1,94
Quase nunca	5	5,81	1	0,97
Poucas vezes	12	14,0	8	7,77
Algumas vezes	15	17,4	10	9,70
Quase sempre	12	14,0	26	25,2
Sempre	35	40,7	56	54,4
Total	86		103	
Não respondentes	22		5	

Toma a iniciativa de falar com o seu filho/a sobre sexualidade?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	14	16,3	8	7,84
Quase nunca	18	20,9	11	10,8
Poucas vezes	17	19,8	16	15,7
Algumas vezes	15	17,4	20	19,6
Quase sempre	12	14,0	29	28,4
Sempre	10	11,6	18	17,7
Total	86		102	
Não respondentes	22		6	

Consegue falar com o seu filho se o assunto for sexualidade?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	4	5,80	3	3,61
Quase nunca	4	5,80	2	2,41
Poucas vezes	6	8,70	6	7,23
Algumas vezes	9	13,0	10	12,0
Quase sempre	20	28,9	13	15,7
Sempre	26	37,77	49	59,0
Total	69		83	
Não respondentes	39		25	

Consegue falar com a sua filha se o assunto for sexualidade?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	5	7,58	2	2,60
Quase nunca	5	7,58	2	2,60
Poucas vezes	7	10,6	6	7,79
Algumas vezes	14	21,2	6	7,79
Quase sempre	15	22,7	16	20,8
Sempre	19	28,8	45	58,4
Total	66		77	
Não respondentes	42		31	

Quando o seu filho/a coloca perguntas sobre sexualidade, responde?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	6	7,23	3	3
Quase nunca	4	4,82	3	3
Poucas vezes	5	6,02	3	3
Algumas vezes	12	14,5	7	7
Quase sempre	14	16,9	20	20
Sempre	42	50,6	64	64
Total	83		100	
Não respondentes	25		8	

Sente que o seu cônjuge consegue falar melhor com o seu filho/a, no âmbito da sexualidade?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Nunca	5	6,10	22	23,9
Quase nunca	8	9,80	8	8,70
Poucas vezes	7	8,53	18	19,6
Algumas vezes	12	14,6	9	9,78
Quase sempre	23	28,1	14	15,2
Sempre	27	32,9	21	22,8
Total	82		92	
Não respondentes	26		16	

Sente-se à vontade para falar com o seu filho/a sobre sexualidade?

	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Não	10	12,2%	3	2,94%
Sim	72	87,8%	99	97,1%
Total	82		102	
Não respondentes	26		6	

Se respondeu não, diga porquê (Mãe)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
	106	98,1	98,1	98,1	
Valid	. Os meus pais nunca falaram abertamente comigo sobre este assunto e eu sinto-me um bocado deslocada para o fazer, mas falo se perguntar.	1	,9	,9	99,1
	. Porque é um rapaz	1	,9	,9	100,0
Total	108	100,0	100,0		

Se respondeu não, diga porquê (Pai)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
	100	92,6	92,6	92,6	
Valid	Acho que a minha filha ainda é muito nova	1	,9	,9	93,5
	Diferença de sexos entre pai/filha	1	,9	,9	94,4
	Não me sinto à vontade a falar desse assunto com a minha filha	1	,9	,9	95,4
	Não sei abordar este assunto	1	,9	,9	96,3
	Porque é menina e este assunto ela trata com a mãe	1	,9	,9	97,2
	Porque é rapariga, as conversas devem ser faladas com a mãe	1	,9	,9	98,1
	Porque é uma menina, falo melhor com o meu filho	1	,9	,9	99,1
	Porque nunca tive grande abertura para falar com ele, e como ele fala com a mãe.	1	,9	,9	100,0
Total	108	100,0	100,0		

Quando o filho toma a iniciativa de falar de sexualidade (Pai)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
Valid	Desvia o assunto	4	3,7	4,0	4,0
	Manda perguntar ao cônjuge	1	,9	1,0	5,1
	Manda perguntar e /ou diz que responde mais tarde	2	1,9	2,0	7,1
	Diz que não é assunto para discutir ainda	1	,9	1,0	8,1
	Responde à questão	90	83,3	90,9	99,0
	Outros	1	,9	1,0	100,0
Total	99	91,7	100,0		
Missing	System	9	8,3		
Total	108	100,0			

Quando o filho toma a iniciativa de falar de sexualidade (Mãe)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Evita a resposta	4	3,7	4,9	4,9
	Desvia o assunto	1	,9	1,2	6,2
	Manda perguntar ao cônjuge	14	13,0	17,3	23,5
	Manda perguntar e /ou diz que responde mais tarde	1	,9	1,2	24,7
	Diz que não é assunto para discutir ainda	2	1,9	2,5	27,2
	Responde à questão	57	52,8	70,4	97,5
	Outros	2	1,9	2,5	100,0
	Total	81	75,0	100,0	
Missing	System	27	25,0		
Total		108	100,0		

Outros (Pai)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid		106	98,1	98,1	98,1
	Nunca falamos sobre tal assunto	1	,9	,9	99,1
	Responde de forma resumida e fala com o cônjuge para esclarecer (fala a sós)	1	,9	,9	100,0
	Total	108	100,0	100,0	

Outros (Mãe)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid		106	98,1	98,1	98,1
	Rir	1	,9	,9	99,1
	Se souber responder, respondo senão souber digo que não sei, depende do assunto.	1	,9	,9	100,0
	Total	108	100,0	100,0	